

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

YURI MARX SILVA MILAGRES

**O GLORIOSO RETORNO DE QUEM NUNCA ESTEVE AQUI<sup>1</sup>:**

Documento-Manifesto em busca de lógicas, estéticas e escritas decoloniais acadêmicas

Santo Antônio de Pádua, RJ  
2022

---

<sup>1</sup> Álbum Emicida, ano 2013; **Selo:** Laboratório Fantasma; **Gênero:** Hip-Hop, Rap, R&B

YURI MARX SILVA MILAGRES

**O GLORIOSO RETORNO DE QUEM NUNCA ESTEVE AQUI:**

Documento-Manifesto em busca de lógicas, estéticas e escritas decoloniais acadêmicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maristela Barenco Corrêa de Mello

Santo Antônio de Pádua, RJ

2022

YURI MARX SILVA MILAGRES

**O GLORIOSO RETORNO DE QUEM NUNCA ESTEVE AQUI:**

Documento-Manifesto em busca de lógicas, estéticas e escritas decoloniais acadêmicas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, pela Comissão Examinadora composta pelos membros:

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maristela Barenco Corrêa de Melo (Orientadora) – INFES/UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bárbara Carine Soares Pinheiro– UFBA

---

Prof. Dr. Renato Nogueira – UFRRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Pós Dr. <sup>a</sup> Maria Goretti Andrade Rodrigues – INFES/UFF

Santo Antônio de Pádua, RJ  
2022

## AGRADECIMENTOS

Aproveito esse espaço para agradecer a todos e todas que contribuíram ao longo da minha jornada com carinho, atenção, honestidade e paciência. Entre deslizes, acertos, erros, emoções e muito aprendizado, parece-me fundamental destacar algumas pessoas.

Dedico em especial esse texto à minha família, sobre a qual falarei profundamente neste documento.

Dedico ainda a meus mestres, que estiveram na minha vida, com orientações, correções, conselhos, rigor e amor.

Ao Leandro Bernardo, conhecido como Dime, treinador de futebol e minha primeira referência de mentor, uma pessoa simples, direta e generosa.

À “tia” Valéria Schmidt, professora do ensino fundamental, que marcou uma geração bem sucedida que passou por ela no Colégio Leonel Homem da Costa.

Ao Miguel Raul, educador por essência e paixão, presente como inspetor e amigo no dia a dia dos alunos do Colégio Almirante Barão de Teffé, com seu carisma e capacidade de integração.

À Carla Motta, primeira orientadora no ensino superior, que a todo o momento foi solícita e dedicada com as minhas demandas.

À Maristela Barenco, atual orientadora e amiga, em relação a qual nutro profundo carinho e admiração.

Exalto também aos amigos e amigas, que passaram e permaneceram ao longo de cada desafio e comemoração.

Ao Ciclone, o meu duplo, que é linha de força e vento forte, que me pegou na mão e como uma espécie de operador cognitivo, possibilitou-me mais do que produzir algo: evocou minha coragem para, como pesquisador, mergulhar no processo e na experiência da escrevivência.

Ao Emicida, que me inspirou com suas obras, posicionamentos e total reverência aos saberes e vivências ancestrais.

Agradeço ainda, aos que vieram antes de mim. Seja nos Quilombos, corredores da Academia, nas ruas com os Movimentos sociais ou na resistência diária de sobreviver à vida urbana e rural, todos estes abriram caminhos para que esse trabalho fosse possível.

*Meu choro não é nada além de carnaval  
É lágrima de samba na ponta do pé  
A multidão avança como vendaval  
Me joga na avenida que não sei qual é.*

Elza Soares

## RESUMO

A presente dissertação reúne um conjunto de diálogos que confronta o racismo epistêmico, e subjaz todas as lutas e conquistas no território da Academia. Estes diálogos, em forma de uma cartografia preta, compõem o meu percurso, como um estudante e pensador negro, que a todo tempo se defronta com uma estética, uma lógica e uma escrita acadêmica que não cessam de repetir regimes de verdades monológicas e coloniais. Daí o intento de cartografar um caminho que é comum a milhares de estudantes, como eu, cujas lógicas são produzidas como ausências e epistemicídios. Em uma narrativa autobiográfica, mas não individual, busco produzir a crítica às relações de ensinamentos e aprendizagens, e as postulo para além dos territórios institucionais e engessados, dos espaços chamados formais de educação, tendo em vista reverenciar os pensadores orgânicos do cotidiano e já ensaiar outras formas discursivas acadêmicas e estéticas em um documento-manifesto polifônico. Ancestralidade e afeto são fios desta pesquisa-manifesto que aqui se desenha. Em termos metodológicos, uma ficção biográfica cotidiana se entretetece ao álbum “O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui”, do rapper Leandro Roque de Oliveira, popularmente conhecido como Emicida, como um agenciamento produtor de conhecimento. Ao lado de um personagem, linha de força, o trabalho se desenha na forma de encontros potentes. Os eixos centrais desta cartografia são os conceitos de Racismo epistêmico; Centricidade; Escrevivência, Cartografia; Outras estéticas; Memórias e Oralidade. Não há pretensão aqui de descobrir a roda ou esgotar os assuntos, mas sim o desejo de inspirar a invenção de outros gêneros discursivos acadêmicos e ensaiar possibilidades narrativas outras, mais polifônicas, heterogêneas, plurais e horizontais, afinadas aos gêneros discursivos da vida, que se defrontam com epistemicídios escancarados, e anseiam forjar alternativas para as formas de ensinar e as imposições dos modos de aprender.

**Palavras-chave:** Cartografia. Centricidade. Memória. Escrevivência. Oralidade.

## ABSTRACT

The present dissertation gathers a set of conversation that shows, especially, the epistemic racism that underlies all the struggles and conquests in the Academic territory. These dialogues make up my journey, as a black student and thinker, who constantly faces an aesthetic, logic and academic writing that never cease to repeat monological and colonial regimes. So, the intention of mapping a path that is common to thousands of students, like me, whose logics are produced as absences and epistemicides. Into an autobiographical narrative, but not an individual one, I seek to produce criticism of the teaching-learning relationships, and postulate them beyond institutional and plastered territories, the so-called formal learning spaces, in order to revere the organic thinkers of everyday life and already rehearse other academic and aesthetic discursive forms in a polyphonic manifesto. Ancestrality and affection are threads of this research-manifest that is drawn here. In methodological terms, a biographical novel is interwoven with the album “The glorious return of those who have never been here”, by rapper Leandro Roque de Oliveira, popularly known as Emicida, as a knowledge-producing agency. The central axes of this cartography are the concepts of epistemic Racism; Centricity; Other aesthetics; Memories and Orality. There is no pretension here to discover the circle or exhaust the subjects, but the desire to rehearse other narrative possibilities, more polyphonic, plural and horizontal, in tune with the discursive genres of life, which face wide-open epistemicides, and are eager to forge alternatives to the ways of teaching and the impositions of ways of learning.

**Keywords:** Cartography. Centricity. Memory. Escrivência. Orality.

## SUMÁRIO

<b>0. INTRO</b> .....	8
0.1 RITMO E POESIA .....	9
0.2 FILOSOFIAS, LÓGICAS E REESCRITAS ACADÊMICO-AFETIVAS .....	11
0.3 ANCESTRAIS E DESCENDENTES .....	14
0.4 O MICRO NO MACRO .....	23
0.5 INFES/UFF E A (RE)PRODUÇÃO DE EPISTEMOLOGIAS .....	24
0.6 PRODUIR CIÊNCIA EM MEIO A PANDEMIA DE COVID 19 .....	26
0.7 EPISTEMICÍDIO NOSSO DE CADA DIA .....	27
0.8 ASPIRAÇÕES E INSPIRAÇÕES .....	29
<b>1 EMICIDA &amp; O GLORIOSO RETORNO DE NUNCA ESTEVE AQUI</b> .....	31
<b>2 MILIONÁRIO DO SONHO</b> .....	33
<b>3 BANG</b> .....	37
<b>4 LEVANTA E ANDA</b> .....	44
<b>5 GUETO</b> .....	48
<b>6 ZOIÃO</b> .....	52
<b>7 CRISÂNTEMO</b> .....	56
<b>8 HOJE CEDO</b> .....	60
<b>9 TREPadeira</b> .....	65
<b>10 ALMA GÊMEA</b> .....	70
<b>11 NOIZ</b> .....	76
<b>12 HINO VIRA LATA</b> .....	79
<b>13 SAMBA DO FIM DO MUNDO</b> .....	82
<b>14 UBUNTU FRISTILI</b> .....	85
<b>15 SOL DE GIZ DE CERA</b> .....	89
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92
<b>ANEXO A – CARTA DE PRINCÍPIOS DO GRUPO FLORA</b> .....	96
<b>ANEXO B – RELATÓRIO ELABORADO PELA COMISSÃO PARA INSERÇÃO DO PROGRAMA DE COTAS NO EDITAL DE SELEÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO (PPGE<sub>n</sub>) – MESTRADO EM ENSINO – DO INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR (INFES)</b> .....	99
<b>ANEXO C – ÁLBUM O GLORIOSO RETORNO DE QUEM NUNCA ESTEVE AQUI</b> .....	107

## 0. INTRO<sup>2</sup>

O objetivo geral desse documento é reivindicar a pluriversalidade epistêmica nos espaços acadêmicos em forma e conteúdo. Esse texto é uma compilação de bagagens pessoais e coletivas, cujo principal desejo é transbordar alternativas de superação para um modelo de existência monorracional<sup>3</sup>. Em um mundo pautado pelo eurocentrismo nos contornos e substância, questionar propositivamente esse arranjo é uma maneira de alargar os debates a respeito dos epistemicídios palpáveis e perversos que se estabeleceram, sobretudo, nas linhas e versos de textos que perpetuaram, ao longo dos últimos dois séculos, modos de pensar homogêneos e engessados, assim como as práticas pedagógicas e políticas transmitidas nos espaços de ensinos e aprendizagens.

A colonialidade do saber, por sua vez, impõe o saber europeu como marco referencial de conhecimento verdadeiro e avançado frente a todos os outros tipos de conhecimento que são tomados como inferiores, desconsiderando assim a existência de outras racionalidades e formas de conhecer e interpretar o mundo. Dessa maneira, a ciência moderna tem a concessão do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso. A ciência moderna, transformada em único conhecimento válido e, portanto, enquadrando tudo aquilo que está fora do limite do rigor científico como ignorante, trata-se de um saber que se coloca como modelo, que tem suas bases no eurocentrismo como monopolizador da razão, operando pela violência epistêmica e gerando uma subalternização de saberes outros, calcados em lógicas distintas (ROSA; ALVES-BRITO; PINHEIRO, 2020, p. 13-14).

O trabalho tem um caráter experimental e autoral, com influências, referências e embasamentos, porém, feito sob uma perspectiva única enquanto indivíduo, e coletiva, se observado sob os recortes identitários. Poder ruminar sobre as perspectivas dos ensinos e aprendizagens, ainda que no campo dos desejos, trata-se de um motivo de orgulho e responsabilidade e, mais que isso, uma tarefa urgente.

Conceitos como afroperspectividade<sup>4</sup> em uma abordagem teórico-metodológica são um afrontamento direto ao conservadorismo intelectual, e uma oposição estratégica aos

---

<sup>2</sup> Na música, Intro é uma pequena passagem ou seção que abre um movimento ou uma composição musical separada. A introdução estabelece o material melódico, harmônico e/ou rítmico relacionado com o corpo principal de um movimento.

<sup>3</sup> Segundo Noguera, Duarte e Ribeiro (2019), o filósofo queniano Dismas Masolo problematiza a ideia de racionalidade, situando as pessoas em duas categorias: (1) as “monorracionais”, isto é, aquelas habituadas a usarem apenas um modelo de racionalidade, e (2) as “polirracionais”, isto é, aquelas que usam dois ou mais modelos de racionalidade. Disso, podemos constatar que o modelo de racionalidade ocidental tem sido privilegiado indevidamente em relação aos outros modelos, o que gera desconforto e indisposição nas pessoas monorracionais, quando confrontadas com outros modelos de racionalidade.

<sup>4</sup> Os autores Noguera, Duarte e Ribeiro (2019) dissertam ainda a respeito de o que é afroperspectividade. Conforme apontam, trata-se de uma abordagem filosófica que tem como referências a afrocentricidade, o quilombismo e o perspectivismo ameríndio. O artigo intitulado Denegrindo a filosofia: o pensamento como

modelos convencionais que cerceiam a criatividade com a reprodução sistemática de um modo exclusivo de pensar e produzir ciência.

Desde que os europeus sequestraram etnias em suas caravelas e declararam guerras contra os povos originários por onde chegavam, acontece um movimento de silenciamento étnico. No meio acadêmico não foi, nem é diferente. O pensamento hegemônico é europeu, a produção de saber é racista e narcísica.<sup>5</sup> A raça é uma criação da colonização, dessa forma, discutir racismo dentro das nossas subjetividades e formas é uma obrigação também do homem branco, seu criador e maior beneficiário dessa barbárie.

Estimulado por personalidades como Franz Fanon; Molefi Asante; Emerica; Stuart Hall; Bell Hooks; Edgar Morin; Mano Brown; Renato Nogueira; Elza Soares; Tânia Stolze Lima; Barbara Carine; Tania Maria da Silva; Astrogildo Batista Milagres; Lélia Gonzalez; Maristela Barenco; Jorge Bem Jor; Abdias de Nascimento; Antônio Bispo dos Santos; Maria Goretti Andrade Rodrigues; Achille Mbembe; Dismas Masolo; Amenemope; Djonga; Kabengele Munanga; Conceição Evaristo; Silvio de Almeida e tantos outros, busca-se, nessa pesquisa, uma reorientação de referências e produção de pensamentos. Todos os nomes citados acima estão de forma direta ou indireta nesta elaboração. Das discussões identitárias à reconstrução substancial dos processos de ensinamentos, esses pensadores e pensadoras serão alicerces para o pleito de uma ciência consciente (MORIN, 2000). Beber na fonte desses sábios contra-hegemônicos é também uma forma de transpassar os muros das instituições estabelecidas no senso científico e comum.

## 0.1 RITMO E POESIA

A oralidade é um campo de saber muito diverso, orgânico, e tem como principais agentes os chamados guardiões da palavra, que são responsáveis por transmitir costumes, crenças e valores de geração em geração. Os meios de comunicação se transformam de acordo com os períodos, indivíduos, classes econômicas e espaços geográficos. A comunicação oral também pode expor contradições no interior de uma sociedade, explicar grupos sociais e tomar forma por meio da palavra. É também infundada a oposição entre

---

coreografia de conceitos afroperspectivistas deu-nos as primeiras pistas de formulação dessa abordagem. O ponto de partida foi uma série de questões colocadas a partir da hipótese de que a Grécia é o berço da filosofia.

<sup>5</sup> Em sua obra *Memórias da plantação* (2019), Grada Kilomba afirma: Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho acerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: "Você tem uma perspectiva demasiada subjetiva", "muito pessoal"; "muito emocional"; "muito específica"; "Esses são fatos objetivos?". Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos.

conhecimento escrito e oralidade, e é nesse meandro que se constrói a presente dissertação, valorizando e entendendo as contradições possíveis no campo do saber oral, e se permitindo problematizá-los através dos conhecimentos escritos, neste caso, inclusive institucionais e legitimados pelos campos hegemônicos de produção cultural.

As narrativas orais são instrumentos ancestrais das culturas afrodiáspóricas, seja por meio da contação de histórias, danças, mitos ou músicas. Dessa forma, esse texto também é uma reverência e agradecimento a esses saberes que nos antecederam e possibilitaram a construção de um modo de pensar, agir e se localizar no espaço-tempo que, embora produzido como epistemicídio, renasce de forma resiliente e continua a reverberar-animar uma forma de se estar no mundo.

Dentro da cena do rap brasileiro contamos com grandes clássicos do gênero, que traduzem por meio da palavra falada as realidades desse Brasil desigual e perigoso. Este vasto acúmulo de possibilidades tem em seus acervos representantes como “África Brasil” 1970, de Jorge Bem Jor; “Hip hop de rua” 1988, de Thaíde, Dj Hum, Código 13; “Sobrevivendo ao inferno” 1997, dos Racionais Mc’s; “Traficando informação” 1999, de MV Bill; e “Rap é compromisso” 2000, de Sabotagem. Também, mais próximo dos dias atuais, podemos citar “Nó na Orelha” 2011, de Criolo; “Galanga Livre” 2017, de Rincon Sapiência; “Bluesman” 2018, de Baco Exu do Blues; “Ladrão” 2019, de Djonga e muitos outros discos que não caberiam em uma caixa preta de avião. Todos esses documentos orais são ferramentas efetivas de ensinamentos para grande parte da população periférica brasileira, a partir da contação de histórias, projeções de mundos e contestações das realidades que impactaram e ainda afetam gerações. Enquanto mensageiro, o rap ensinou aos jovens negro-periféricos estratégias, técnicas e formas de sobreviver nesse país tão violento, principalmente para com a parcela produzida como empobrecida.

Vale ressaltar que as canções não se limitam a retratar a realidade de desigualdade e violência policial. São produzidos também *hits* que versam sobre amores, sucessos, família e toda sorte de alternativas que um ser humano pode ter, sem a necessidade de performar o estereótipo do cantor de resistência-violência. Visto a impossibilidade de nos aprofundarmos em todos esses sábios do cotidiano brasileiro, foi feita a escolha de um cantor e álbum em específico, sabendo que mesmo com essa escolha, seria impossível esgotar as nuances e camadas dos sujeitos em questão. O cantor em pauta é Leandro Roque de Oliveira, de vulgo Emicida, e o álbum “O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui”, sobre o qual nos debruçaremos ao longo das reflexões aqui expostas.

## 0.2 FILOSOFIAS, LÓGICAS E REESCRITAS ACADÊMICO-AFETIVAS

Com orgulho e gratidão, posso dizer que faço parte de uma construção contra-hegemônica, que se propõe a reconstruir essa maneira de traçar o desenho social-acadêmico. É o grupo de estudos e pesquisas Filosofias, Lógicas e Reescritas Acadêmico-Afetivas (FLORA). Coletivo que, além de ser um ambiente de reflexões e explorações, é também um local de afetos e reinvenções do mundo. Espaço esse onde a diversidade de pensamentos, trajetórias e formas de existir se encontram com ternura e profundidade. Entre as premissas do grupo, está o questionamento sistemático sobre o que é de fato ser pesquisador. Apesar de não haver uma resposta exclusiva, acreditamos que não é construir um texto para a obtenção de um título. Nessa busca, é indispensável o processo, e esse desenvolvimento, que quando traçado coletivamente, torna-se extremamente fértil e potente – já que na perspectiva da ancestralidade, toda autoria é coautoria. Segue inclusive em anexo (ANEXO A), como documento de suporte, nossa carta de princípios, que traduz de maneira mais objetiva a nossa razão de ser, valores e as perspectivas que temos dos modos de pensar e agir.

Agradeço, sinceramente, a todos os membros do grupo pelo incansável apetite de ampliação qualitativa, tanto no âmbito individual quanto coletivo, seja nos elementos acadêmicos ou de vida particular. Aline com sua forma astuta e frenética de somar ideias e questionamentos; Bernardo portando sua sensibilidade e poder de escuta profunda e propositiva; Cintia jorrando poesia por todos os poros; Clara com sua disponibilidade criativa, autêntica e perspicaz; Gleiceane e sua generosidade sábia e acolhedora; Lucas e suas observações pontuais e precisas; Luiza sempre com uma serenidade e paz de espírito contagiantes; Shirlei com sua rara capacidade de organização e pró-atividade; Jonas com sua pró-atividade e atenção a todos os membros e as tarefas do grupo; Juliana e sua colaboração sensível; Fabiano somando em cada encontro com sua natureza pacificadora, crítica, propositiva e generosa de lidar com as questões que aparecem no decorrer de nossos encontros, e todos os outros que compuseram junto a nós em algum momento, e semearam nesse documento e no meu coração suas ideias e sentimentos. O Grupo FLORA foi, e é, coral de apoio em situações de instabilidade e força, transmite confiança e reforça as potências de cada elemento que o constitui.

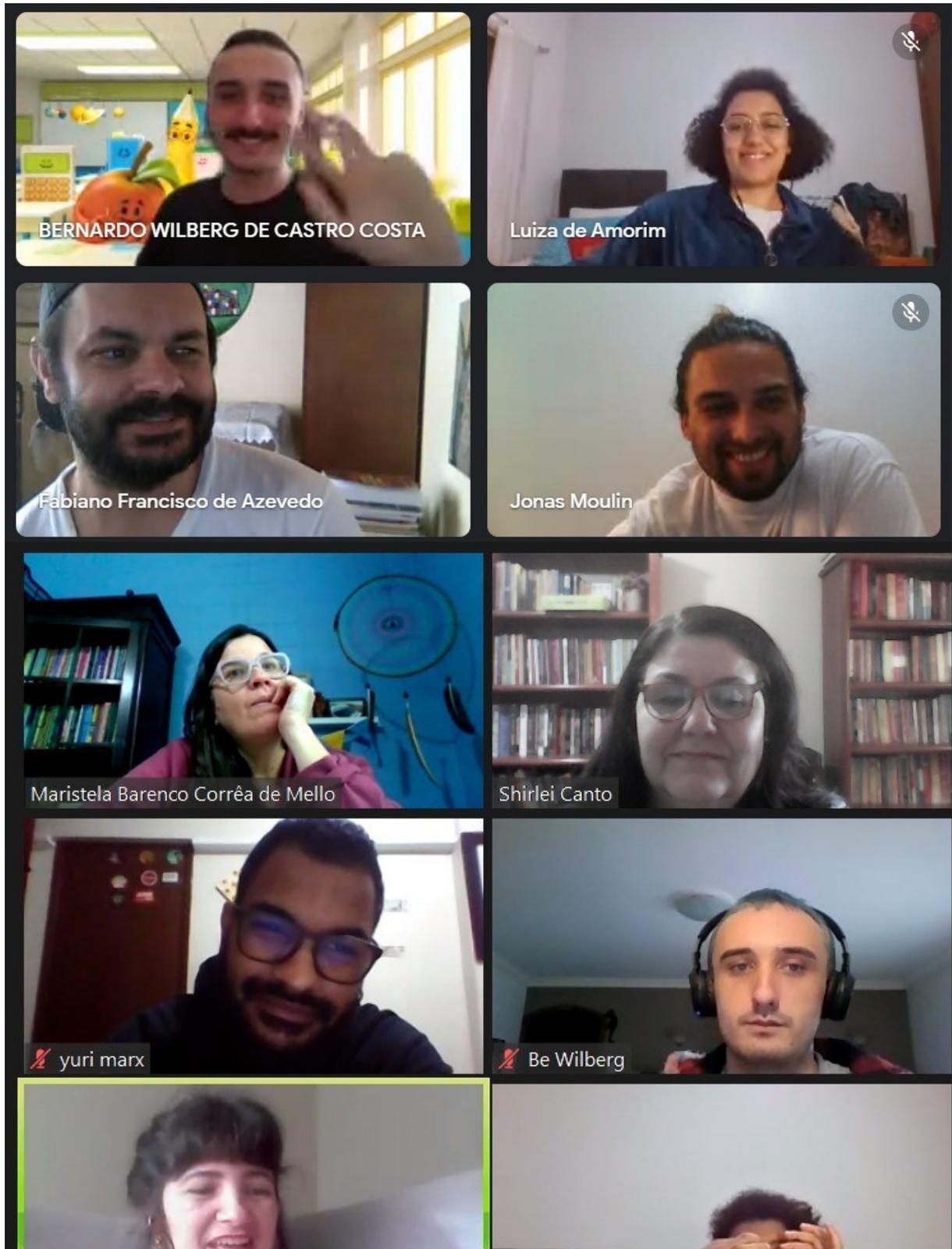
Os encontros e debates coletivos sobre todos os textos, vídeos, obras de artes e fatos cotidianos, que foram esmiuçados ao longo do nosso trajeto enquanto grupo, derramam naturalmente em cada palavra aqui exposta. Essa dissertação é do grupo FLORA, não seria honesto assumir a responsabilidade restrita do que está aqui. Muitas das etapas ruminativas, e

até mesmo de produção, passaram diretamente pelas experiências conjuntas nas manhãs de sextas-feiras, dia dos nossos encontros.

No contexto pandêmico da COVID-19, as reuniões online ultrapassaram o âmbito da pesquisa, foram oportunidades de acolhimento e troca. Em um momento histórico que o distanciamento social se tornou uma necessidade, encontrar essas pessoas tão queridas e atenciosas, mesmo que virtualmente, aqueceu o coração e alma, e tornou o processo de leitura, escrita e estudo muito prazeroso, e até mesmo desejado.

É impossível falar do coletivo FLORA sem me aprofundar na figura de Maristela, orientadora que não se identifica com esse termo, e com razão, ela vai muito além disso. Uma das pessoas mais altruístas e sensíveis que tive contato nessa jornada em vida. Está permanentemente pronta para acolher e trocar com os que a cercam. Admiro-a enquanto ser humano, antes de qualquer fascínio acadêmico. Ser humano necessário nesse mundo tão hostil. Para o grupo a observo como uma mediadora, conselheira, provocadora, sábia. É afetiva sem forçar a barra, libertária, congrega e revoluciona por essência. Nunca buscou formatar os membros ou a própria forma e dinâmica do grupo de maneira impositiva. Todas as decisões são coletivas e abertamente discutidas. Acompanha as descobertas de caminhos e possibilidades dentro das áreas de interesse de cada um de maneira respeitosa, atenta e extremamente humanitária. Iniciativas como a orientação coletiva reforçam sua posição de combate ao modelo hegemônico nas trocas de saberes. A proposta de uma lógica cooperativa de criação se contrapõe frontalmente à forma competitiva e destrutiva do mundo capitalista moderno. Nos encontros, Maristela se esforça para fazer do grupo uma espécie de bálsamo para cada integrante, é sempre carinhosa e não se atém às discussões teóricas, aprofunda-se em assuntos que poderiam soar como triviais. Para além disso, Maristela é também uma agente transformadora do mundo, seja em seus Podcasts no canal Mil-em-rama, nas salas de aula da UFF, ou nas coisas simples do dia-a-dia.

FIGURA 1 – Registros de algumas das reuniões online ao longo dos encontros do Grupo de estudos FLORA



Fonte: Próprio autor.

### 0.3 ANCESTRAIS E DESCENDENTES

Dar continuidade ao legado daqueles que nos antecederam. Sim, a tradição oral é uma ferramenta para esse propósito. A necessidade da presença de outro, alteridade, reconhecimento e gratidão, é dessa forma que seguimos as trilhas de quem por aqui veio antes e começou a abrir os caminhos. Peço licença aos meus ancestrais, lembro que um dia nós seremos os antepassados, que haja respeito às crianças e aos senhores, pois pertencemos ao mesmo fio que compõe a existência. Neste subitem vou apresentar os personagens ou as forças que se compuseram com as minhas e me encorajaram na força e na elaboração da narrativa dissertativa, que se confundem muitas vezes com a história, pesquisa e proposta.

*Astrogildo Batista Milagres*, ou Gil, como gosta de ser chamado, meu pai, sempre foi uma figura, fanfarrão, contador de história por natureza. Não há uma roda de conversa em que ele não venha com um dos seus contos e causos. Durante muito tempo me irritou, porque sabia detalhadamente a maioria das peripécias narradas, e mais que isso, tinha plena consciência das que eram mentiras. Após amadurecer, entendi como funciona a cabeça do coroa, para ele não importa se é mentira ou verdade, ele é viciado em contar uma boa história, e é isso.

Suas paixões pelo Fluminense e Cuba são elementos centrais em sua vida. Pai de cinco filhos, e irmão de nove, é um ser altamente social. Natural de Além Paraíba - MG, onde iniciou seus estudos, foi um andarilho na busca por uma vida digna e justa. Intenso em suas experiências, graduando em química, marinheiro, jornalista, viajante, líder de movimento social, filho, pai, marido e amante.

Em cidade pequena se tem o hábito de reconhecer as pessoas pelos seus parentes. Em Santo Antônio de Pádua, cidade onde foi concebida nossa família, não é diferente. Sou reconhecido e chamado de “filho do Astrogildo”. Isso para mim nunca foi um fardo, sempre tive orgulho do meu pai, mesmo nos momentos difíceis. E, pensando rapidamente, é fácil eleger o mais complicado: foi o período onde ele escreveu uma matéria sobre desmandos de um Juiz local, e foi condenado a dois anos e meio de prisão. Como o rebelde que é, não aceitou tal punição, nessa época eu tinha doze anos de idade. Durante aproximadamente os trinta meses em que ele esteve foragido, todos os finais de semana pegávamos (eu e minha mãe) um ônibus para encontrá-lo, seja lá onde estivesse. Era intenso, criava laços, mas foi extremamente cansativa essa jornada de idas e vindas por alguns muitos cantos desse Brasil. Após longa luta jurídica foi revertido o processo para prisão domiciliar.

Para além das fanfarrônicas e desventuras, meu pai é um transgressor. Preto e bem sucedido na sua área desde a década de 90, período em que pautas como racismo e epistemicídio não eram discutidas publicamente, há que se tirar o chapéu para esse homem. Enquanto desenvolvo essa dissertação, resido novamente em Santo Antônio de Pádua, situação que me proporciona apreciar sua companhia já com certa compreensão de sua grandeza e complexidade. Tenho muito orgulho e felicidade em ainda partilhar bons momentos perto de seu carisma e alto astral.

FIGURA 2 – Meu pai Astrogildo com seus filhos e neta ao entorno (esquerda pra direita - Luiz Fernando, Bárbara, Yuri, Odilon, Marcus Vinicius e Liz (neta))



Fonte: Próprio autor.

*Tania Maria da Silva*, minha mãe querida, faleceu. Sabe-se que o destino da jornada para todos os seres da Terra é o mesmo. No entanto, é importante que se tenha clareza, para entender a relevância do Ser humano por trás dos rótulos e arranhões. Militante de esquerda desde sua juventude em Friburgo, Tania foi uma sonhadora, “utópica irremediável” segunda a mesma. Partiu deste plano com a esperança de um mundo melhor. Se realmente irá ser não

sabemos, mas sem dúvidas ela fez muito para o bem coletivo enquanto pôde.

Pedagoga por essência e formação, tinha capacidade de compreender a complexidade de cada indivíduo e se doar para todas as atividades que se propunha a executar. Guerrilheira verbal, com um coração puro e doce, mas não ingênuo. Formou, além do âmbito escolar, dois filhos sanguíneos e alguns outros “adotados” na estrada da vida. Pautada pelo bem-estar social, sempre transmitiu valores antes de qualquer regra gramatical. Era uma poesia viva, caminhou na linha tênue entre a serenidade e insanidade, e talvez por isso fosse figura indesejada em ambientes que não valorizavam a reflexão crítica.

Uma escritora de qualidade incontestável, também se destacou na direção de dois jornais locais e de uma Livraria que reunia amantes de bons debates e jovens sedentos por saber. Contadora de histórias, escritora, mãe, amiga, secretária, comerciante, louca... É impossível diagnosticar quem foi Tania simplesmente com palavras. Essa maluca beleza sempre esteve envolvida em atividades voluntárias, seja em abrigos, lendo para menores meninos chamados de infratores ou cozinhando uma comida para os injustiçados pela vida.

Uma flor de cor forte e cheiro nada ameno, Tania se foi, suas ideias e ideais ficaram, e se fincaram em cada pessoa cativada por essa estrela mal compreendida. Sou grato pelos anos compartilhados próximo à sua genialidade. Saudade não cabe em palavras e nem se esgota nelas.

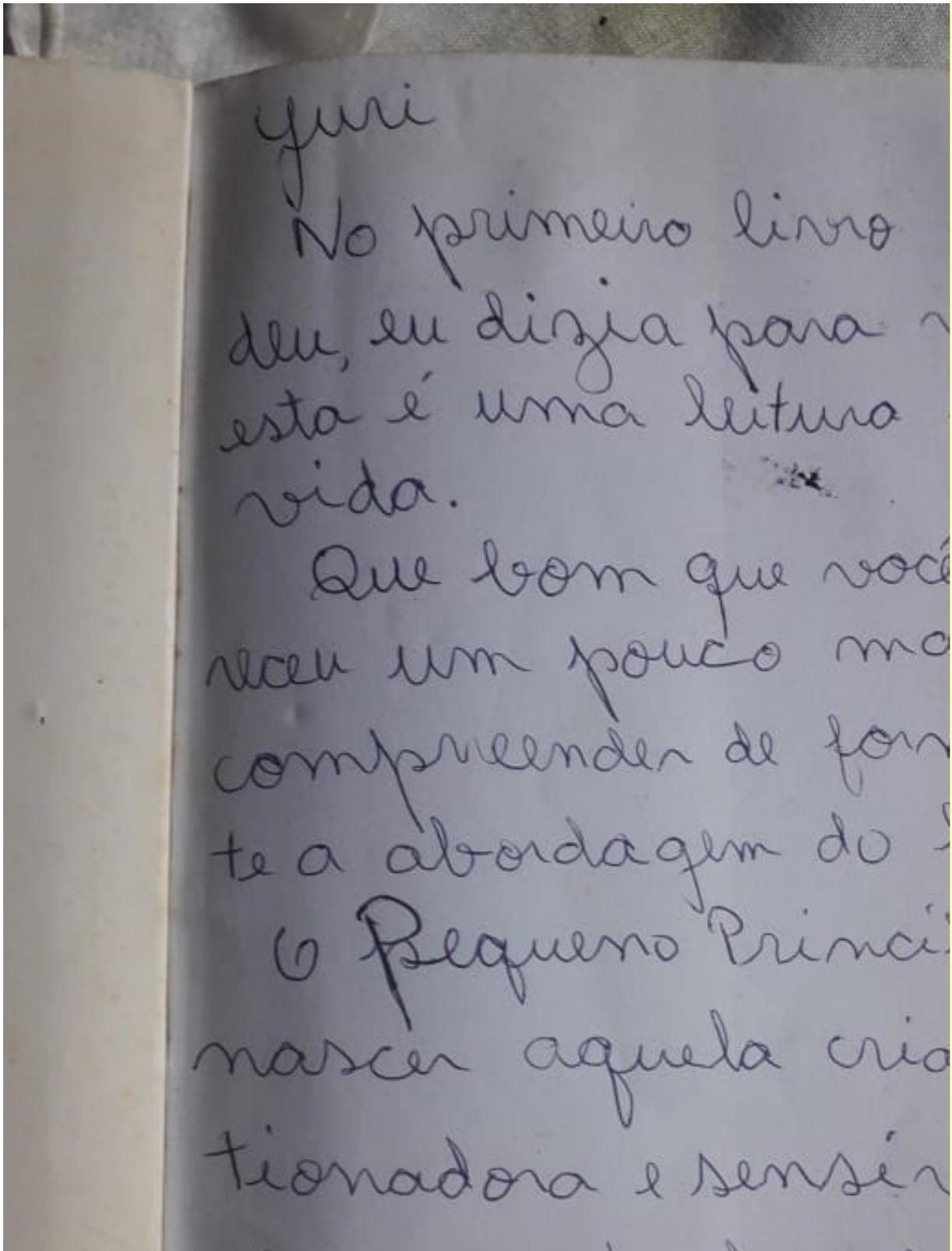
Além do papel de tutora e ter evidentes elos emocionais com os outros personagens, minha mãe – mais do que isso, a composição de forças que atravessa essa mulher, como tantas outras de nosso país -, será a figura que possibilitará um diálogo mais técnico no que tange aos assuntos de ensinos e aprendizagens, por conta de sua formação em pedagogia, vivência na militância e paixão pelos estudos. Para além de sua trajetória contraditória e profunda, será um elemento que dará liga a esse documento-manifesto, que apesar de pretender contar uma história de forma leve, tem um compromisso com a academia e sua produção científica.

FIGURA 3 – Minha mãe Tania ao centro dos dois filhos, Marcus Vinicius e eu



Fonte: Próprio autor.

FIGURA 4 – Prefácio do livro pequeno príncipe que ela me deu quando entrei na vida Universitária



Fonte: Próprio autor.

Cabe aqui ainda outro personagem, *Marcus Vinicius da Silva Milagres*, ou Vinicius,

como gosta de ser chamado. Há os que lhe chamem apenas de Vini. Meu irmão mais velho, seis anos mais longevo para ser exato. Ele é certamente uma das pessoas mais intensas que já conheci. Merece um estudo científico só para analisar e contemplar sua personalidade. Já foi adolescente problemático e hoje é um pai de família, cristão fervoroso, obcecado em trabalhar e uma pessoa extremamente tranquila e pacífica. Desde muito novo foi uma referência para mim, tanto nos vícios como nas virtudes.

Na prática, foi o único irmão com o qual convivi diretamente na minha infância de maneira ininterrupta. Fosse para observá-lo usando o computador no início da era da internet, ver jogar bola, ou apenas confidenciar momentos de rebeldia pura, ele sempre me permitiu estar incluído no seu mundo. Hoje ainda é uma força que me acompanha em minhas andanças. Como é o único irmão que tenho por parte de mãe, compartilhamos a dor da partida dela de maneira semelhante. O primeiro trabalho que tive na vida foi ele que me inseriu, era basicamente diagramar um jornal de uma cidade vizinha. Pacientemente me ensinou o passo a passo e permitiu que aos 17 anos eu experimentasse as responsabilidades e benefícios de se ter um vínculo empregatício. Acho que ele nem tem essas memórias, de toda forma sou grato por esse cuidado que ele demonstra e demonstrou ao longo de toda nossa convivência.

Hoje, nossa relação é estável e de profundo companheirismo. Tenho a confiança de deixar meus pertences e documentos sob o seu cuidado sem nenhuma ressalva. Mais que isso, sou capaz de compartilhar meus medos e angústias, segredos e felicidades, amores e desventuras com ele. Sendo assim, parece-me natural e até necessário que essa figura tão importante para minha construção enquanto ser humano tenha um espaço para sua elaboração nesse documento.

Tenho mais dois irmãos por parte de pai, filhos do seu primeiro casamento, Bárbara e Odilon, cuja convivência foi rara e espaçada durante a nossa criação. Há também o filho da minha madrasta Eva, que convive com a nossa família desde os 3 anos de idade, Luiz Fernando, que sempre foi um ser humano puro e doce. No entanto, por questões práticas não explorarei essas possibilidades ao longo do trabalho, mas fica aqui meu registro de afeto, e entendimento da importância deles em minha vida.

Peço licença aqui para me utilizar da terceira pessoa, ao descrever o personagem que me representa no momento infantil, uma vez que a construção do pequeno Yuri, ainda que retrate a mim, é em outro momento histórico, e dar-se-á ao longo do texto numa narrativa de ficção-biográfica. Pode-se dizer que esse menino que até então foi uma criança bastante ativa, inventiva e curiosa, após sofrer o seu primeiro episódio de racismo ficará atordoado com toda a situação. Aos 10 anos de idade e alienado acerca das discussões sobre raça, seu encontro

com a própria etnia se dá de maneira traumática. Assim como Neusa Santos fala no livro *Tornar-se negro* (1983), é nesse momento que fica nítido para ele o ideal de ego a ser perseguido.

É preciso que haja um modelo a partir do qual o indivíduo possa se constituir – um modelo ideal, perfeito ou quase. Um modelo que recupere o narcisismo original perdido, ainda que seja através de uma mediação: a idealização dos pais, substitutos e ideais coletivos. Esse modelo é o Ideal de Ego (...) Realizar o Ideal do Ego é uma exigência – dificilmente burlável – que o Superego vai impor ao Ego. E a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o Ideal do Ego. ‘Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com o Ideal do Ego. E o sentimento de culpa (bem como o de inferioridade) também pode ser entendido como uma tensão entre o Ego e o Ideal de Ego’ (...) E o negro? O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de Ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar esse modelo (SANTOS, 1983, p. 33).

Por mais que já estivesse sendo estimulado pela mídia, espaços de poder ou mesmo a produção de conhecimento formal, o episódio de racismo em questão é uma espécie de gênese da própria negritude. E a partir deste momento desenvolver-se-á a trama que dará recheio a este documento-manifesto. Dessa forma o pequeno Yuri, além de representar o momento de inocência e ingenuidade de um ser em construção, é uma figura que torna possíveis interlocuções mais lúdicas, e a própria apresentação do álbum em questão na narrativa. Sendo uma criança, há possibilidades múltiplas para o desenrolar do enredo, e isso torna o texto fértil para explorações variadas.

O menino Yuri também traz a via cotidiana dos meninos e meninas, negros e negras, e a importância de se pensar esse lugar como condição epistêmica potente, como capacidade de enunciação.

FIGURA 5 – Pequeno Yuri



Fonte: Próprio autor.

Há também *Ciclone*, um pseudônimo<sup>6</sup> que surgiu após um exercício no grupo FLORA, o qual foi proposto após a leitura do texto de Deleuze “A literatura e a vida”, em que na sequência cada integrante do grupo buscou uma força da natureza (extrapessoal) para ser o seu duplo na jornada contra-epistemológica. A escolha do fenômeno Ciclone foi intuitiva e espontânea. Muitas vezes me observei adormecido e potente, grande e caótico, destrutivo e renovador, então em uma fruição natural o fenômeno surgiu em minha mente e foi prontamente escolhido. Ele é uma alegoria para o Yuri do presente, que irá encontrar sua versão infantil em um momento tenso. Ciclone encoraja o menino Yuri. Yuri pega na mão de Ciclone e sente-se capaz de escrever e criar outras trajetórias.

Ciclone carrega em si toda a trajetória posterior daquela criança, é dotado de uma vivência que é estrada e destino. Dessa forma, ele já forjado em sua personalidade, trará

---

<sup>6</sup> Em *Conversações* (2004, p. 48), Deleuze diz que “os nomes próprios designam forças, acontecimentos, movimentos e motivações, ventos, tufões, doenças, lugares e momentos, muito antes de designar pessoas (...)”. Como estamos buscando fazer um trabalho contra-hegemônico buscamos pseudônimos, em uma espécie de testemunhas ou duplos, forças extrapessoais, que possam compor conosco esta tarefa de cunho coletivo.

questionamentos que nem o mesmo tem resposta, e em alguns momentos ver-se-á em confronto com o Yuri infantil, sua mãe e até mesmo com crenças que já acreditavam estar calcificadas na sua personalidade. É uma contradição que provoca. Ao mesmo tempo em que carrega em si uma bagagem, traz ao longo do texto inseguranças, dúvidas e a incompreensão do passado. Ainda que seja uma projeção de si próprio, Ciclone e Yuri são personagens diferentes e dependentes para a superação de traumas e possível projeção de soluções. Professor de Sociologia no Ensino Médio, Mestrando em Ensino e militante em movimentos sociais, Ciclone tem experiências, dúvidas e anseios para compartilhar nessa história.

FIGURA 6 – Yuri atual (Ciclone) na aula inaugural do Emancipa Pádua, pré-universitário social que coordenou nos anos de 2019-2020



Fonte: Próprio autor.

## 0.4 O MICRO NO MACRO

Outro ponto é a reflexão acerca da história em si. Por mais que essa ficção biográfica transmita uma narrativa a partir de uma vivência pessoal, essas memórias remontam a arquétipos comuns na população negra. Como já disse e repito, Yuri são todos os meninos e meninas negras que se defrontam e confrontam com a lógica da branquitude. O racismo é uma realidade coletiva que aflige a estrutura social em várias camadas, com erupções semelhantes em vários indivíduos. Dessa forma, o texto se justifica também sob o ponto de vista social, uma vez que reflete, problematiza e propõe novas possibilidades para variados grupos historicamente subjugados e constrangidos, adentrando inclusive na perspectiva interseccional das subjetividades.

Na ótica de perceber, refletir, problematizar e escrever essas questões, propor uma dissertação para o Mestrado é um desafio que durante bom tempo considerei impensável. Apesar de ter feito graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma consagrada instituição de ensino superior no Brasil, pouco foi desfrutado do espaço acadêmico enquanto lá estive. Nos longos seis anos que levei para me formar no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, a maior parte deste tempo estive em atividades paralelas atrás de renda. Essa jornada dupla, por vezes, impossibilitou-me de participar de grupos de estudos ou mesmo poder vivenciar o espaço universitário de uma maneira plena. Fosse no centro acadêmico para discussões políticas, ou no laboratório de informática para maior aprofundamento teórico. Fato é que, mesmo com os obstáculos, conclui essa etapa e me graduei.

Dos momentos vividos na graduação, ficam principalmente as experiências pessoais, relações com amigos de turma que se tornaram irmãos e irmãs de vida. Pude presenciar situações históricas como as concentrações pré-manifestações de 2013<sup>7</sup>. Para além disso, fica aqui minha gratidão à Cidade do Rio de Janeiro, que de maneira torta me forjou na estrada da vida um ser humano mais astuto e responsável. No entanto, é fundamental evidenciar que nada nessa história tem o desejo de representar a individualidade, tal qual Grada Kilomba externa em sua obra *Memória de plantação*:

Tal realidade deve ser falada e teorizada. Deve ter um lugar dentro do discurso, porque não estamos lidando aqui com "informação privada". Tal informação aparentemente privada não é, de modo algum, privada. Não são histórias pessoais ou

---

<sup>7</sup> Na época o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ foi o principal ponto de encontro dos estudantes para auto-organização nas jornadas de junho daquele ano.

reclamações íntimas, mas sim relatos de racismo. Tais experiências revelam a inadequação do academicismo dominante em relacionar-se não apenas com sujeitos marginalizados, mas também com nossas experiências, discursos e teorizações. (KILOMBA, 2019, p. 54)

A apresentação das ideias, conceitos e vivências aqui propostas são, sobretudo, uma construção histórica social. Seja em nível municipal, nacional ou mundial, as dores são coletivas. Dessa forma, elaborar aqui tais questionamentos é uma maneira prática de alargar esse canal tão estreito e uniforme. Para que irmãs e irmãos tracem suas próprias jornadas com autonomia, independência e originalidade, essa dissertação se coloca como um dispositivo de ruptura a uma estética monológica na produção dos modos de ensinos e aprendizagens, seja nos espaços formais ou informais de circulação de saberes, de tal modo que alternativas outras emergjam, e com força canalizem suas potências de maneira mais profunda e efetiva que o espaço acadêmico formal tem proporcionado até então. Que fique claro que fazer ciência cartesiana não nos é difícil. Mas nos é impossível porque não queremos, não temos o ponto de vista europeu, dualista, maniqueísta, atomista e nem queremos ter. Queremos fazer ciência, trazendo para ela a nossa contribuição filosófica, ética, étnica, epistêmica e estética.

Para além das representações de arquétipos, o texto também é uma experimentação teórico-acadêmica que poderá servir como base e suporte – quiçá inspiração! - para outros pesquisadores que se dispuserem a romper com o formato padrão estabelecido como conhecimento formal. Exaltar e experimentar possibilidades com saberes orgânicos da nossa sociedade é uma forma de agir enquanto se pensa o espaço que ocupamos, e de tensionar essas paredes que espremem e oprimem os que ousam contestar seus contornos, substância e propósito.

## 0.5 INFES/UFF E A (RE)PRODUÇÃO DE EPISTEMOLOGIAS

A Universidade Federal Fluminense (UFF) iniciou suas atividades em Santo Antônio de Pádua no ano de 1985, com a oferta de apenas um curso (Licenciatura em Matemática). Atualmente, o Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, o INFES, oferece os cursos de Bacharelado em Matemática e as Licenciaturas em Matemática, Física, Ciências Naturais, Computação, Pedagogia e Educação do Campo, com um total de 7 (sete) cursos de graduação, atendendo a estudantes, professores, técnicos e comunidade acadêmica de maneira significativa. Nesse contexto, pensar essas questões que cercam a produção do conhecimento,

é refletir com todos esses grupos que compõe e constroem no dia a dia a realidade universitária específica do Campus.

Da constituição do currículo mínimo à prática docente, a rede de educação básica faz parte de uma teia complexa de ensino, que reproduz esses modos de saber e poder. Abrir essa discussão dentro de um pólo de formação dos licenciandos como INFES/UFF é uma oportunidade de alterar, no campo prático, a realidade regional, sobretudo pela proximidade, exemplo e possibilidades de transmissões de saber além das convencionais.

Quando me mudei de Pádua para o Rio de Janeiro, em 2009, com dezessete anos de idade, a realidade universitária na minha cidade era outra. Pouco se falava ou considerava ficar e estudar na UFF ou nas Universidades de região como possibilidades de alteração de vida. Hoje, quando me vejo estudando o que amo, no espaço que sempre sonhei, dentro da minha cidade, considero-me privilegiado, mas especialmente responsável para que esse caminho não regrida, e se aperfeiçoe a cada momento. Internamente há divergências no pólo, o que é natural e até desejável. Contudo, observando as práticas seculares de opressão e reprodução de um modelo que muitas vezes assusta e afasta os potenciais estudantes de seu sonho, sinto-me na obrigação de contribuir na elaboração de uma contra-epistemologia potente e transformadora.

Hoje, é com orgulho que afirmo que, de alguma forma, pude contribuir para a superação, em partes, de alguns mecanismos de opressão no Ensino Superior. No segundo semestre de 2021, junto a um comitê composto pelos professores da UFF/INFES, Jacqueline de Souza Gomes, Marcelo Nocelle de Almeida e Francisca Marli Rodrigues de Andrade, compusemos um documento aprovado em colegiado. Pleiteado e conquistado por votação unânime, tratava da política de ações afirmativas para o Programa de Pós-Graduação em Ensino do campus, já para o próximo edital de ingresso no programa. Entre os públicos prestigiados estão: Negros; Indígenas; Quilombolas; LGBTQIA+; Pessoas com deficiência; Mulheres mães (com filhas/os até 12 anos); Docentes da Educação Básica Pública; Estudantes estrangeiros e; Cotas sociais. Essa conquista é, sobretudo, das lutas históricas de variados movimentos sociais, que caminharam em conjunto com suas pautas e tornou possível que pleitos como esses fossem alcançados nos dias de hoje. Em anexo (ANEXO B) ao final do texto segue o documento supracitado.

## 0.6 PRODUZIR CIÊNCIA EM MEIO À PANDEMIA DE COVID 19

É impossível pensar ou falar sobre todo esse processo da dissertação e não mencionar a pandemia do COVID-19, que chacoalhou com as estruturas do mundo moderno e conectado. Os impactos foram reais e significativos em todas as esferas da sociedade, os espaços de ensino não passaram imunes a isso. Pelo contrário, arrisco-me a dizer que foram as instituições que tiveram seu cotidiano e práticas abaladas de maneira mais profunda. Nesse sentido, falar sobre minha pesquisa e como ela se desenhou passa também pela trajetória desse vírus traiçoeiro. É sabido, ainda, que o novo coronavírus afetou de maneiras diferentes cada classe social. Seja pelos impactos econômicos, exposição à doença ou a própria saúde mental.

Na atenção à saúde, o racismo pode se manifestar de diversas formas, como o institucional, que na maioria das vezes ocorre de forma implícita, sendo denominado de viés racial implícito – quando a sociedade mantém e reproduz um conjunto de estereótipos sociais negativos sobre a população negra. Os preconceitos implícitos são os estereótipos ou preferências a favor ou contra grupos de pessoas, de acordo com os quais trabalhadoras(es) da saúde irão determinar como será o atendimento, a atenção e o cuidado das pessoas, dado o seu pertencimento racial, criando-se uma hierarquia no atendimento, deixar viver, deixar morrer. Com isso, a população negra apresenta maior risco de disparidades no acesso aos serviços diante da pandemia, tanto na qualidade dos cuidados recebidos como nos resultados de saúde. (GOES; RAMOS; FERREIRA, 2020, p. 2-3)

Inicialmente, tinha-se o objetivo de fazer pesquisa de campo nas escolas, com entrevistas à comunidade escolar, observação participante e muita interação presencial. A partir do surgimento do novo coronavírus, junto com a diminuição das possibilidades de movimentação física, expandiram-se as possibilidades de pesquisa e análise teórica, e outras experimentações estéticas. Fui impelido a pensar em outras alternativas, e em discussões com o grupo de estudos FLORA, progrediu naturalmente o desejo de me aprofundar de maneira lúdica, propositiva e não cartesiana nessa análise aqui proposta. O que além de ampliar as perspectivas, possibilitou-me a execução integral do trabalho dentro das minhas dependências domésticas.

Além das questões de saúde pública que uma pandemia acarreta, no Brasil podemos somar a isso o fator político. No momento em que sucedeu esse grande colapso mundial, nosso país teve a infelicidade de ter no comando do país um líder negacionista<sup>8</sup> e perverso.

---

<sup>8</sup> Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018 com 55,13% dos votos válidos em 2º turno.

Enquanto escrevo<sup>9</sup> essa dissertação, mais de seiscentos e vinte mil óbitos foram computados no nosso território por conta da doença, números que poderiam ser bem menores caso tivesse ocorrido uma política pública de conscientização em massa por todos os chefes de executivo, legislativo, judiciários e movimentos populares. (HALLAL, 2020). Cabem essas ponderações aqui neste texto porque a academia não está apartada do mundo, seria leviano com as minhas sensações se simplesmente não considerasse o contexto na qual se deu a produção científica desse texto.

Além das demandas práticas que se ergueram com tal fenômeno, como o impeditivo de pesquisas de campo, entrevistas em loco e maior movimentação durante essa construção, vale destacar os abalos subjetivos. Em uma conjuntura de isolamento social para menor propagação do vírus, foram muitos os cidadãos que tiveram seu psicológico amplamente abalado. Como exemplo disso pode-se observar o aumento considerável do uso de medicamentos de tarja preta. O Rivotril (Clonazepam) vem sendo um dos mais consumidos no Brasil. Só em Março e Abril de 2020, notificou-se um aumento de 22% no consumo brasileiro. Claro, a pandemia incidiu sobre estes quadros. Há dois anos, em uma turma do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal Fluminense (INFES/UFF), 80% dos estudantes consideravam-se ansiosos e portadores de transtornos de ansiedade, grande parte fazendo uso de alguma terapêutica medicamentosa. De tal modo, cabe também aqui um agradecimento a minha rede de apoio que durante essa ciclo conseguiu me prestar suporte virtual e presencial quando muito necessário, permitindo que tais rumações prosseguissem.

### 0.7 EPISTEMÍCIDIO NOSSO DE CADA DIA

O racismo estrutural faz parte da formação do Brasil desde a fundação do estado-nação nos moldes que conhecemos hoje. Em um país onde houve 388 anos de escravidão legalizada, o exemplo mais nítido dos mecanismos público-institucionais que privaram os negros de acessar a escola pública é a Lei nº 1 de 1837 e o Decreto nº 15 de 1839, sobre a Instrução Primária no Rio de Janeiro, que foi copiada no restante do território nacional até metade do século XX, em que versavam as seguintes normas: “Artigo 3º – São proibidos de frequentar Escolas Públicas: 1º Todas as pessoas que padecerem de moléstias contagiosas, 2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.”

---

<sup>9</sup> Entre Agosto de 2020 e Fevereiro de 2022.

Além disso, registros históricos provam que a produção filosófica na África existe há pelo menos 4.800 anos, oriundo do antigo Egito (NOGUERA, 2014). Por que informações como essas não são transmitidas no ensino básico brasileiro? Evidências históricas demonstram o percurso escolar do pretos/as, pardos/as e indígenas repleto de obstáculos e preconceitos, com base no racismo estrutural, que é uma trama de normas sociais, por vezes com aparato do Estado, que reproduz nas engrenagens da sociedade formas de minar a ascensão social e moral do pretos/as, pardos/as e indígenas.

A percentagem de pretos/as e indígenas no sistema prisional e na população brasileira é destoante, a de Juízes Magistradas/os também. Enquanto os dados da pesquisa de 2014 do INFOPEN apontaram que 52% da população brasileira era de pretos/as, pardos/as e indígenas, o contingente da população carcerário de pretos/as pardos/as e indígenas presas/os correspondia a 69%. Em paralelo, oito em cada dez juízes no Brasil são brancas/os, como aponta o estudo do CNJ, intitulado de Perfil sociodemográfico dos Magistradas/os Brasileiros - 2018.

Desamarrar os nós elementares dessa organização perversa requer compreensão sistemática da questão. Antes de qualquer pessoa virar um magistrada/o ou presidiária/o ela/e passa por instituições socializantes que muitas vezes não conseguem dialogar de maneira efetiva com esses corpos e mentes. Entender como outras formas de saber são alicerces na construção individual e coletiva da sociedade, é também contribuir para uma estrutura que potencializa ou diminui essas desigualdades étnico-raciais do país, que infelizmente não se limitam ao sistema prisional.

No processo de escrita, assim como na vida, é esperado uma *performance* consagrada e aprovada em última instância pela branquitude. Na produção textual acadêmica, isso inclui um esboço pré-definido de pesquisa, escrita e conteúdo, nos moldes convencionais de citações, referenciamento e até mesmo conteúdo.

Os *vencidos* são estudantes trabalhadores pobres, oriundos da educação pública de um país periférico no mundo globalizado ou “globalitarizado” que se deparam, na universidade, muitas vezes, com um saber hermético produzido por “*vencedores*, que apresentam a narrativa sobre o que a universidade é a partir de sua própria perspectiva dissociada de um compromisso com a democratização radical do espaço público acadêmico” (MELLO; PEREIRA JÚNIOR, p. 3, em vias de publicação (no prelo).

Exemplo clássico dessas exigências foi a situação vivida por Frantz Fanon na produção do célebre livro “Peles negras máscaras brancas”, quando foi apresentar seu trabalho de conclusão de curso e teve seu texto rejeitado por não se “enquadrar” no perfil que

se esperava de um projeto acadêmico daquele nível. O autor martiniquenho expôs em sua obra como o negro precisa se revestir de camuflagens brancas na busca pela aceitação e sucesso. Os códigos de comunicação são encharcados de referências brancas, implantados nos dispositivos sociais desde a primeira infância. Essa alienação colonial, segundo Fanon (1952), atinge brancos e pretos numa inversa proporção. Ao branco é reservado o privilégio de não precisar pensar em raça, pois ao lado de sua qualificação, profissão ou status, nunca vem a cor de pele. Já o negro carrega em si a obrigação da perfeição, pois quando erra, leva junto todos os pretos, reafirmando no imaginário social os estereótipos racistas. Em analogia à famosa reflexão da pensadora francesa Simone Beauvoir (1949) “não se nasce mulher, torna-se mulher”, Fanon elabora o mesmo raciocínio para as raças, “não se nasce negro, torna-se negro”. Dessa forma, pensar espaços de ensinamentos e aprendizagens que fomentem uma educação potente, é assumir o desafio de formar educadores decoloniais, inclusive no processo de escrita ou produção de saber outra, como contação de histórias, produção musical, *performances* corporais e/ou audiovisuais.

Com a mudança da escrita é possível se mudar a ciência, esta que foi tomada de assalto pelos pensadores europeus, que se apropriaram da definição da ideia, desconsiderando toda a produção intelectual em outros tempos e espaços.

Além da civilização grega, podemos destacar na antiguidade a existência de vários outros grandes povos, como os fenícios, sumérios, os chineses, os maias, os astecas, os incas, os romanos, os egípcios, entre outros. No caso específico do continente africano que, no referido período, não era um continente e não se tinha essa noção atual de um todo homogêneo, existiram muitos outros impérios além de Kemet (como os povos africanos chamavam o antigo Egito), como, por exemplo, Axum, Meroé, Núbia, Numídia, a Terra de Punt, o Império de Kush, o Império Ashanti e o Império de Gana, Daomé, dentre outros. Vale destacar que Kemet, ao contrário do que muitos pensam, não fica na Europa, mas trata-se de uma civilização africana e negra. (DIOP *apud* ROSA; ALVES-BRITO; PINHEIRO, 2020, p. 10)

Nesse caminho, organizações coletivas, intra e extra institucionais, são bastiões em defesa na busca de uma subversão lógica, estética e conceitual na produção de saberes essenciais para a vida.

## 0. 8 ASPIRAÇÕES E INSPIRAÇÕES

Tanto Conceição Evaristo com o seu conceito de Escrivência, como Deleuze e Guattari com suas contribuições acerca da Lógica do Rizoma e das cartografias são inspirações elementares para essa formulação. Ambas as ideias, ainda que de maneiras

distintas, são alicerces para essa produção contra-hegemônica, uma vez que inspiram e estimulam uma produção que seja pautada nas práticas e vivências, como Arildo Amaral e Maria Goretti Rodrigues (2021) trazem em “A experiência é o que dá sentido à escritura – escrita experiências – não se trata de escrever sobre, mas de escrever na experiência”.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo propor de uma maneira transversal o confronto ao epistemicídio denunciado no subitem acima a partir dessa perspectiva. Há ainda, a experimentação estética, que reivindica na prática a legitimidade de outras formas de saber, ensinar e aprender. Seja por meio da oralidade, histórias que remontam arquétipos de oprimidas/os, pela escrevivência (DUARTE, 2016) e pelas cartografias (DELEUZE; GUATTARI, 1972), ou mesmo a orientação coletiva, que escoltou tal empreendimento aqui exposto. O texto se justifica como um material de exploração acadêmica enquanto forma, mas com sustentação teórica, que se ancora em conteúdos já elaborados com as devidas justificativas e problematizações.

Essa pesquisa almeja, ainda, estremecer as bases sólidas que se reproduz regularmente em quase todas as instâncias de ensinamentos e aprendizagens ditos formais. Modelo este, legítimo, mas não único, e certamente não o mais complexo. A necessidade de uma ruptura estrutural se dá, especialmente, por que não há possibilidade de subverter a lógica hegemônica, utilizando-se dos mesmos mecanismos que o sistema opressor operou até então. Não se trata de apenas fazer diferente, buscar uma roupagem bacaninha, ou querer ser conceitual por modismo. A proposta é pensar e valorizar maneiras alternativas de saberes, de modo que se torne um instrumento disruptivo, tanto na sua enunciação como nos traços.

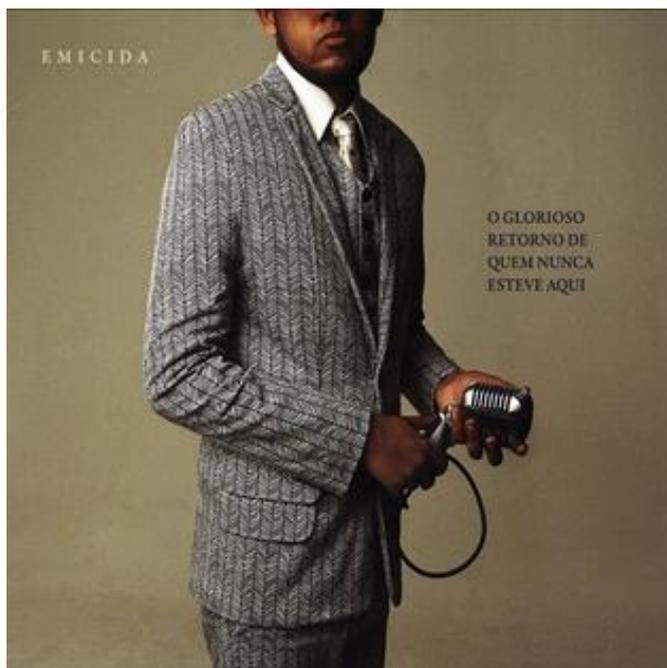
Há aqui uma experimentação com o propósito de tensionar forças contra a organização maçante dos projetos finais de educação superior. É necessária uma reconfiguração da estrutura cartesiana e positivista, que esquarteja e classifica os saberes em gavetas. A formação dos educadores decoloniais deve estar calçada na transversalidade, vivências, prazeres e estilos próprios, visto a necessidade de interromper esse método engessado de escrita, e a urgência de se ultrapassar as cercas da Universidade, tornando as produções acadêmicas um bem coletivo também no aspecto do acesso. Com a intenção de uma linguagem compreensível e atraente, a escrita que segue será orientada pelo princípio de facilitar o diálogo entre a academia e o cotidiano popular.

Apesar de a pesquisa ter uma abordagem evidentemente política em sua pauta, há a compreensão de que o ato da escrita transcende apenas ao tema, também está em como se trabalha essa estética e pensamento. É possível ser monológico e opressor abordando de questões relevantes como racismo e gênero, por exemplo. Dessa forma, elaborar essa

dissertação em um gênero discursivo outro, é ampliar as perspectivas de enfrentamento ao status quo, e é nesse intento que seguimos.

## 1 EMICIDA & O GLORIOSO RETORNO DE NUNCA ESTEVE AQUI

FIGURA 7 – Capa de O Glorioso retorno de quem nunca esteve aqui<sup>10</sup>



Fonte: Laboratório Fantasma (2013).

FIGURA 8 – Qrcode do álbum disponível pela plataforma Youtube Music<sup>11</sup>



Fonte: Próprio autor.

<sup>10</sup> Capa de O Glorioso retorno de quem nunca esteve aqui, Bang é 9ª música do álbum.

<sup>11</sup> Aconselha-se ao leitor que, anteriormente a leitura do texto que segue, escutem-se as faixas do álbum supracitado. Para tanto, as figuras que seguem tratam-se de Qrcode's produzidos pelo próprio autor no sentido de facilitar o acesso ao disco.

Partindo da premissa que os saberes são múltiplos, e se movimentam de variadas formas, o pensador de apoio que será evocado e trazido à roda para sustentar à reflexão aqui exposta é um sábio orgânico. Potente em suas ideias e ações, tem a urgência em ocupar também os espaços “legítimos” de ensinamentos e aprendizagens. O ser humano que inspira boa parte dessa dissertação é Leandro Roque de Oliveira, popularmente conhecido como Emicida. Rapper, cantor, compositor, empresário, escritor, produtor musical e de moda, entre outros ofícios.

Emicida é de Santos - SP, e se popularizou na cena do rap por conta de participações memoráveis nas rinhas de MC's, onde suas improvisações eram certeiras. Fosse nas batalhas do Santa Cruz, em São Paulo, ou qualquer outro local que chegasse, a chance de sair o vencedor dos duelos era muito alta. Na verdade, é daí, inclusive, a origem do seu apelido (homicida de MC's). Em 2007, ele lançou seu primeiro single, “Triunfo”. Seu primeiro álbum foi um impactante disco de estreia. “Pra quem já Mordeu um Cachorro por Comida, até que eu Cheguei Longe”, contém 25 faixas e foi distribuído pelo próprio Leandro e seu irmão, hoje também empresário, Leandro Fióti. Cada disco foi vendido por preços simbólicos que variavam de R\$ 1,00 a R\$ 5,00. Com esse baixo valor e a alta adesão o álbum foi um grande sucesso, e projetou a carreira do Emicida que, paralelamente, construía seu próprio selo – Laboratório Fantasma.

Hoje já consagrado pela crítica e público, é membro cativo de programas de televisão como o “O papo de Segunda” da GNT, foi presença marcante no tradicional programa de entrevistas “Roda viva” da TV cultura, escreveu livros infantis, e é um permanente devoto da ancestralidade. Sempre faz questão de exaltar sua ascendente, Dona Jacira, mãe e mentora, não só dele, mas de quatro filhos, que são Kátia, Katiane, Leandro e Evandro. Jacira é uma amante das plantas e das artes, e transmitiu essas paixões para o filho. Essa relação entre Emicida e sua mãe é uma inspiração para a história aqui escrita.

O nome da dissertação é um manifesto dos afetos e uma homenagem ao álbum que será suporte essencial para as rumações que se sucederão. “O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui” é o primeiro álbum de estúdio do Emicida, produzido em 2013 e premiado pela revista *Rolling Stone*, como o disco do ano. O título do álbum também dialoga com o eixo central da trama literária que conduz à dissertação. É importante dizer que nessa altura do campeonato, Emicida já produziu muita coisa relevante no cenário cultural brasileiro e mundial. De desfile de moda na São Paulo Fashion Week (SPFW) a documentário no Netflix, cada produção artística de Leandro é uma pedrada na vidraça dos privilegiados. Recentemente,

em 2020, foi premiado com Grammy latino pelo disco AmarElo, como melhor álbum em sua categoria. Lançado em Outubro de 2019 e aclamado por crítica e público dentro e fora do Brasil.

Durante as tomadas de decisões quanto ao futuro do projeto, cogitou-se usar como referência a discografia completa do artista. No entanto, dada a vastidão e profundidade do acervo, foi decidido fazer uma análise específica do álbum que dá nome à dissertação, e que por si só já é um universo de possibilidades reflexivas, transformadoras e que certamente não será esgotado neste documento. Cabe ainda a explicação de que cada capítulo do texto que segue será nomeado como tributo, a uma faixa do disco. A ordem não será necessariamente cronológica, mas recomendo a escuta do álbum na disposição original antes da imersão no texto.

## 2 MILIONÁRIO DO SONHO<sup>12</sup>

FIGURA 9 – Qrcode da faixa Milionário do Sonho disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*É o que eu digo e faço, não suponho, sou milionário do sonho  
 É o que eu digo e faço, não suponho, sou milionário do sonho  
 É difícil para um menino brasileiro, sem consideração da sociedade  
 Crescer um homem inteiro, muito mais do que metade  
 Fico olhando as ruas, as vielas que ligam meu futuro ao meu passado  
 E vejo bem como driblei o errado, até fazer taxista crer  
 Que posso ser mais digno do que um bandido branco e becado*

<sup>12</sup> A música “Milionário do sonho” é a faixa inaugural do álbum “O Glorioso retorno de quem nunca esteve aqui”. A partir de agora, todos os capítulos tem títulos de faixas, e o início de cada um deles contará com um trecho destaque da musica em questão. Ainda assim, é interessante que antes de se adentrar em cada capítulo o leitor escute a faixa para maior imersão na letra e melodia.

*Falo querendo entender, canto para espalhar o saber e fazer você  
perceber  
Que há sempre um mundo, apesar de já começado, há sempre um  
mundo pra gente fazer  
Um mundo não acabado  
Um mundo filho nosso, com a nossa cara, o mundo que eu disponho  
agora foi criado por mim  
Euzin, pobre curumim, rico, franzino e risonho, sou milionário do  
sonho (...)*<sup>13</sup>

Sou filho de uma política pública eugênista, neto de avó materna suíça e paterna descendente de escravos. Para a população preta é quase impossível saber a linhagem de seus antepassados, nos limitamos a sabermos que fomos escravizados. A construção da minha identidade passa diretamente por desejos perversos de quem teve as rédeas do Brasil por um longo tempo. Um país que empreteceu durante séculos para exploração dos recursos naturais com a força de trabalho escrava e precisou se enquadrar ao padrão internacional estético (NASCIMENTO, 2016). Pensar em meus pais, casal inter-racial, do qual tenho tanto afeto e gratidão, é também um exercício de decodificação social.

Hoje ficam mais nítidas algumas complexidades dessa história de mim mesmo. Por mais contraditório que seja, esse casal planejado por maniqueístas que almejavam embranquecer o Brasil, foi o pilar da minha composição enquanto indivíduo crítico. Tania, minha mãe, branca, pedagoga, militante de esquerda, paciente psiquiátrica e leitora voraz; Astrogildo, meu pai, preto, jornalista, tricolor, contador de história e amante da revolução cubana.

O fato de eles terem se conhecido na CUT (Central Única dos Trabalhadores), no final dos anos 80, é um vestígio das inquietações que os rodeavam. Não por acaso, o nome do único filho que tiveram foi uma homenagem à luta espacial soviética e o principal teórico Comunista. Este que vos escreve, carrega o nome de Yuri Marx, mistura de Yuri Gagarin<sup>14</sup> e Karl Marx<sup>15</sup>. Meus ancestrais diretos sempre foram entusiastas da comunicação e da

---

<sup>13</sup> Parte inicial da letra Milionário do sonho, canção de Emicida.

<sup>14</sup> Iuri Alexeievitch Gagarin (Kluchino, 9 de março de 1934 – Kirjatch, 27 de março de 1968), foi um cosmonauta soviético e o primeiro ser humano a viajar pelo espaço, em 12 de abril de 1961, a bordo da Vostok. Esta espaçonave possuía dois módulos: o módulo de equipamentos (com instrumentos, antenas, tanques e combustível para os retrofoguetes) e a cápsula onde ficou o cosmonauta.

<sup>15</sup> Karl Marx (Tréveris, 5 de maio de 1818 – Londres, 14 de março de 1883)[2] foi um filósofo, sociólogo, historiador, economista, jornalista e revolucionário socialista. Nascido na Prússia, mais tarde se tornou apátrida e passou grande parte de sua vida em Londres, no Reino Unido. A obra de Marx em economia estabeleceu a base para muito do entendimento atual sobre o trabalho e sua relação com o capital, além do pensamento econômico posterior. Publicou vários livros durante sua vida, sendo O Manifesto Comunista (1848) e O Capital (1867–1894) os mais proeminentes.

revolução, um jornalista, a outra pedagoga, duas das personalidades mais contundentes que tive acesso.

No entanto, antes de desaguar em um pretense Comunista, passei por questões mais regionais e étnicas do que supunha meus pais internacionalistas e revolucionários. A vida cotidiana de uma família inter-racial, de classe média, no interior do Brasil, expõem fissuras sociais que muitos livros não apresentam, e poucas pessoas se dispõem a refletir. Com o intuito de construir um jornal impresso, meu núcleo familiar se estabeleceu em Santo Antônio de Pádua, cidade do Noroeste Fluminense. Então, apesar de não ser nascido, é este município que considero como terra natal.

Nossa família é composta também pelo meu irmão, Marcus Vinicius, filho do relacionamento anterior da minha mãe, e uma das pessoas que mais amo e confio nessa vida. Ele é branco, o que tornou nossa casa desde sempre um lar com dois pretos e dois brancos. Durante muito tempo isso me pareceu trivial, mas hoje, olhando minuciosamente, percebo que não foi. Essa composição étnica mista forjou de maneira peculiar meu imaginário infantil. Sempre ao sair com meu irmão ou mãe percebia olhares confusos, talvez fosse coisa da minha cabeça, de toda forma seguia.

Outro fator importante nessa elaboração pessoal foi a relação com os traços do meu rosto e cabelo. Por muito tempo, mesmo sendo criança, desejei ter traços mais finos, nariz como os dos príncipes dos desenhos, ou o cabelo que balançasse, liso como um crina de cavalo. Pura perversão social, inculcar desde tão novo esses desejos em mim, um menino avoado e curioso.

Apesar de toda conjuntura racista do país e da minha cidade, considero-me uma pessoa privilegiada. Tanto minha mãe quanto meu pai ascenderam por meio dos estudos e puderam nos fornecer comida e instrução, a vida no geral foi boa com a gente. Ainda assim, ou talvez por isso mesmo, faz-se necessário esse relato-história-denúncia. Mesmo com a estrutura ao meu favor, a perversão do racismo esteve presente, marcando minha subjetividade, tentando colocar limites aos meus anseios, impondo restrições nítidas aos locais de poder que poderia almejar.

Minha construção identitária na infância passa pelos espaços de socialização onde estive inserido. Estudei a vida toda em colégio público, não me adaptei a escolas particulares, muito pelo incômodo de ser o único preto. No entanto, mesmo no espaço escolar público, onde parte considerável dos outros estudantes também é de pretos/as, pardos/as e indígenas, havia poucas referências de saber e poder (BOURDIEU, 2001) que destoassem do padrão embranquecido. E por referências de saber pode-se considerar professores, gestores escolares,

autores e personalidades públicas reverenciadas. É no que tange ao espaço escolar especificamente, era possível observar uma disposição de turmas para lá de problemática, onde se dividia por A e B as séries que tinham mais de uma turma. As salas “A” eram onde estavam os alunos com melhores habilidades, e as “B”, os com mais dificuldade de aprendizados. Até mesmo nessa separação era visível a presença maior de negros nas turmas “B”.

Pensando na minha trajetória enquanto indivíduo, a primeira vez que me recordo de ter sofrido racismo foi com aproximadamente 10 anos de idade, em uma viagem de férias. Estávamos em um Camping no estado do Espírito Santo, onde minha família costumava passar as férias de fim de ano. Lá sempre me relacionei com relativa facilidade, mas por conta do fluxo de idas e vindas do local, restou apenas uma outra família com crianças disponíveis e interessadas em brincar.

Naturalmente me aproximei e comecei uma investida para brincadeiras. Perguntei o nome dos irmãos que pareciam ser da minha faixa etária, eles não perguntaram o meu. Por intuição ou hábito resolveram me chamar de “neguinho”. Para continuar a ter as companhias não reclamei, mas internamente aquele invocativo me incomodava, eu percebia que soava pejorativo, mas não reclamava para ter com quem passar as horas de lazer. Um dia eles me chamaram assim e minha mãe escutou, ela na hora acabou com aquilo. Convocou a mãe dos meninos e eles, deu um sermão em todos, por fim, me explicou que não deveria aceitar aquilo nunca mais na minha vida. Pois é, a primeira lição sobre minha negritude veio da minha mãe, branquinha, mas cheia de amor. Parece-me relevante trazer isso à tona porque apesar de ter sido o primeiro episódio de racismo em minha vida, não foi o último. Ao longo da vida, seja na sutileza de um olhar ou na negação de um pensador negro, o cotidiano veio reafirmando que ser preto no Brasil é ser tratado como neguinho, num acampamento infantil ou na produção do conhecimento legítimo. Dessa forma, nada mais justo do que o pequeno Yuri, sem cicatrizes da vida, fazer esse percurso-proposta, que a partir daqui se confunde entre histórias vividas, possibilidades de superação e muitos sonhos.

### 3 BANG

FIGURA 10 – Qrcode da faixa Bang disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*(...) Neguinho o caralho, meu nome é Emicida, porra!  
 O zica, corra, trinca, brabo, desde a "orra"  
 É o fim da zorra, vim dos free que é mate ou morra  
 Frio, masmorra, tio, do morro à desforra  
 Couro, Etiópia, sépia, luz própria  
 Rap é anticópia, né, fi? Deixa em off  
 A fama e os click-click, ouço um Slick Rick  
 No bote igual Deeplick, ligeiro pique Wikileaks  
 São velhas agonias, novas tecnologias, jão  
 Vim pra ser Ben 10, moleque monstrão  
 De volta no ringue, swing no bang  
 Dando sangue, até o fim, fê, Dorothy Stang  
 O gueto morrendo nos corró  
 E o rap brigando na net pra ver quem tem um tênis melhor  
 É cada um com sua cruz, jão  
 À la Jesus, andei no meio duns cuzão, cedi, não (...)<sup>16</sup>*

O espaço era grande, arborizado e com clima bucólico, lugar de veraneio onde minha família ainda costuma curtir as férias até os dias de hoje. Com a distância de uma rua para a praia, singelo, porém muito acolhedor e organizado todo o local. Área extensa para barracas, um raio de quarteirão compunha o tamanho total, chalés em prédios espalhados no terreno, com direito à ping-pong, mesa de totó, campo do futebol e outros espaços de lazer. A vegetação do espaço é mista, árvores altas e quase tudo cercado por troncos e arames. No

<sup>16</sup> Parte da letra de Bang, canção de Emicida.

verão fica povoado e com alto trânsito de pessoas e veículos. Foi nesse espaço que aconteceu o encontro que estremeceu minhas estruturas. Itaoca Pousada Camping, é lá que se passa essa história.

FIGURA 11 – Itaoca Pousada Camping



Fonte: site Booking.

– *Ei!!* – Falou num tom amistoso, um homem esguio que se aproximava.

– *Por que está com essa cara de velório, garoto? Solzão desses, água do mar tá linda, tá de bobeira, ein! Qual o nome do senhor tristeza?*

Ainda desorientado com o que tinha acabado de passar, mas com pronta gentileza, direcionei-me ao desconhecido. – *Opa! Nem tinha te visto. Tô triste não, só um pouco pensativo. Uns meninos aqui do camping me trataram de uma forma que me incomodou, minha mãe teve que interferir e estou tentando entender tudo.*

Em um misto de curiosidade e medo continuei. – *Meu nome é Yuri, na verdade Yuri Marx, foi uma homenagem que meus pais fizeram ao primeiro homem a sair da órbita*

*terrestre, e um pensador aí que não conheço muito bem, mas me disseram que é importante. E quem é você, que nunca vi aqui pelo camping?*

O forasteiro era alto e magro, usava óculos e parecia ser uma pessoa tranquila. Com jeito pacífico e questionador, foi se aproximando de mim para saber mais do que havia acontecido. – *Pode me chamar de Ciclone. Mas me conte: o que te incomoda na relação com esses meninos?*

Me segurei para não dar uma risada, achei o nome do estranho incomum, mas acabei me contendo. – *Ciclone? Isso parece nome de super-herói cara, seus pais devem ser engraçados. Então, o que me incomodou foi o jeito que eles me trataram, além de não perguntarem como me chamava durante todo tempo que estão aqui no camping. Apelidaram-me por “neguinho”. Minha mãe, – aponte para uma mulher alta que conversava próximo de nós – aquela ali, perto da área de lazer, deu uma bronca neles, nem a mãe dos meninos escapou. – Disse essa última parte com um leve sorriso no rosto.*

O visitante fechou o semblante, mas não pareceu surpreso com o que acabara de escutar. Após alguns segundos de silêncio, prosseguiu no bate papo comigo. Eu já sentia um clima amistoso na nossa relação. – *Pesado mesmo camaradinho, sua mãe está certíssima, não deixe mais ninguém te tratar com desdém, seja pela sua cor de pele ou qualquer outra característica. Me conta uma coisa, tu gosta de música?*

Normalmente o camping era movimentado naquela época do ano, mas por alguma razão do destino neste dia estava bem pacato. As barracas, que normalmente ficavam numa distância muito próxima umas das outras, estavam espaçadas, poucas roupas nos varais e menos gente ainda no restaurante-bar. Dessa forma, permiti-me continuar o papo com aquele ser diferente que apareceu.

– *Então Ciclone, meus pais às vezes colocam umas músicas para tocar, mas nada que tome minha atenção demais. Por que? O que isso tem a ver com o que rolou comigo?*

– *A música está em tudo meu amigo, é uma sequência de sons e silêncios combinados, que pode gerar sensações diferentes, e tem muita gente fazendo coisa boa de verdade. Há um rapper que considero o maior pensador do meu tempo, pode te interessar bastante.*

Enquanto conversávamos minha mãe apareceu, ela atravessou o espaço sem passar entre as barracas, chegando bem perto da gente perguntou quem era o desconhecido. Prontamente me pus a responder e apresentar o novo amigo para ela. – *Ô mãe, esse é o Ciclone. Assim que tu saiu ele chegou e tá conversando comigo sobre o que rolou com os meninos mais cedo. Ele percebeu que eu estava meio pra baixo e tá aqui trocando uma ideia comigo.*

Após a breve apresentação, minha mãe já se colocou a falar e refletir sobre o ocorrido, na maior naturalidade e urgência. – *Vê se pode, Ciclone! Crianças desse tamanho já reproduzindo tamanha barbaridade, o pior é a mãe, que mesmo eu falando tudo o que vi, fez pouco caso e vista grossa. Ahh, nem me apresentei... Meu nome é Tania, mãe desse grandão aí.*

Apesar da pouca idade sempre fui uma criança com a estatura acima da média. Mesmo com apenas dez anos já aparentava ter no mínimo quatorze. Admito que na infância isso me gerava um certo incômodo, até constrangimento. Quando se é adulto é bacana ter uma altura que se destaque, mas na infância não. A socialização parece que acontece de um jeito mais intenso e peculiar, eu só queria ser igual aos meus colegas de bairro e escola, não chamar atenção além do necessário. Para ser sincero tinha medo até de ficar gigante.

– *Pelo pouco que o Yuri falou deu pra ver que você é uma mulher de bastante atitude e consciência. É um prazer te conhecer Tania! Pessoas que se posicionam nesses momentos fazem toda a diferença. Certamente seu filho é um sortudo.*

Enquanto os dois conversavam, observava aquele diálogo com os olhos atentos. Minha mãe e o novo amigo pareciam se entender bem. Aquilo me animava, pois agora que já não podia e nem queria brincar mais com os meninos que vinham me atacando, ter uma companhia que agradava a nós foi realmente ótimo. Ciclone apesar de mais velho tinha um jeito doce e honesto de se comunicar. Não parecia aqueles adultos que queriam marcar o tempo todo que são mais sábios e inteligente que as crianças - isso me agradava muito.

– *Pois é, o sangue ferve, tem coisas que não dá pra aturar; no geral me controlo com as atitudes sem noção que vejo, mas ataques gratuitos ao meu filho, “nananinanão”. Enquanto falava, já se movia como quem está de saída. – Meus queridos, vou deixar vocês conversando e vou ali na recepção rapidinho pegar uma coador de café com a Vera. Já volto pra continuar nosso papo, gostei de você Ciclone. Até!*

Vera era umas das proprietárias do Camping, junto do seu marido Alceri. Tomavam conta do lugar durante o verão, e ao longo dos anos tinham criado grande conexão com os campistas que ali se estabeleciam. Com minha família a relação era extremamente próxima e agradável. Já frequentávamos o espaço há um bom tempo, não havia mais formalidades comerciais no trato entre a gente e as pessoas que ali trabalhavam.

– *Até, dona Tânia!*

– *Dona de que? Estou mais é para operária mesmo, e das bem exploradas – disse minha mãe sorrindo, enquanto saía lentamente.*

– Mãe, vou ficar conversando com o Ciclone. Se ele animar vou chamar pra jogar ping pong ou uma volta na praia.

– Ok, só não saia do camping sem me avisar, e nem perturbe muito o moço. Certamente ele deve ter mais coisas pra fazer.

Ciclone fez um aceno com a mão, como quem diz que estava tranquilo de tempo, e para não se preocuparem com ele. Era muito curioso como a relação tinha ficado íntima e confortável tão rápido. Em qualquer outro cenário minha mãe teria sido mais cautelosa ao me deixar com um total desconhecido, mas não era esse o caso ali.

– Ô Ciclone, você tava falando de um rapper, e eu gostaria de conhecer. Que história é essa, quem é esse cara que você admira tanto?

Após minha pergunta, o misterioso com nome de fenômeno da natureza, colocou a mão no bolso, retirou um CD e um aparelho para executar o disco. Eu já estava ansioso para saber do que se tratava, agitei freneticamente a cabeça, enquanto me ajeitava perto do novo amigo para entender o que era. Ciclone tentava ser o mais didático possível, parecia realmente decidido a me colocar a par das coisas importantes do mundo.

– Enfim vou te apresentar o rapper que falei, ele se chama Emicida, a primeira música que vou botar pra você escutar é Bang, toma um fone e bora ouvir juntos.

Após escutarmos a música ficamos um tempo em silêncio. Estava atônito tentando assimilar o que tinha acabado de ouvir. A letra da música já começou como um soco no estômago, falava exatamente do que tinha acontecido comigo há poucos minutos. Por um instante me senti desconfortável pelos palavrões, mas logo me conectei com a letra, melodia, e com o próprio rapper. Muitas informações na canção para mim ainda eram difíceis de entender, mas a batida intensa e a força da voz do cantor me mantiveram atento até o final.

– Ual, que som diferente, curti bastante. Quem é Dorothy Stang?

Num tom calmo e relativamente curioso, o meu camarada se sentou no meio fio pintado de branco que estava do nosso lado, me convidou a fazer o mesmo. Percebi que aquele papo ainda ia durar bastante.

– Então, Yuri, como tinha dito, para além de fazer dançar, a música tem muitas funções. Uma delas é botar para fora angústias e revoltas com o mundo ao redor. O que o Emicida traz com essa música é difícil traduzir em palavras, mas vou tentar te responder de maneira resumida sua pergunta mais específica. Dorothy Stang foi uma ativista norte-americana naturalizada brasileira. Ela pertencia a uma congregação religiosa. Sua atuação aconteceu principalmente na Amazônia, com atividade pastoral e missionária. Buscava a geração de emprego e renda com projetos de reflorestamento em espaços degradados, junto aos

*trabalhadores rurais. Ela foi assassinada justamente por defender esses princípios. Mas por que você perguntou sobre ela?*

Sentado ao lado do amigo mais velho, expliquei minha dúvida. – *Achei o nome diferente, e esse lance de dar sangue até o fim me pareceu bem sofrido. Mas agora fiquei curioso com você, como sabe tanta coisa assim?*

– *Pois é, ela foi uma mulher e tanto mesmo. Além dela, o Emicida costuma trazer várias referências bem fortes nas suas letras. O bacana das músicas é que cada vez que se escuta, uma nova camada se apresenta, seja nas letras ou melodias.* – Falou isso com um sorriso bobo no rosto, retomando a feição de serenidade, continuou – *sou professor de Sociologia, e penso que ensinamentos e aprendizagens, assim como a música, estão em todos os processos da vida (FREIRE, 1989). Vejo o Emicida como um grande professor.*

Na ingenuidade infantil, perguntei sem refletir muito. – *Não tenho nenhum professor igual a você. Na verdade não tenho nem professor homem. Mas voltando ao Emicida, quer dizer então que vocês são colegas de profissão?*

Com uma cara de quem tinha conquistado o que queria, Ciclone tornou a falar. – *Sinceramente? Penso que eu e Emicida somos colegas na arte de transmitir saberes sim, mas acredito que ultrapasse um pouco a questão profissional. No meu ponto de vista, além da questão da habilitação formal para lecionar, somos igualmente inconformados, e considero ele muito mais questionador e criativo do que eu em vários momentos. Um professor ainda mais sofisticado, diria.*

Apesar de algumas palavras complicadas, acompanhava atentamente as falas indignadas daquele ser exótico e falastrão. Ainda refletindo sobre as funções do professor, escola e o próprio ensino, ele prosseguiu. – *O fato de você ter poucos professores parecidos comigo também é um vestígio de escolhas políticas, assim como o próprio conteúdo que passam na escola.*

Enquanto estávamos sentados conversando, minha mãe voltou. Curiosa com o longo papo que estava rolando, aproximou-se para participar também. Fumando um cigarro, com a garrafa de café e copos na outra mão, juntou-se a nós. Ela era extremamente ansiosa, desde que me entendo por gente sempre a vi fumando muito, fossem nos momentos de tristeza ou alegria, tensão ou relaxamento, o cigarro sempre estava ali.

– *O papo aí parece bom mesmo, ein!* - Enquanto falava servia três copos de café. – *Contem-me um pouco do que vocês estão fofocando.*

– *Então mãe, o Ciclone acabou de me contar que é professor, assim como você.* – Eu falava isso num tom mais empolgado do que normal. Geralmente não refletia muito sobre a

formação da minha mãe. Apesar de ser pedagoga, sua vida diária era dentro de uma redação de jornal. – *E disse mais, após ouvirmos uma música maneiríssima, falou que também é possível se aprender pelas canções. Estou começando a gostar dele.* – Mesmo sendo curioso e gostando muito dos estudos, dificilmente me sentia dessa forma entusiasmada na escola.

– *Ahh é? Que bacana Ciclone. Na verdade sou pedagoga de formação. Atualmente trabalho na direção de um Jornal impresso, com meu marido em Santo Antônio de Pádua. De toda forma, sou muito atenta às questões da educação. Você é professor de que? Acha mesmo que dá pra relacionarmos música e ensino?*

Nós três sentados ali no meio fio no entardecer praiano de Itaoca era uma cena bonita. No camping havia árvores que permitiam a entreluz do Sol chegar de maneira isolada em cada um de nós. Enquanto tomávamos o bucólico café da tarde, o papo seguiu. – *Pois é Tania, não só acho que é possível, como considero urgentemente necessário. Tenho percebido os espaços escolares cada vez mais engessados e tristes, as aulas são repetitivas e pouco prazerosas. Quando falo da música, penso na arte de uma maneira geral, uma educação significativa precisa estar em conexão com a nossa contemplação de vida (ALVES, 1994)* – Minha mãe e eu ouvíamos Ciclone e concordávamos com a cabeça, esperando-o continuar sua falar que nos mantinha ali, envolvidos.

– *E no caso do Emicida, acho que há mais um elemento. Além de todo o prazer que a música traz, ele tem em si uma essência que a escola nega desde sua construção enquanto instituição. Seja por conta dos professores que quase sempre são iguais em corpos e trajetórias, ou dos conteúdos, que vêm rotineiramente do mesmo lugar e com o mesmo formato (NOGUERA, 2014). O Emicida é contestador no discurso e na prática. E sou professor de Sociologia, nos tempos atuais tem sido um baita desafio pensar a sociedade, e transmitir as impressões de maneira otimista em sala de aula.*

Após essa longa fala, ficamos em silêncio por alguns instantes. Aquele papo estava tomando caminhos que nem eu e minha mãe imaginávamos. Aproveitando o vácuo de intervenções nosso novo amigo prosseguiu.

– *Registros históricos provam que a produção filosófica na África existe há pelo menos 4.800 anos, vindas do antigo Egito (NOGUERA, 2014). Por que informações como essa não são transmitidos no ensino básico?* – E minha mãe respondeu. – *Realmente é um ponto que sempre me incomodou muito, Ciclone. Durante a graduação, estágio e até mesmo nos tempos de escola. Pouco me recordo de tratar temas que fugissem do eixo Europa / América do Norte.*

Enquanto eles conversavam eu viajava nos pensamentos ali do lado. De fato, a única recordação que tinha sobre Egito era dos desenhos e programas de televisão. Ainda sim

sempre falando da pirâmide, não sabia nem que ficava na África. A propósito, naquela altura da vida não sabia o nome de um país da África, quando escutava, pensava num grande território com pessoas parecidas e animais selvagens.

#### 4 LEVANTA E ANDA

FIGURA 12 – Qrcode da faixa Levanta e Anda disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: próprio autor.

*(...) Quem costuma vir de onde eu sou  
 Às vezes não tem motivos pra seguir  
 Então levanta e anda, vai, levanta e anda  
 Vai, levanta e anda  
 Mas eu sei que vai, que o sonho te traz  
 Coisas que te faz prosseguir  
 Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda  
 Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda  
 Irmão, você não percebeu  
 Que você é o único representante  
 Do seu sonho na face da terra  
 Se isso não fizer você correr, chapa  
 Eu não sei o que vai (...)*<sup>17</sup>

Era comum nessas temporadas em que ficávamos em Itaoca meu pai ir à Pádua para resolver questões do Jornal. Normalmente saídas curtas, de dois dias no máximo. No momento em que conhecemos Ciclone era uma dessas situações. Já completávamos quinze dias de hospedagem no camping e estava sendo a primeira vez que eu e minha mãe ficávamos

<sup>17</sup> Parte da letra Levanta e anda, canção de Emicida.

“sozinhos” naquele ano. Acho que por isso ela também se sentiu mais à vontade para entrar nessa viagem que estava sendo o nosso papo.

Ainda querendo seguir no assunto do ensino e as possibilidades alternativas, Ciclone continuou. – *Vocês não acham extremamente cansativo esse modelo de ensino atual da escola? Professor à frente dos alunos, matérias no quadro, textos para se ler e decorar, sempre no mesmo formato e espaço?*

Apressei-me a responder. Sempre fui muito inquieto com isso, e aquela era uma questão que me intrigava há algum tempo. – *Sim Ciclone, isso é uma chatice. Gosto de ir à escola mais pela interação com meus amigos do que pelo o estudo em si. A disciplina que mais curto nem caderno precisa, é Educação Física.*

Ciclone e minha mãe se entreolharam em uma demonstração de comunicação mental, minhas palavras tiraram um leve sorriso dos dois. Disposto a refletir sobre essas questões, Ciclone apresentou de maneira mais incisiva algumas de suas angústias para o bate papo comigo e minha mãe.

– *Pois é, Yuri, a teoria tem sua importância, mas refletir sem botar a mão na massa pode ser bem chato. Por essas e outras, luto para que consideremos como aprendizagem todos os momentos significativos, sejam dentro ou fora da escola.* – Enquanto falava, Ciclone voltava a mexer em sua bolsa, e retirou o CD e o aparelho eletrônico novamente.

– *Tenho uma proposta para vocês, o que acham de escutarmos mais uma música do álbum? Dessa vez vai ser “Levanta e anda”.*

– *Como não escutei a primeira, tô em atraso com vocês* – disse minha mãe – *quero escutar logo esse Emicida para ver se é isso tudo que vocês estão dizendo mesmo.*

Como éramos seis orelhas, não dava mais pra ser no fone. Dessa maneira, Ciclone abriu o áudio no aparelho e o som tomou conta daquele espaço que estávamos dividindo. Escutamos ali juntos aquela música intensa e oportuna para o momento. Assim que terminou, apressei-me para tomar a palavra, aquela sequência de rimas e frases de efeitos me trouxeram alguns pensamentos, e logo quis compartilhar. Sem muita introdução lancei: – *Ele falou uma pá de coisa diferente dessa vez, ein! Curti bastante, até meu nome rolou. Mas o que ficou na minha mente mesmo é uma pergunta. Qual o sonho de vocês?*

Ciclone e minha mãe pareciam não esperar aquele questionamento. Mais um motivo de me sentir orgulhoso e perspicaz naquela situação.

– *Pois é, Yuri, ele faz uma crítica na real à galera que conhece Marx, mas não está nem aí pra fome no dia-a-dia. Fiquei curioso pra saber o que a Tania achou.* – Apesar de estarem confortavelmente sentados e com uma considerável intimidade, Ciclone ainda era cauteloso

nas falas, tinha receio de assustar ou nos afastar com uma colocação mal interpretada – *E respondendo tua pergunta... De onde estou vindo, atualmente está tendo uma baita crise de saúde. Surgiu uma doença nova e ainda estão na busca pelo melhor tratamento, muitas pessoas morrendo e autoridades pouco se importando com a vida. Atualmente meu maior sonho é que isso se resolva logo por lá.*

Após essa fala eu e minha mãe fechamos nosso semblante. Pela expressão e forma como o Ciclone contou parecia ser realmente um problema bem sério. Quando questionei não imaginava que pudesse estar rolando algo do tipo.

– *Senti uma cutucada nessa parte aí que ele cita “Marx”. – apesar do tom ponderado na análise, minha mãe estava nitidamente feliz com o que tinha escutado. A sensação de estar em contato com uma música agradável, densa e totalmente fora do sua zona de conforto, despertou nela uma vitalidade. – Mas não julgo, tenho anos nos movimentos sociais e militância, é bem por aí mesmo. Muita teoria, burocracia, centralismo e pouquíssimo dialogo com a realidade. Vejo muita movimentação pensando em eleição e pouca articulação sincera com quem realmente pode ser sujeito/a nesse processo de transformação do mundo.*

As palavras da minha mãe saíam de uma condição de quem já viveu muito tempo nesse espaço de organização de lutas. Estar tendo aquele papo parecia lhe trazer outro prisma de possibilidades, inclusive de mudanças no mundo. Não era novidade para ela a força da arte, especificamente da música na movimentação política. Ela nasceu em 1961, poucos anos antes da instauração da ditadura no país, quando era comum compositores expressarem seus descontentamentos-denúncias e da população nas entrelinhas de canções populares. Chico Buarque, Caetano Veloso, Belchior e muitos outros artistas dessa geração foram referências de resistência para ela. Então, de certa forma, aquela conversa a remetia a tudo o que já havia vivido, mas sem a oportunidade de sistematizar essa relação de ensinamentos, aprendizagens e músicas tão diretamente, como Ciclone vinha apresentando na conversa naquela tarde.

– *Exatamente Tania, acho que é bem por aí o caminho para superar essa burocracia na resistência. Estão cada vez mais enfadonhos os espaços de lutas, muita palestra e pouco prazer, muita tarefa e pouca voz. – Conforme Ciclone falava, percebia que ele tratava do assunto com extrema atenção. Parecia ter passado por experiências que lhe traziam aquela bagagem. – E falando em prazer, tenho uma sugestão para vocês, que tal levantarmos e andarmos também? Uma voltinha na praia para respirarmos e pisarmos um pouquinho na areia?*

Novamente sem esperar muito tempo me apressei a responder. – *Vamos, vamos... quero dar uma volta também.*

Após ficar com o semblante pensativo por alguns segundos, minha mãe respondeu. – *Dessa vez vou deixar vocês irem sozinhos. Combinei com a Vera de jogar uma partida de buraco e já tá quase na hora. Na próxima certamente os acompanharei. Só peço que tenha atenção e cuide do meu grandão, Ciclone.*

– *Pode ficar tranquila Tania, em pouco tempo estaremos de volta. Somos altos e fáceis de localizar a distância.*

Era tudo muito raro naquela situação. Minha mãe evidentemente tinha cautela e cuidado comigo. Nunca tinha permitido qualquer tipo de situação parecida até então. No entanto, tudo havia sido tão intenso e honesto para ela, que não havia o porquê negar uma volta a nós dois, a cidade era minúscula e estava vazia, e principalmente, ela tinha confiado de verdade naquele homem misterioso, indagador e com pretensões subversivas.

Já caminhando pelas areias de Itaoca sob o sol do entardecer, seguimos conversando. – *Então Ciclone, você falou que tá rolando uma doença no local de onde você vem. Conte-me mais, fiquei preocupado.* – Perguntei aquilo como uma maneira de saber mais da vida dele, apesar da preocupação ser real, foi mais uma brecha para entender melhor a origem daquele ser exótico.

– *Pois é, Yuri, acho importante falar sobre isso contigo mesmo. Apesar de ser uma doença, o que tá rolando tem contornos mais complexos. Muitos dos problemas são também em função de más escolhas. Atualmente o principal líder político de onde venho é uma pessoa autoritária e que nega o valor da ciência, a combinação perfeita para o sucesso de qualquer problema de saúde pública e social.* – Novamente sua expressão perdia o brilho enquanto falava da situação, mas, sobretudo, quando mencionou seu atual líder político. Escutava atentamente o que Ciclone falava, mas indaguei.

– *Se lá está tão complicado, por que não fica por aqui com a gente?*

– *Seria maravilhoso se fosse possível meu amiguinho. Você não imagina o quão prazeroso e nostálgico é poder estar aqui, conversar com você e a Tânia, trocar essas ideias.* – E seguiu com as reflexões. – *Mas apesar de todo esse caos e problemas, é fundamental exaltar as potências. Por muito tempo reduziram a existência de quem não é a elite a sofrimento e serviços. E não é só isso.* – Aquela mudança na rota do seu pensamento me captou, de modo que fiz uma intervenção tentando entender um pouco melhor. – *Nesse caso então Ciclone, como você poderia me explicar isso na prática? Porque sempre quando vejo nas reportagens de televisão, ou mesmo nos livros da escola é essa percepção que tenho, fragilidades e medos, principalmente.*

Ciclone prontamente parou de caminhar, coçou sua barba e me provocou. – *Então*

*você quer entender isso de maneira mais real? Tenho uma ideia, podemos sair da praia um pouco e ir a outras áreas aqui de Itaoca e observar sem pretensões as possibilidades de potência e beleza. O que acha?* – Admito que aquela proposta me pegou de surpresa, mas gostei do plano. Saía um pouco do que havíamos prometido à minha mãe, mas não achei que pudesse ser perigoso. Ciclone aparentava conhecer a cidade, e a princípio tinha sido eu que o instigara, concordei e segui os passos do meu amigo.

## 5 GUETO

FIGURA 13 – Qrcode da faixa Gueto disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*(...) O zé povinho só pode falar (só falar)  
 Mas o mundo todo pode ver (falar)  
 Onde estiver, onde pisar (aham, o que?)  
 Nós sempre vai ser gueto (é isso mesmo, rapaz)  
 À pampa de tanta fofoca  
 Tamo' na rua, dando um salve pique Adoniran, Saudosa Maloca  
 Canta a vida e conta as notas, zica, brilha e foca  
 Espanta os filha da- as intrigas desses pipoca  
 Se arruma, sorri e acostuma  
 Ganha grana, só pra mostrar que grana não é porra nenhuma  
 É pela arte, não pelos prêmios  
 Pisa na high society, faz sua parte bem, mantém a raiz, tipo os gêmeos (...)*<sup>18</sup>

Pois bem, saímos da praia pela área onde havia altos pinheiros, era um local visualmente bonito. Pegamos a rua paralela ao camping a aproximadamente duas quadras de

<sup>18</sup> Parte da letra de Gueto, canção de Emicida.

distância. Seguíamos papeando, falando sobre trivialidades. Ciclone me contava um pouco mais sobre sua vida, disse que assim como eu e meu pai, também torcia pelo Fluminense. Para quem gosta de futebol é sempre uma sensação de conexão e empatia imediata quando se encontra alguém que torce pelo mesmo time que você. Além disso, Ciclone falava sobre outras amenidades, eu embarcava na onda.

Até que de maneira intuitiva comecei a questionar nossa rota. – *Então, você estava falando de que era possível vermos na prática um pouco mais das potências da periferia. O que está pensando em fazer?* – Eu esperava uma incursão em algum morro ou área devastada, eram nessas coisas que as mídias tradicionais focavam quando transmitiam os locais menos ricos das cidades. Ciclone, contudo, tinha um roteiro menos piegas para gente, conforme íamos andando eu reconhecia o caminho, passava ali com frequência. As calçadas, padarias, mercados, eram os mesmos que estava habituado a ver quando ia à praça central da cidade. Percebendo que aquele caminho não era novidade pra mim, e com Ciclone fazendo certo mistério em responder minha pergunta, questionei novamente – *E aí Ciclone, está pensando em fazer o que? Vai me contar ou é surpresa?* – Nessa última vez fui mais incisivo, e acho que de alguma forma funcionou, porque meu novo camarada começou a soltar suas intenções. – *Pois bem, Yuri, vou te falar onde estamos indo. Não há motivos para charadas, na real acredito até que você conheça. Estou pensando em irmos ao parque de diversões, sei que não é nada refinado, mas tem seu valor.*

Inicialmente não entendi a proposta dele, o que haveria de novo ali? Um local onde devo ter ido umas três ou quatro vezes, só nessas férias. No entanto, contive essa primeira impressão para mim, e aguardei o desenrolar da situação. Foi aí que Ciclone começou a lançar mais pistas do que pretendia. – *Então, muito se fala e pensa na população periférica como fragilidade, mas no meu ponto de vista, e de alguns pensadores que admiro, a periferia, ou gueto, como podemos pensar, é força, luz e felicidade* (CANAL BAHIACAST, 2021). *Pensar as consequências como causas é lógica que foi produzida. Distinguir isso é processo de construção potente. Logo, nada mais justo que irmos a um local de lazer perceber como a vida é mais que obrigações. Te convido, Yuri, a observarmos quanto encanto há nos sorrisos de quem estiver lá. Bora?* – Achei aquela perspectiva interessante, de fato, aqueles argumentos que Ciclone apresentava fazia todo sentido quando refleti de maneira mais minuciosa, e sem pestanejar respondi. – *Claro que bora.*

Ciclone sorriu e seguimos caminhando, faltava bem pouco para chegar. O parque era relativamente simples, brinquedos interessantes, mas não muito tecnológicos. Minha mãe não era muito fã desse tipo de lugar, não sei se por conta de algum trauma ou precaução, sempre

me orientava a não andar nos brinquedos mais arriscados.

Chegando ao local, eu e Ciclone pudemos perceber que havia poucas pessoas e apenas algumas máquinas funcionando. Por ser dia de semana, acredito que isso tenha influenciado, mas já passava das 17:00 horas e algumas famílias se encontravam por lá. De maneira despreziosa fomos rodando e observando um pouco de tudo, eu ainda estava confuso onde aquilo ia dar, mas continuávamos em nossa caminhada. Até que Ciclone parou em frente a um brinquedo em funcionamento chamado Chapéu Mexicano. Era uma estrutura em que cadeiras de balanço ficam penduradas em um suporte com formato de chapéu, e as pessoas que andam neles se prendem por uma corrente. O mecanismo era simples, conforme a rotação do chapéu aumentava, mais lateralizadas ficavam as cadeiras, com a força centrífuga, deixando a certo ponto quase que totalmente na horizontal os assentos, e em uma velocidade para lá de assustadora.

Quando chegamos o brinquedo já estava em execução, e ficamos apenas olhando. Havia algumas pessoas, a maioria crianças, daí Ciclone falou – *Pois bem, Yuri, o que você pensa sobre isso? Acha que essas crianças são pobres ou ricas?* – Não entendi o motivo daquela pergunta, mas respondi. – *Não sei Ciclone, mas certamente estão vivendo grandes emoções, escuta essa gritaria, cara.* – Meu amigo riu com minha resposta, e seguiu seus pensamentos. – *Pois é meu caro, é exatamente sobre isso, os sentimentos são para todos.* – seguia acompanhando sua fala – *Mas o que quero elaborar com isso tudo? Não importa de onde tu venha, todo mundo quer e merece sentir emoções intensas, meu camaradinho, e nesse caso tenho a impressão de que eles estão gostando.*

E não deu outra, quando o brinquedo parou, pude ver os meninos e meninas que desciam, todos com alegria no rosto, tinham nove pessoas ao todo. Delas, dois eram adultos, e quatro eram de um tom de pele muito próximo ao meu. Mas a questão ali era mais complexa que isso. De uma forma sensível, Ciclone me sugeriu escutarmos uma música do Emicida enquanto aguardávamos a próxima rodada do brinquedo. Ele botou o som pra rolar sem fone, disse que era um faixa que se conectava com o que estávamos tentando entender ali.

Confesso que vendo aquilo tudo só queria andar em algum brinquedo e me divertir também. Me segurei e aceitei a proposta do Ciclone. Enquanto a música tocava, via algumas crianças fazendo fila para a próxima rodada. Quando começou a música senti uma vibração diferente, a canção tinha um tom de exaltação ao gueto, não só como um local de sobrevivência, mas de curtição e felicidade. Pois bem, o som acabou. Dessa vez não prestei plenamente atenção na letra por conta das distrações visuais, mas absorvi e assimilei algumas partes. E para dar vazão aos meus pensamentos e vontades, logo iniciei o papo – *Qual a*

*diferença do rap para o funk, Ciclone? Percebi que rolou uma espécie de junção, mas não sei se sou capaz de definir o que é cada estilo. – Realmente não conseguia entender o que caracterizava cada gênero musical, mas por conta da letra conter a enunciação dessas categorias me surgiu a dúvida.*

*Ciclone prontamente se pôs a responder. – São dois estilos que surgiram nos espaços periféricos, Yuri. É comum que surjam manifestações culturais em qualquer setor da sociedade, no entanto, quando a periferia cria essas expressões, parece-me que a sociedade tende a olhar com desconfiança. Você acredita que quando o samba surgiu no Brasil era considerado crime? (NOGUERA, 2014).*

*Aquilo para mim era impensável. Como um gênero musical poderia ser crime, sobretudo o Samba, que nos dias de hoje é tão popular e exaltado? Acho que Ciclone percebeu minha expressão de incredulidade e seguiu – Pois é, meu camaradinho, e não foi só o Samba que passou por isso, o próprio Rock, estilo musical tão celebrado no mundo todo, hoje tem história semelhante. Esses estilos, na verdade, foram tomados de assalto pelos brancos, assim como outros elementos culturais periféricos. Alguns teóricos chamam isso de apropriação cultural, eu prefiro chamar de sequestro mesmo (CANAL BAHIACAST CORTES, 2021).*

*Aí eu pirei de vez, como assim o Rock? Primeiro porque eu quase não via negros nas bandas que apareciam na TV, segundo porque tinha em minha mente que era um estilo musical consagrado desde sempre. Dessa vez não me contive e perguntei – Mas como isso é possível, Ciclone? Qualquer canal de música que coloco hoje em dia tá passando Rock. Não consigo imaginar sendo proibido. – Aquele trajeto mental estava se tornando um fio condutor para outras conexões que viriam, e meu amigo seguiu me explicando. – Pode acreditar, seja na música, economia, arquitetura, a cultura periférica tem sido bloqueada em sua evolução, a não ser, é claro, que os detentores atuais do poder a coloquem em baixo do braço. E é importante pensar que a história disso tudo está em constante movimento e disputa.*

*Absorvia aquelas reflexões de maneira gradual, mas cada gota que conseguia assimilar era como uma tempestade em meus pensamentos, o meu amigo estava fazendo jus ao nome. Apesar do espanto e interesse real naquilo tudo, ainda estava com vontade de andar em algum brinquedo. E questionei ao Ciclone – Então, queria andar um pouco em algo, você acha que posso? – Meu amigo me olhou com uma expressão de quem sabia que não podia negar. – Pode sim, Yuri, mas como não avisamos pra tua mãe que ia virmos aqui, você vai ter que andar em alguma coisa mais tranquila. Nesse Chapéu Mexicano nem pensar. – Fiquei um pouco frustrado com a resposta, mas me pareceu uma negociação justa. Dessa maneira, sem*

muitas dúvidas, escolhi o carrinho de batida, vi que já havia algumas crianças esperando, e era um brinquedo que realmente gostava. Ciclone me levou até lá, no meio tempo enquanto ele ia comprar os tíquetes eu me aproximei das crianças na fila. De pronto um menino negro, com o tom de pele mais retinto que o meu, e que aparentava ter a minha idade, aproximou-se já puxando assunto.

## 6 ZOIÃO

FIGURA 14 – Qrcode da faixa Zoião disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*(...) Criador de briga, semeia intriga  
 Faz o que tava junto perder a liga  
 É mentira pra cá, fofoca pra lá  
 Pipoca, se toca rapaz  
 Entre o malandro e o mané  
 Você sabe muito bem quem ele é  
 A fala é breve, puxa-saco do chefe  
 Tudo no interesse sujo, mequetrefe  
 Zóio de fura lupa  
 Zóio de tanderá  
 Esconde, que se ele ver já era, arruda  
 Deus ajuda até sete  
 Com esse teu olho gordo  
 Carece de um colírio dietético (...)<sup>19</sup>*

– *Olá, meu nome é Sérgio. Qual o seu?* – Da maneira mais natural, de um jeito que só as crianças são capazes de fazer, fui abordado. É engraçado refletir sobre isso, porque

<sup>19</sup> Parte da letra de Zoião, canção de Emicida.

conforme vamos ficando mais velhos, essa capacidade de aproximação parece ir se perdendo. – *Meu nome é Yuri, na verdade Yuri Marx. Vai andar no carrinho de batida também?* – De um jeito gozador ele respondeu – *Não, estou na fila para comprar pão.* – Após perguntar percebi o quanto tinha sido idiota, estávamos na fila do carrinho de batida, onde mais poderíamos ir? Na verdade só queria estender o papo, ser agradável. Mas antes que pudesse responder qualquer coisa em tréplica, Ciclone apareceu com meu tíquete, e minimizou aquela situação constrangedora. Ele me deu o ingresso e disse que ia me esperar sentado na mesa perto do Carrossel, que estava desligado. Percebi que queria me dar espaço para poder ficar à vontade ali, mal sabia ele que sua presença é que me daria confiança.

Como nunca fui de me mostrar frágil, fingi naturalidade com a situação e segui ali firme. Acho que a forma que o Sérgio me tratou mexeu com meu brio, ele era uma criança e insisti no diálogo. – *Então, você é de onde?* – Perguntei isso me posicionando em espera, o responsável pelo brinquedo disse que era necessário um número mínimo de pessoas para que pudesse iniciar. Sérgio logo respondeu – *Sou de Nova Friburgo, moro no bairro de Mury, um local muito bem localizado por lá, a maioria das casas são lindas. Já ouviu falar?* – A forma de ele falar me soava soberba, mas segui naquela investida em aproximação. – *Já sim, a família da minha mãe é de Friburgo também, a maioria é de Olaria e Conselheiro Paulino.*

Enquanto contava, percebi Sérgio fazendo cara de desdém, os bairros que citei são relativamente populares, mas nada diferente de uma realidade mediana do Brasil. De toda forma, acredito que aquela familiaridade do município criou nele uma sensação de pertencimento, e seguiu desenvolvendo assunto enquanto não começávamos a andar no brinquedo. – *É minha primeira vez em Itaoca, não gostei. Minha família costuma ir para lugares melhores, a praia aqui não tem a água tão clara como a Região dos Lagos, espero nunca mais voltar.* – Aquele modo de se expressar, parecendo um mini adulto estava me irritando, mas segui abstraindo e me mantive pacificamente naquele papo. – *Pois é, já estive uma vez em Cabo Frio, mas minha família sempre vem para cá mesmo, não tenho muita comparação com outros lugares para passar férias.*

Minha última frase foi a deixa para Sérgio crescer com sua prepotência para cima de mim. Contou sobre suas viagens internacionais e como pôde praticar seu inglês nas últimas férias nos EUA. Emendou isso explicando que só estavam ali porque seu pai aproveitou a viagem a negócios em Marataízes - ES, para esticar uns dias.

Antes que chegassem outras crianças ele me fez uma última proposta – *O que acha de nos unirmos e atacar os outros, quando o carrinho de batida começar? Você vai me dando cobertura e eu atingindo eles. Que tal?* – Aquele plano em outro contexto poderia ter me

interessado, mas Sérgio era tão desagradável que só acenei com a cabeça, não queria gastar energia me justificando ou argumentando. Enquanto isso, fiquei pensando na situação, e em algumas coisas que o Ciclone já tinha me dito. Aquele menino era parecido comigo no tom de pele, mas estava longe de ser alguém que tinha gostado. Talvez isso fizesse parte da nossa complexidade enquanto ser humano, mas seguia dando uma chance para aquela relação.

Após alguns minutos começaram a chegar mais gente, aparentemente faltava pouco pra começar. Quando já se reuniam dez pessoas na fila, o responsável pelo maquinário foi chamando um por um, Sérgio e eu estávamos na 3ª e 4ª posição respectivamente, à frente de um casal de irmãos um pouco mais novos do que nós. Rapidamente todo mundo se alocou nos seus carrinhos, pude perceber Ciclone acompanhando tudo de longe, estava sentado, mas seguia me vigiando. Assim que se iniciou a rodada no carrinho de batida vi Sérgio vindo à minha direção, imaginei que fosse para materializar o plano de cobertura e ataques coletivos. Que nada, me acertou em cheio, pela lateral, já no primeiro minuto. Aquilo me pegou desprevenido. Além de inconveniente, o moleque era traiçoeiro. Mas não me dei por vencido, aprumei a postura e segui em perseguição ao meu novo desafeto. Não via mais ninguém, a cada curva que fazia o objetivo era sempre um, acertar o carro do Sérgio. Fomos assim, nessa disputa, ignorando todo o restante das pessoas que estavam ali na brincadeira. Ao fim do tempo estipulado para o trajeto dos carrinhos, estava física e mentalmente exausto. Desci do meu carro sem olhar pra trás, juro que não entendi a postura do meu ex-colega ali, caminhei sem olhar pra trás até onde estava Ciclone, ele me olhava e ria com seu jeito zombador.

E foi ele quem iniciou o papo – *Eita nós, o que rolou ali? Achei que você e o menino estavam se dando bem na fila, do nada virou uma briga cega.* – Eu, inflamado, nem dei tempo para Ciclone falar mais nada – *Exatamente cara, o Sérgio é um babaca. Chegou com um papo se achando o bonzão, até aí ok, estava tolerando. Depois me propôs uma parceria para atacar os outros na pista, como não dei muita bola, ele se virou contra mim, ele é simplesmente um otário Ciclone, um otário!* – A cena deveria estar divertida para quem via de fora, um menino furioso se descabelando enquanto um adulto sentado ria e escutava as lamentações. Mas não ficou nisso, Ciclone como uma pessoa que extrai coisas boas de qualquer situação logo me chamou para reflexão. – *Tai, Yuri, uma circunstância interessante para pensarmos a complexidade que há nos espaços e perfis de pessoas. Quando te falei mais cedo dos pretos como um grupo, em momento algum quis romantizar, ou dar a entender que é uma unidade homogênea e repleta de bons moços. Falar que todos são bacanas, ou mesmo interessantes, seria negar a subjetividades de todo um grupo* (FANON, 2020).

Enquanto ele tentava ressignificar a situação, eu me concentrava para não explodir de raiva, mas seguia escutando. – *O que de certa forma humaniza nossa existência enquanto povo, plural, complexo e com várias faces. Existe um pensador Martiniquenho, o nome dele é Frantz Fanon (1952), ele ressalta como esses estigmas se não desconstruídos podem realçar os modos de opressão no racismo, com a impossibilidade de erros pelos negros e negras, pois junto com ele vem toda a carga histórica que inscreveram arbitrariamente na etnia. Ou seja, quando um negro erra, ele é só uma pessoa errando, não todo um grupo étnico.*

Juro que daquela vez só queria que as teorias do Ciclone acabassem. Estava com raiva do Sérgio, a última coisa que desejava naquele momento era dar o braço a torcer e compreender que a existência de Sérgio, sob alguma perspectiva, pudesse ser boa para o mundo. Ciclone percebeu minha ira e regressou ao plano inicial. – *Que tal voltarmos pra nossa caminhada na praia, camaradinha? Acho que vai ter fazer bem, acalmar um pouco esse coração.* – Ciclone acertou em cheio, já estava farto daquele parque, ele não precisou chamar duas vezes. Eu comecei a andar após ele fazer o convite, e voltamos pra nossa rota. No caminho até chegar a areia, ele me perguntou se queria ouvir uma música sobre o que talvez eu pudesse estar pensando sobre Sérgio. Falei que só se fosse ofensiva o suficiente para me trazer paz, ele riu e me prometeu que era. Ligou o play, me deu um fone e fomos escutando. Dessa vez, Ciclone tinha acertado em cheio, a letra descrevia a essência do que senti na companhia do inconveniente há pouco. “Criador de briga, semeia intriga; Faz o que tava junto perder a liga; É mentira pra cá, fofoca pra lá”... Enfim voltei a sorrir.

Enquanto caminhávamos papeando pela praia, era possível visualizar um tumulto mais à frente no nosso caminho. Antes de chegarmos à concentração de pessoas, uma ambulante passou pela gente e perguntou se estávamos com estômago porque a cena era forte. Para mim especialmente, ela direcionava o olhar de quem sabe o que não deve ser feito. Ciclone me pediu para ficar ali com ela enquanto ia conferir o que aconteceu. De longe vi seu olhar perder o brilho, e sua cara ficar estática, como que num estado de choque. Aquela experiência acendeu uma luz de urgência ainda maior na cabeça do Ciclone.

## 7 CRISÂNTEMO

FIGURA 15 – Qrcode da faixa Crisântemo disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*Ele bebeu, bebeu, tipo vencedor  
E depois riu, riu, como Bira do Jô  
Cumprimentô todo mundo à la vereador  
E subiu o morro estilo viatura  
Ele nos deu, nos deu toda a fé de um pastor  
Depois sumiu, sumiu deixando só a dor  
Ignorou o aviso devagar com o andor  
E flertou por sobre a vida dura  
Trafegou aéreo, dançou sério, pala  
Serpente rasteja, credo, pobre mestre sala  
Cigarro no bolso, barro, Für Elise embala  
No solo onde impera, qualquer bonde é vala  
Vai, toma outro drink, se é o que lhe resta  
Toma outro drink, a vida é uma festa  
Viaja Amyr Klink, faz eterna sua sesta vai  
Nem deu tempo pra dizer, bye bye  
E a vida é só um detalhe (...)<sup>20</sup>*

Mesmo de longe, na multidão, eu consegui ver Ciclone imóvel, observando tudo. O círculo de pessoas era grande, e parecia aumentar conforme o tempo ia passando. Muitas vozes, alguns gritos e demasiada movimentação tornavam aquele cenário ainda mais desordenado. Aos poucos percebi os movimentos do meu companheiro de caminhada voltarem, em um gesto lateral, começou a trocar palavras com alguém que não consegui identificar. Após essa investigação relativamente rápida, ele retornou, a passos lentos para

<sup>20</sup> Parte da letra de Crisântemo, canção de Emicida.

onde eu estava o aguardando, ao lado da ambulante, que nos abordou anteriormente. O tempo já estava fechando, anoitecendo para ser mais preciso. O fim de tarde na praia de Itaoca costumava ser prazeroso, mas não naquele dia. Quanto mais perto chegava Ciclone de nós, melhor percebia seu olhar de desolação e necessidade em me deixar ciente da situação.

– *E ai Ciclone, o que rolou ali?* – Questionei de maneira afoita.

– *Então, Yuri, não tem muito que te esconder ou florear. Mas prefiro que saíamos daqui, e que você não veja a cena, pelo menos agora.* – Aquele papo todo estava muito estranho, era a primeira vez desde que o conhecera que via o meu novo amigo naquela postura de instabilidade e receio.

– *Vamos fazer um contorno nesse povo todo que te conto o que vi, e o porquê de ter mexido tanto comigo.*

– *Se você acha melhor assim, por mim sem problemas. Vamos!* – Antes de partirmos em caminhada, Ciclone agradeceu a ambulante que me fazia companhia, e em um misto de agradecimento e necessidade, solicitou-lhe uma pequena garrafa de água, já com o dinheiro trocado em mãos. Enquanto fazíamos o contorno na multidão, ele ia jogando pequenas quantidades da garrafa d'água nas mãos e ia passando no rosto. Já um pouco mais distante da confusão ele iniciou.

– *Havia um corpo caído sem vida no meio da multidão, isso por si só já é pesado demais, meu camaradinho.* – Enquanto falava isso, Ciclone tentava dar um ar de sobriedade à suas palavras. – *O que vi ali mexeu muito comigo, Yuri, porque além de ser um corpo sem vida, é uma representação real da vida de muitas famílias no Brasil. Pelo que apurei, o motivo do ocorrido foi uma briga de bar que resultou em morte após os ânimos se exaltarem. Parece que um dos envolvidos, ao cair bateu a cabeça numa quina da calçada e veio a falecer.* – Era possível ver os olhos do meu amigo se encherem de água novamente ao contar o que lhe foi relatado. – *E para completar, seu aniversário é hoje, sua família estava perto, com quatro filhos, o que tem aproximadamente a sua idade, viu tudo. Pode parecer coincidência meu amigo, mas nada me tira a convicção de que esses “incidentes” têm uma recorrência maior entre os nossos. Você e eu somos privilegiados de termos pais vivos. A maior parte dos lares, no Brasil periférico, não tem essa sorte, as mães por vezes precisam assumir as rédeas da família, seja por morte ou abandono (MBEMBE, 2018), isso afeta muito a construção de um ser humano.*

Ciclone parecia ter pleno domínio daquele assunto. Para mim era tudo muito novo, nunca havia visto um ser humano morto, pensar nas consequências para a família era um

etapa que não cogitava àquela altura da minha vida, sem muitos rodeios interrompi a fala do meu companheiro de caminhada.

*– Eu quero voltar lá, Ciclone. Sei que você está sendo cauteloso e quer me proteger, mas preciso falar com esse menino. Não consigo imaginar a dor que ele está sentindo, ver ao vivo a morte do pai, no dia do aniversário, é um castigo que não desejo a ninguém.*

Ciclone se espantou com meu pedido, mas não se opôs. Algo em sua forma de estar no mundo era sobre dar autonomia e vazão a vontade dos que o cercam. Sem falar nada, ele apenas me pegou pelo braço e nos fez retomar o caminho até onde estava a multidão. Enquanto caminhávamos, retomei o diálogo sobre uma questão que ficou em aberta para mim na sua fala anterior. – *O que você quis dizer com “um dos nossos”?*

Após ouvir essa pergunta, Ciclone recobriu a consciência de que estava a conversar com uma criança de dez anos de idade. E tentou reorganizar as ideias de melhor forma. – *Então, Yuri, quando digo um dos nossos, quero falar que é um irmão da nossa cor, mesmo tom de pele que a gente. E por mais que ainda não seja nítido pra você, isso é um elemento que liga histórias aparentemente distantes.*

Eu começava entender melhor onde ele estava indo com aquela conversa. Que seguia. – *Tal qual mais cedo quando você se sentiu ofendido por ser chamado de “neguinho” e eu disse que entendia, por já ter passado por situações parecidas e te apresentei uma música, o mesmo se aplica nesse caso. Muitas famílias brasileiras são devastadas dessa maneira. E na maioria das vezes se trata de famílias negras.*

Aquilo era uma enxurrada de informações para minha cabecinha infantil. Mas de forma alguma me trazia mal-estar, sentia que a cada minuto de conversa com meu novo amigo, me tornava mais forte e potente. Então, após o breve retorno chegamos no ponto do incidente. Sem falar nada com Ciclone, apenas fui até o garoto, que chorava copiosamente um pouco afastado da multidão. Sem perguntar o nome, ou se queria, apenas o abracei. Era a primeira vez que sentia estar transmitindo conforto para alguém apenas com um gesto, o garoto que acabara de perder o pai naquele acidente trágico retribuiu o abraço, e derramou lágrimas na minha camisa. Após aquilo nunca mais o vi, mas sem dúvidas aquele momento transformou a minha percepção sobre as relações familiares, e em um nível maior, nas relações humanas de um modo geral.

Após esse encontro e troca de afagos me aproximei de Ciclone novamente, acenei com a cabeça com um gesto autoexplicativo de que estava encerrada a nossa missão ali. Ele com uma sensibilidade ajustadíssima, apenas começou a andar, em silêncio, respeitando o momento de luto coletivo que se instalara no ar. Acho que Ciclone percebeu que estava se

aprofundando muito em algumas questões comigo, e num gesto de empatia e didática, que me pareceu ser derivado de suas experiências como professor de ofício, colocou uma música do Emicida que versava sobre uma situação muito parecida com aquela que acabamos de presenciar. Com gentileza me deu um dos fones, regressamos caminhando e ouvindo em silêncio. Já não havia clima para seguirmos nossa caminhada despreocupada, e a cada passo que dávamos nesse regresso ao Camping, um trecho da música em execução se interligava a mim. Estava sendo uma experiência catalisadora, uma mistura de sensações tomava conta do meu corpo, ao mesmo tempo em que ainda estava triste e abatido com a cena que testemunhamos, percebi o quanto uma expressão artística produzia estímulos em nós. Um pouco antes de chegarmos ao camping a música acabou, e me senti à vontade para trocar novamente ideias com o Ciclone.

– *É meu amigo, a vida é só um detalhe.* – Falei. Aquele trecho da música entrou como um mantra nos meus pensamentos. Ao pensar tudo o que vimos, como se deu, só aquilo fazia sentido pra mim. Como uma pessoa pode perder o que de mais sagrado temos assim, apenas em uma queda, no dia do aniversário.

– *Pois é, Yuri, e é mesmo. Você acredita que o Emicida escreveu essa música para o pai dele que faleceu em situação muito semelhante? Quando disse pra ti que os nossos estão quase sempre no caminho do acidente, era sobre isso.* – Enquanto Ciclone falava, já estávamos entrando no camping novamente. O anoitecer aliado aquela situação nos fez retornar, e ao chegarmos nos deparamos já na entrada com minha mãe, Vera e meu pai, que acabara de voltar de viagem que tinha feito à Pádua. Vê-lo ali foi uma explosão de emoções novamente, que contradição de sentimentos, ao mesmo tempo em que estava assimilando que muitos “dos meus”, como colocara Ciclone, não tinham a possibilidade de construir essa relação com seus pais, o meu estava ali, fanfarrão e presente.

– *Então esse é o famoso Ciclone!?* – Perguntou ele, parado junto ao carro, enquanto abria uma lata de cerveja. Ao ouvir a brincadeira, Ciclone sorriu e foi cumprimentar prontamente meu coroa.

– *E aí pai, como foi a viagem?* – Antes mesmo que Ciclone respondesse qualquer coisa, coloquei-me entre eles, estava com saudades e queria interagir.

– *Foi ótima, consegui terminar a edição do Jornal, e ainda trouxe seu irmão com a gente. Como sempre, estava lá dando trabalho com festinhas e pouco compromisso.* – Falou isso apontando para a direção das barracas. Vinicius, meu irmão mais velho, estava montando a barraca dele e já se preparava para passar o restante das férias conosco. Normalmente, ele ficava em Pádua nas nossas situações de viagem, e não foram poucas as vezes que ele se

metera em encrenca nesses períodos.

– *Pois é, Astrogildo, também ouvi boas coisas de você. Estou curioso para escutar seus causos, tenho pra mim que todo jornalista é um contador de histórias indomável.* – Enquanto falava essas palavras, Ciclone se ajeitava na cadeira ao lado de meu pai, mãe e Vera.

– *Pode me chamar de Gil, camarada, e deixa eu só terminar de estacionar o carro ali perto das barracas que volto aqui para papear com vocês. Acabei de chegar também.* – Disse isso já indo para o carro.

Enquanto as coisas iam entrando em ordem novamente, minha cabeça voltou como um bumerangue à cena que presenciamos há pouco. Como era possível aquilo? Porque uns têm sorte diferente de outros ao longo da vida? Quem é que escolhe as famílias que serão contempladas com essas tragédias? Essas rumações agitavam minha mente. Não me parecia normal que a vida fosse ceifada de modo tão abrupto, e que uma família fosse desmantelada de uma hora para outra. Mal sabia eu que aquilo era apenas uma pequena demonstração do que o mundo é capaz de fazer. Quando digo o mundo, incluo os seres humanos nessa equação. Após o retorno do meu pai para o ambiente onde estávamos eu e Ciclone, contamos a todos o que presenciamos. Apesar do susto inicial, logo se esqueceram do assunto, acho que isso de alguma forma diz muitos sobre essas tragédias cotidianas. Um abalo sísmico para quem está no cerne do problema, para quem testemunha, não muito mais que um papo corriqueiro e rápidas lamentações.

## 8 HOJE CEDO

FIGURA 16 – Qrcode da faixa Hoje cedo disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

(...) *Holofotes fortes, purpurina*  
*E o sorriso dessas mina só me lembra cocaína*  
*Em cinco abrem-se cortinas*  
*Estáticas retinas brilham, garoa fina*  
*Que fita, meus poema me trouxe onde eles não habita*  
*A fama irrita, a grana dita, 'cê desacredita?*  
*Fantoches, pique Celso Pitta mentem*  
*Mortos tipo meu pai, nem eu me sinto presente*  
*Aí, é rima que cês quer, toma, duas, três*  
*Farta pra infartar cada um de vocês*  
*Num abismo sem volta, de festa, ladainha*  
*Minha alma afunda igual minha família em casa, sozinha (...)*<sup>21</sup>

Agora o que tínhamos ali no espaço do camping era a junção de muitos mundos que me compõe. Meu pai, minha mãe, Vinicius, Ciclone e o próprio ambiente... A possibilidade de reunir todos estes componentes indicava inconscientemente para mim que mais bagagens seriam acumuladas. O fato de meu pai e Vinicius terem retornado para nosso convívio abriu um leque de alternativas em meu imaginário.

Desde muito novo fui confidente e cúmplice das maiores aventuras que meu irmão mais velho embarcava. Desde o suporte na confecção de suas intensas festas escondidas, até a vigilância para que ele pudesse usar drogas com seus amigos. Participar dessas situações me fazia sentir vivo e integrante do seu ciclo de afeto, mesmo sem nunca ele ter me oferecido ou estimulado a usar qualquer tipo de coisa ilegal. Naquela altura da minha trajetória não tinha muito juízo de valor formado sobre o que era certo ou errado, talvez hoje, enquanto relato essas histórias, ainda não tenha. Verdade é que meu irmão era muito problemático, e eu testemunhei todo o seu percurso na adolescência de camarote. Quando ele demorava a chegar à casa e via minha mãe ou pai preocupados com seu paradeiro, fazia promessas silenciosas na minha inocência infantil, para que de alguma forma ele ficasse protegido.

Cabe falar um pouco da própria constituição dele. Tal qual o menino da praia que acabara de perder o pai, Vinicius também não tivera convívio com seu pai biológico, nem o conheceu. Essa estrutura patriarcal, que permite evasões masculinas da vida de seus descendentes, afetou minha mãe e meu irmão antes mesmo de eu vir ao mundo. E tenho para mim que de alguma forma isso abalou a estrutura mental de ambos. Vinicius, por ser criança, à época, acredito ter sofrido mais. Quando meu pai se juntou com a minha mãe, ele tinha apenas 3 anos de idade, e logo foi incorporado à família, posteriormente, inclusive, de

---

<sup>21</sup> Parte da letra de Hoje Cedo, canção de Emicida.

maneira legal, com um processo de adoção nominal, o tornando um “Milagres” aos olhos da justiça. Todavia, isso não é o suficiente para desnudar todas as respostas na cabeça de um jovem.

Após organizarem todas as questões práticas do acampamento, Vinicius e meu pai regressaram para onde estávamos eu, minha mãe, Ciclone e Vera.

– *Ciclone, esse é meu irmão, Vinicius. Só faltava ele para você conhecer.* – Enquanto os apresentava vi uma movimentação amistosa entre os dois. Apesar de todo caos mental, meu irmão era uma pessoa cordial e sociável. – *Vinicius, você precisa ver, Ciclone é muito legal, está desde cedo trocando várias ideias comigo. Assim como você, ele gosta muito de música, me apresentou um artista maneiríssimo, Emicida.*

– *Ótimo que encontrou alguém aqui para perturbar além de mim* – Disse de forma jocosa e carinhosa - enquanto cumprimentava Ciclone. – *O Yuri tem uma imaginação e tanto, se ficar dando corda para ele vocês vão ficar até amanhã conversando, Ciclone.*

Enquanto confabulávamos nós três, Vera, meu pai e minha mãe se alocavam na outra ponta da mesa. Falando de coisas triviais como o percurso da viagem e o clima para os próximos dias. Dessa forma, Ciclone direcionou a fala para meu irmão.

– *Então Vinicius, ouvi algumas coisas de você, mas fico feliz de te conhecer pessoalmente. Em geral, quando outras pessoas nos descrevem, fica faltando quase tudo que importa. Me diga mais você mesmo, o que tem feito de bom?* – Era uma pergunta capciosa, ao lado dos nossos pais sabíamos que não haveria muitas respostas sinceras. E de uma forma que só o Ciclone era capaz, conquistou rapidamente a confiança do meu irmão, que nos chamou para área de jogos, onde poderíamos prostrar sem muito entrave. Aceitamos prontamente e fomos jogar um ping-pong enquanto eles se conheciam melhor. Quando digo que nós fomos jogar, na verdade foram eles, eu era uma criança com pouca coordenação motora, e os mais velhos não costumam dar espaço para as crianças nesses momentos.

– *Então, Ciclone, a vida tem sido intensa.* – Falou Vinicius, enquanto retomava a conversa. Ambos se posicionavam em pontas opostas da mesa de ping-pong. De maneira despreziosa ajeitaram a rede e trocaram alguns saques e defesas conforme aqueciam para a partida de fato. Eu, como irmão mais novo, apenas acompanhava tudo, sentado na mesa de sinuca que ficava postada ao lado. Prosseguiu meu irmão.

– *Como o Yuri e minha mãe devem ter te falado, por conta do Jornal, eles viajam muito. Eu acabo ficando sozinho lá em Pádua, e sem querer ser prepotente, estou “voando”. Cada festa que faço lá em casa fica melhor que a anterior. Só gente interessante e droga de qualidade.* – Após ele falar isso fiquei atônito... Como poderia ser tão indiscreto com meu novo amigo, que

acabamos de nos conhecer? Para que tocar em assuntos tão pessoais e polêmicos? Apesar de não ser nenhum moralista, aos 10 anos de idade, fiquei incomodado com o rumo da conversa. Para minha surpresa, Ciclone reagiu de maneira acolhedora e sem julgamentos, apenas seguiu escutando com uma cara de quem queria saber mais. E Vinicius prosseguiu. – *Então, cara, atualmente estou experimentando uma coisa nova. Acho que me deixa mais motivado, me torna ainda mais interessante.* – Sem entrar no mérito se era bom ou ruim, Ciclone apenas perguntou.

– *E você sente que isso te faz bem por que?* – Aquela simples pergunta pegou meu irmão desprevenido. Aguardava uma fala em julgamento, não um questionamento profundo e filosófico sobre sua relação com a nova substância.

– *Na real, para ser sincero, nunca pensei com calma sobre isso, Ciclone. Talvez de alguma forma seja um escape para meus medos, traumas, angústias... Verdade é que quando me permito viajar em alguma dessas ondas, esqueço o que me atormenta.* – Eu ali do lado segui escutando aquela conversa, que para mim florescia como uma baita surpresa. Nunca tinha acessado esse lado vulnerável do meu irmão. Antes que eu pudesse fazer qualquer interrupção importuna, Ciclone tomou a palavra.

– *Quando me apresentei a você, acabei não falando Vinicius, mas sou Cientista Social. Entre os muitos objetos de estudo que nos ocupamos, está a dependência química no mundo moderno. O que você me fala é profundo e real para caramba. Existem alguns fatores que levam o ser humano ao uso de drogas, e você já falou de alguns. Muitas vezes traumas, associado a uma sociedade hiper-estimulante, deságua nisso.* – Enquanto falava, Ciclone fazia o possível para não perder a concentração no jogo, parecia ser uma pessoa competitiva. E de uma maneira inesperada ele trouxe reflexões que nos deixou perplexos.

– *Vocês sabiam que há uma teoria que diz que o ser humano só chegou nesse nível de evolução sócio espacial por conta de psicoativos? Há uma linha de estudos que acredita que o uso dos cogumelos psicodélicos, consumido pelos primeiros grupos nômades dos nossos ancestrais, possibilitou a expansão de maneira significativa do cérebro* (FUNGO FANTÁSTICOS NETFLIX, 2020).

Tive a impressão de que Ciclone sabia muito bem onde queria chegar com aquela conversa, porque mesmo com a nossa reação perplexa àquele papo aberto, e até certo ponto instigante, ele prosseguiu com sua reflexão sobre os humanos e as drogas.

– *E digo mais, em todas as sociedades foram registrados consumo de algum alterador de consciência. Inclusive na nossa, que batemos consumos recordes de tarja preta, café e álcool, né?* (ESCOHOTADO, 2004) – Vinicius seguia jogando a partida de ping-pong, apesar

daquela tempestade de informações, mas claramente seu semblante se transformara, estava curioso com aquele ser peculiar à sua frente. Que seguiu.

– *O seu caso não é menos ou mais especial que todos esses outros* – disse Ciclone, enquanto indicava a cabeça para Vinicius. – *Acho que você já deu as repostas, quando falou sobre esquecer o que te atormenta. Sinceramente, eu te sugiro buscar um suporte terapêutico quando chegar a Pádua, conversar com algum profissional especializado.* – Ciclone parecia realmente se interessar pelo assunto, e continuou. – *Atualmente, o Ensino Médio está se ajustando a um novo modelo. Estão falando em “Projetos de vida” e ensinios significativos (BRASIL, 2016) em contra turnos para os estudantes. Espero genuinamente que discussões sinceras sobre as relações dos seres humanos com as drogas sejam contempladas em algum momento.* – Quando Ciclone retomou esse pensamento lembrei-me da sua atuação como professor, me bateu uma curiosidade instantânea para assistir uma aula dele. Enquanto ruminava, ele seguia. – *Programas que negam a existências das drogas, ou não tratam isso de uma maneira acolhedora, honesta e consciente, tendem jogar esses problemas para de baixo do tapete. Enfim, não estou aqui pra ficar te dando sermão, Vinicius. Só que quando me deparo com essas situações, naturalmente emerge uma pá de pensamentos.*

Ciclone parecia levemente cansado com a abordagem daquele assunto. Sabia que era um tema delicado e que poderia nos afastar dele. Mas a sensação de necessidade daquele papo também transpareceu como algo relevante. – *No mais, o que posso oferecer é um pouco do que tenho mostrado para o Yuri desde cedo.* – Falou isso largando a raquete na mesa e já indo pegando seu aparelho de som. – *É uma música ampla, versa sobre algumas questões, mas acho que de alguma forma pode fazer sentido pra gente.*

– *Esse cara é cheio de historinha em, Yuri* – Vinicius falou em tom de brincadeira enquanto assentia com a cabeça. Claramente ele também queria ouvir a canção depois dessa longa explanação de Ciclone.

– *Eu também quero ouvir, Ciclone, faz tempo que você não põe nada para tocar. E estou na expectativa de terminarmos esse álbum ainda hoje. Será que rola?* – perguntei entusiasmado.

Após o início da música fizemos silêncio. Os dois continuaram a jogar enquanto eu observava do lado de fora da mesa de ping-pong. A música se iniciou e as letras foram escorrendo em nossa audição, de maneira discreta seguia acompanhando as reações do meu irmão para sentir o que ele estava achando. Em alguns momentos eu o via rir de canto de boca, outras apenas balançar a cabeça em reflexão. Sinto que de alguma maneira ele tinha sido tocado, tal qual eu e minha mãe, anteriormente, por aquele artista e música envolventes e fortes.

Após o término da canção ninguém falou nada, ficamos quietos assimilando o que tinha rolado de maneira introspectiva. Acredito que Ciclone estava deixando esses vácuos entre as canções para pensarmos um pouco sobre tudo. Essa era uma característica dele que me chamava atenção. Não via a necessidade de ocupar todos os espaços de silêncio, em alguns momentos dessa tarde percebia nossa convivência apenas acontecendo, sem muito esforço.

Logo em seguida chegou uma jovem, aparentava ser um pouco mais velha que meu irmão, perguntando se poderia jogar ping-pong com a gente. Ainda não a tinha visto no Camping. De pronto assentimos em positivo, ela sentou e se apresentou rapidamente, seu nome era Nala, contou ser de Belo Horizonte - MG. Era comum a presença de pessoas de Minas Gerais ali. Nossa nova colega era uma mulher negra, de cabelo black e com algumas tatuagens. Estava se vestindo de maneira casual, e como quem chega a sua turma no recreio, apenas se alocou e ficou ali com a gente. Essa era uma das coisas que mais gostava no camping, as pessoas se conectam de maneira rápida e espontânea.

## 9 TREPadeira

FIGURA 17 – Qrcode da faixa Trepadeira disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*Bem me quer, mal me quer, ó  
 Nosso amor perfeito amargou, tipo um jiló  
 Maria sem vergonha, eu, burro, chamei de trevo de quatro folhas  
 In love, enraizou, fundo Mas com você não dá, ou melhor dá, mas pra tudo mundo  
 Eu quis te ver de jasmim, firmeza  
 No altar, preza, branquinho, olha, magnólia, beleza  
 Victoria régia, brinco de princesa  
 Azaleia pura, Madre Teresa Mas não*

*Você me quis salgueiro chorão, costela de adão  
Raspou o cabelo de sansão e tu vem, meu coração parte e grita assim  
Arrasa biscate!  
Merece era uma surra, de espada de São Jorge (é)  
Um chá de "comigo ninguém pode"  
Eu vou botar seu nome na macumba, viu (...)*<sup>22</sup>

Agora erámos quatro na área de jogos, Nala, que chegara há pouco, se aconchegou rapidamente no espaço. E, de maneira despretensiosa, entrou no papo. Seu sotaque era outro fator que me chamou atenção, um tom caipira-urbano, envolvente e engraçado. Falamos sobre como o camping estava parado nesses últimos dias, a previsão de calor intenso para o restante da semana, e, ainda, sobre as regras da partida que Vinicius e Ciclone estavam jogando. Após se inteirar dos mecanismos do jogo, nossa nova colega se colocou em espera para participar também.

– *Então a próxima de fora é minha, já que estão se gabando tanto das habilidades de vocês, quero testar se são capazes de me ganhar.* – Vinicius e Ciclone acenaram em afirmativo para a próxima jogadora aguardar. Enquanto isso, seguíamos jogando conversa fora. Percebi que tanto meu irmão, como Ciclone, ficaram animados e mais falantes após a aproximação de Nala. A todo o momento algum dos dois puxavam assunto com ela, dos mais variados temas. Até que chegou a vez dela jogar, Vinicius havia perdido o último embate. Dessa forma, o próximo jogo era entre Ciclone e Nala.

As partidas eram de 7 (sete) pontos, se alguém abrisse 5 (cinco) de vantagem acabava. Logo que ela pegou a raquete reivindicou: – *Quero um tempo pra esquentar, vocês estão desde cedo jogando e não acho justo entrar fria.* – Ela falou num tom que apresentou suas credenciais, parecia saber do que estava tratando, não era um aprendiz. Nesse momento olhamos para ela como quem começa a dar crédito ao potencial da nova desafiadora. De pronto Ciclone respondeu em tom sarcástico – *Mas é claro, não seria justo te eliminar sem antes você se preparar para tal situação.*

Enquanto trocavam bola sem maior aplicação, para Nala esquentar, retomaram o papo. Ciclone perguntou o que ela fazia da vida, a jovem que aparentava ter pouco mais de vinte anos, disse estudar História, na Universidade Federal de Ouro Preto. Em reciprocidade ou curiosidade, ela retornou a pergunta para ele e olhou para gente, querendo saber de todos um pouco mais. Ciclone disse que era professor de Sociologia, fazendo Mestrado em Ensino e

---

<sup>22</sup> Parte da letra de Trepadeira, canção de Emicida.

com o projeto em curso. Eu não sou muito entendido de flertes, mas me pareceu que ele estava querendo se exibir. Em seguida, Vinicius disse que tinha acabado de sair do Ensino Médio, estava ajudando nossos pais nas atividades do Jornal, e que em breve pensava em cursar algo relacionado à Computação. Eu falei um pouco de como estava minha vida na 5ª série do fundamental, que fazia parte do grupo de bombeiros mirins da minha escola, e que sonhava em ser jogador de futebol. Nala se mostrou interessada em cada relato, era uma pessoa realmente interessante e agradável de estar perto.

Após essas apresentações menos rasas de cada um, ela sugeriu que começassem o jogo para valer contra o Ciclone. Foi possível ver durante o período que estavam esquentando que ela levava jeito para coisa.

– *E aí, vamos começar essa partida ou vai ficar me enrolando até amanhã?* – Disse num tom simpático e debochado, olhando para Ciclone.

– *Mas claro que vamos, minha querida, só estou te dando uma chance pra curtir a mesa, depois que começar já era, acabou a molezinha.* – E pronto, começaram o jogo, eu e Vinicius nos aproximamos e ficamos atentamente olhando aquele desafio. Fiquei pensando internamente como era prazeroso estar naquele camping. Duas pessoas que conhecemos há pouquíssimo tempo estavam ali na nossa frente, trocando ideias com a gente, como antigos amigos, numa paz, segurança e extrema sensação familiar.

O primeiro ponto da partida foi de Nala que, após o saque do Ciclone, devolveu no lado oposto da mesa, sem chances de defesa para nosso amigo professor. Em seguida, ela assumiu o saque, fez uma jogada conservadora, arremessou na diagonal sem muita intensidade, para colocar a bola em jogo. Ciclone devolveu com força e efeito, tentando retomar as rédeas da partida, Nala defendeu, mas ficou longe da rede, dessa forma facilitou as coisas para ele, que só deixou a bola levemente no lado mais distante da mesa. A partir daí, as coisas desandaram para a mineirinha gente boa, Ciclone engatou uma sequência de pontos no saque. Seu olhar era extremamente competitivo, admito que me surpreendi com a forma como ele estava levando o jogo a sério. Após 5 (cinco) saques abriu 6 (seis) x 1 (um) no placar, e acabou com a partida pela diferença de pontos, eliminando sem dó nossa nova amiga.

– *Acho que não foi dessa vez.* – Ciclone disse isso rindo num tom gozador.

– *Vocês tão jogando isso desde cedo cara, natural estarem mais no ritmo que eu.* – Nala falou isso com expressão de poucos amigos, mostrando ser tão competitiva quanto o nosso camarada. E continuou... – *Depois dessa, vou ao banheiro dar uma lavada no rosto, acho que ainda estou um pouco lenta da soneca que tirei agora à tarde.*

Enquanto nossa nova amiga caminhava em direção ao banheiro, que ficava ao lado da

área de jogos, Vinicius retornou para mesa. E de maneira quase orgânica, os dois que estavam na minha frente se olharam de uma forma sacana, que eu viria a entender anos depois. E foi meu irmão quem iniciou os comentários em um papo com o Ciclone.

– *Tu viu a marcação na camisa dela? Farol aceso, sem sutiã e vergonha nenhuma.* – Senti que ambos esqueceram totalmente da minha presença ali por alguns instantes, e assumo que os termos que usavam para mim também não faziam muito sentido. Ciclone continuou o papo. – *Rapaz, é uma gracinha mesmo, a cara da perdição.* – Disse isso de uma forma que me pareceu incomum, nosso amigo até então tinha me parecido uma pessoa tão centrada e correta. Vinicius continuou seu pensamento. – *Linda, interessante, mas muito solta, não sei se serve para namorar. Como que doma uma mulher dessa?* – Após essa última fala, Nala saiu do banheiro, com a cara mais fechada do que quando entrou, instantaneamente captamos que ela escutou a conversa que estava rolando.

– *E quem disse que eu tenho o interesse em namorar algum de vocês? Desde sempre as mulheres livres dão medo, não me espanta terem esse pensamento tão arcaico e machista. Na real, eu nem me surpreendo, e não tenho que ensinar nada aqui, vou é seguir minha vida. Se cuide, Yuri, e tente não absorver tanta babaquice com eles. Fui.*

E foi mesmo, depois daquele dia não tivemos mais interações ou alguma troca com Nala, que seguiu no camping, mas não houve mais aproximações. Hoje olho para trás e dou razão a ela, mas naquele dia entendi muito pouco do que tinha rolado. Percebi que ela ficou irritada e os dois na minha frente com cara de tolos. No caso de Ciclone, era surpreendente para mim também, até então tinha o colocado em um pedestal, como se fosse o portador de todas as verdades e valores, mas ali percebi que não existe isso, o ser humano é contraditório, apesar de sua sabedoria e sensibilidade, era capaz de reproduzir ou acobertar erros, como outros homens em situações semelhantes.

Em um movimento de redenção ou culpa, ele se pôs a falar. – *É rapaziada, acho que vacilamos mesmo. A menina estava numa boa aqui com a gente e fomos babacas com ela. Sei que não tenho moral pra ensinar muita coisa nesse momento, mas tem uma música do álbum que estávamos escutando que dialoga um pouco com a situação que rolou.* – Eu, curioso e agitado como sempre, pedi para ciclone botar logo, tinha adorado as outras músicas que tocaram até então. Mas antes disso ele seguiu falando da canção.

– *Vou colocar sim, Yuri, essa faixa sem dúvidas é uma das canções mais polêmicas da carreira do Emicida. Considerada por parte da crítica uma letra machista, foi questionada pelo movimento feminista, inclusive com protestos em shows do cantor. O que acham de ouvir para refletirmos até que ponto isso tudo está impregnado em nós?* – Vinicius, que desde a

saída de Nala tinha ficado com a cara pensativa, assentiu em concordância. Eu já me manifestara antes, dessa forma, Ciclone apenas fez o movimento de play no seu aparelho e começamos a ouvir a tal música. Seu nome era “Trepadeira”.

Enquanto a música tocou, fiquei observando tanto meu irmão quanto Ciclone. Vi meus dois companheiros se entreolhando conforme a letra daquele som, com pegada de sambinha antigo que ia evoluindo. Isso me intrigava um tanto nas músicas do Emicida, sua capacidade de navegar em estilos que não tinham uma conexão óbvia. Como disse, naquele período entendia pouco ou quase nada de relacionamentos, dessa forma me permiti continuar observando apenas. Quando a música acabou fui eu quem puxou o assunto.

– *O que é trepadeira?* – Perguntei na maior ingenuidade do mundo. Novamente meu irmão e Ciclone se olharam, dessa vez de maneira mais enfática. Antes que eu continuasse com outras perguntas embaraçosas, Vinicius se pôs a responder.

– *É uma planta, cara, assim como várias outras que ele fala na música.* – Ele sabia que a resposta era insuficiente, e apesar da minha ingenuidade inicial, aquilo só não bastaria, e continuou. – *Mas, nesse caso aí, suspeito que ele tá usando de metáfora para outra coisa. Seu amigo sabichão aí que deve ter mais para contribuir. Fala para gente, Ciclone, estou viajando?* – De fato, em um primeiro momento senti que Vinicius estava escondendo o jogo, mas conforme complementou, percebi que tinha falado genuinamente o que entendeu e sentiu com a música. Então aguardei o parecer do Ciclone, que veio a seguir.

– *Está viajando não, Vinicius, é isso mesmo. Pelo menos no meu ponto de vista.* – Dessa vez foi meu irmão quem interrompeu.

– *Mas por que deu o que falar? Achei as rimas e as sacadas com os jogos de palavras sensacionais.* – Eu seguia sentado na mesa de sinuca, eles já tinham parado de jogar ping-pong e estavam encostados próximos, em um sobressalto a curta distância de mim. Então Ciclone se propôs a desvendar, ou a menos tentar se movimentar naquela encruzilhada de ideias comigo e meu irmão.

– *Então, ainda que não fosse a intenção do Emicida, a letra chegou para um grupo de mulheres como uma música machista. Sobretudo quando ele fala da “surra de espada de São Jorge”. Nós, como homens, ficamos em uma posição um tanto deslocada para falar quem tá certo ou errado nisso (RIBEIRO, 2019), porque nunca vamos ter a dimensão do que é apanhar por um término de um relacionamento. Meu ponto de vista para compreender o Emicida é a perspectiva de que ele apenas se usou do “eu” lírico. Não necessariamente o que ele expressa na música precisa ser entendido como uma narrativa em primeira pessoa, saca? Assim como o autor de Hanibbal não é necessariamente um canibal, o Emicida não precisa*

*ser um machista para relatar uma realidade machista em sua música. Mais do que isso, já o vi dizendo que a ideia da música (CANAL RODA VIVA, 2020) é relatar a visão do cara que foi deixado de lado, que maldiz a mulher amada, e fica enfurecido quando termina um relacionamento.*

Ouvi toda aquela explicação do Ciclone e fiquei pensando o quão complexo é esse lance de produzir arte. A possibilidade de retratar outras realidades, criar, inventar, e ainda ter essa margem inevitável do outro, que é onde a obra se completa.

Dando vazão às minhas dúvidas e curiosidades, perguntei para os dois que me acompanhavam.

*– Beleza, mas sempre achei que para se relacionar com alguém tinha que amar. A propósito, vocês acreditam no amor?*

Antes de responderem minha pergunta, Vinicius e Ciclone pegaram as raquetes e a bola de ping-pong, e me chamaram para retornar a área do restaurante do camping. Acompanhei ansioso pelas respostas.

## 10 ALMA GÊMEA

FIGURA 18 – Qrcode da faixa Alma gêmea disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*(...) Uma dose só dividida em dois copos  
 Uma alma só dividida em dois corpos  
 Eu sei o melhor, se você tá, eu topo  
 Eu colo em teu colo  
 Na de ser sua família, teu Hector Bonilla  
 De fé, ter você, minha Mulher Maravilha  
 Viver um conto de fada, história encantada  
 Outros caras querem te ligar, mas você já tá ligada*

*Casamento é coração, vidas em lua de mel  
Se livrar da solidão, devagar aí ao léu  
Quero pegar sua mão, depois fazer meu papel  
Riscar estrelas no chão pra ti passear no céu (...)*<sup>23</sup>

Após minha pergunta fomos andando em direção ao espaço em que estavam minha mãe, meu pai e Vera. Ainda batiam papo, agora também acompanhados de Alceri, marido e sócio de Vera no Camping. Eu, Vinicius e Ciclone nos aproximamos e sentamos juntos deles, que já estavam jantando. Era próximo de 20:00 horas, o dia estava voando. Pedimos uma janta para cada um, ficamos a uma mesa de distância e seguimos nosso papo. Ciclone estava sentado à minha frente, Vinicius ao lado.

– *Então, Yuri, sua pergunta anterior me parece direcionada para relacionamentos amorosos, mas acho que cabe uma reflexão mais profunda sobre o amor.* – Ciclone falava aquilo com um olhar compenetrado. – *Sei que não sou perfeito, como você acabou de ver no nosso contato com a Nala, mas tenho algumas experiências e estudos sobre esse lance de relações afetivas.* – Naquela altura da vida, sabia que Vinicius, apesar da pouca idade, também já tinha alguma vivência no assunto. Sentado ao nosso lado, poderia contribuir, mas até o momento apenas escutava. Dessa forma, Ciclone seguia.

– *Acredito que amor é o sentimento mais revolucionário que existe. E quando falo de amor, trato de todas as formas de direcionar esse afeto, não apenas a romântica. Então, sendo bem objetivo, sim, eu acredito no amor, não só acredito como acho que é a resposta para a pergunta: “qual o sentido da vida?”. Agora eu que questiono a vocês, como seria a vida sem o amor? Nossos pais, amigos, professores, ídolos, e por aí vai... Tem um filósofo que gosto muito, Renato Nogueira (2020), ele tem um pensamento que me encanta, diz que o amor é o afeto que nos dá harmonia.*

Eu ia observando aquela fala, tentando assimilar, e de alguma forma relacionar com minha trajetória até ali. Todavia, pensar o amor de maneira não romântica era um movimento que ainda não houvera feito ao longo da minha vida. Aquela provocação me tocou de uma forma que talvez nem mesmo Ciclone imaginasse. Vinicius seguia atento e calado ao nosso lado. Sinto que ele ainda estava assimilando o que tinha rolado mais cedo com a Nala. Apesar de ser um tanto problemático, ele sempre foi uma pessoa sensível e empática. Somente após aquela longa fala de Ciclone, ele interviu.

– *Tá bom, Ciclone, mas em relação ao amor romântico, o que tu pensa sobre? É impossível*

---

<sup>23</sup> Parte da letra Alma Gêmea, canção de Emicida.

*ser feliz sozinho, ou Tom Jobim estava sendo dramático?* – Fez as duas perguntas retomando a expressão sacana de antes, e voltando a participar do papo.

Em paralelo àquela conversa percebi que na mesa ao lado os ânimos seguiam animados, todos trocando altas ideias sobre questões geopolíticas e não se ligando na gente. Após a incitação de Vinicius percebi Ciclone se arrumando na cadeira. Estava disposto a compartilhar com a gente um pouco de suas bagagens. Eu seguia com olhos firmes em nosso amigo, o dia vinha sendo denso com tantos acontecimentos e conversas, mas me parecia imprescindível prestar atenção naquilo tudo.

– *Pois bem, vamos pensar por partes.* – Ciclone tinha um ar professoral. Qualquer assunto que trazia à tona vinha com uma roupagem didática de quem quer transmitir o conteúdo da maneira mais transparente possível. – *Acho que não é impossível ser feliz sozinho, Vinicius, o amor passa inclusive pelo autoamor, se conhecer, se entender, retomando os pensamentos do Renato Noguera (2020), existe na visão dele a autointimidade, que é a capacidade de nos amarmos, entendemos, e aceitarmos, tanto nas partes boas como ruins. Então eu faria um contraponto ao Tom Jobim dizendo que, para mim, só é possível ser feliz no amor com outra pessoa, se formos felizes sozinhos.*

Eram tantas informações que vez ou outra me perdia. Referências que ainda não entendia, reflexões que não conseguia plenamente elaborar, mas ainda assim o curso daquela conversa me seduzia. E Ciclone seguia com suas divagações. – *Outra coisa importante quando pensamos nisso tudo, é lembrar que hoje, no momento da história em que vivemos, muito se fala em casamento e relacionamentos monogâmicos, mas nem sempre foi assim. Há registros de que as primeiras formações familiares eram de grupos matriarcais onde todos os homens se relacionavam sexualmente com todas as mulheres, mas só as mães tinham pleno conhecimento de quem eram os filhos (ENGELS, 2019), se formos pensar em termos recentes, o casamento e a união legal é um pacto de interesses políticos e econômicos. Então, na concepção da ideia, a união das pessoas - como é dada hoje -, não foi construída por conta do amor. Se nos aprofundarmos um pouco mais, e formos pensar de maneira mais problemática, as relações nas colônias, ou pós-escravidão, podemos destrinchar ainda mais essas possibilidades. Há uma pensadora sensacional, que reflete essas questões de maneira brilhante, seu nome é bell hooks<sup>24</sup>, tem algumas passagens que ajudam a pensar bem isso*

---

<sup>24</sup> Depoimentos de escravos revelam que sua sobrevivência estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções. Num documento datado em 1845, Frederick Douglass lembra que foi incapaz de se sensibilizar com a morte de sua mãe, por ter sido impedido de manter contato com ela. A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros - o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome- fez com que se mostrassem solidários entre eles

*tudo. Na visão dela, a dificuldade de muitos homens e mulheres negras se permitirem entregar ao amor é herança de um período onde os escravos tinham que ser fortes, sem possibilidade de demonstração de “fraquezas”, e sentimentos como amor eram um ponto de vulnerabilidade.*

Ao olhar para o lado, percebi que meu pai e mãe estavam sozinhos na mesa deles naquele momento, e prestavam atenção no nosso assunto. Assim que Ciclone reparou no mesmo, convidou-os a se juntarem a nós, que prontamente vieram. Ambos adoravam uma discussão reflexiva, e o tema em questão era polêmico o suficiente para lhes atrair.

*– Então, Gil e Tânia, estou tentando refletir sobre uma pergunta que seus filhos fizeram. Querem saber o que é amor. Vocês podem me ajudar com essa? –* Meus pais riram instantaneamente, meu pai, fanfarrão de carteirinha emendou.

*– Quer dizer que o bonitão aí sabe o que é amor? Eu certamente não sou a melhor pessoa do mundo para colaborar com esse debate, dona Tania vive reclamando da mim. –* Todos deram uma gargalhada, e meu pai seguiu. *– Mas como sou pretensioso vou falar um pouco do que penso sobre. Acredito que amor é uma força que nos move. Seja nas relações sociais, no autoconhecimento, nas ambições profissionais ou políticas. Nunca refleti detalhadamente sobre isso, mas de bate-pronto é o que vem na minha mente. –* Admito que não esperava aquela resposta, meu pai sempre foi uma pessoa que se autoelogiava com frequência, mas aquela resposta me apresentou uma versão dele, mesmo que performática, que ainda não conhecia.

Após aquela fala, minha mãe também se pôs a falar. Era uma pessoa assertiva e interessada em questões existenciais e filosóficas, não iria deixar aquela bola quicando sem botar o pé nela. *– Também tenho minha opinião sobre isso, o amor é uma baita questão. No meu ponto de vista, o amor deveria ser tratado até mesmo como política pública, inclusive nos espaços de ensinamentos e aprendizagens. Acho que assuntos como afetividade e relações amorosas deveriam ser trabalhadas no ambiente escolar formal. É um tema elementar que atravessa toda a vida dos seres humanos, e somos pouco ou nada preparados para isso numa perspectiva institucional. Quão emocionalmente saudáveis seríamos se pudessemos pensar essas questões desde a primeira infância? Sobretudo, se formos observar os recortes identitários. Negras/os, gays, gordas/os, deficientes... Será que todo mundo é passível de amor sob os olhos da mídia?*

---

somente em situações de extrema necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos. Somente em espaços de resistência cultivados com muito cuidado, podiam expressar emoções reprimidas. Então, aprenderam a seguir seus impulsos somente em situações de grande necessidade e esperar por um momento "seguro" quando seria possível expressar seus sentimentos. (HOOKS, 2000, p. 2 e 3)

Essa última indagação me fez pensar em alguns momentos em sala de aula com meus amigos e amigas. Era comum a eleição de menino e menina mais bonito/interessante da sala. E inversamente comum que os grupos citados por minha mãe fossem exaltados. E pude perceber nesse instante como os afetos ao longo da nossa vivência estavam estritamente relacionados a algumas características físicas e sociais. Ciclone aproveitou o gancho e levantou uma nova questão para a gente que o acompanhava em suas incursões filosófica

– *Quantos casais negros temos no imaginário social como referência? É possível contar nos dedos. Seja pelo projeto político de clareamento racial que começou no início do século ou por conta da produção midiática, a possibilidade de pretos e pretas se amarem e construírem uma vida juntos me parece uma exceção nos espaços de poder.* – Nesse momento Vinicius questionou.

– *Mas na televisão temos um casal que faz muito sucesso e é casado, Tais Araújo e Lázaro Ramos. Não é?* – Ciclone logo respondeu.

– *Pois é Vinicius, de fato, é um casal referência para os pretos e pretas, mas infelizmente ainda são raridade. O desejo é que não precisemos mais pinçar um casal preto para exemplo, mas que sejam naturalizadas essas relações. E isso nada tem a ver com ser contra casais interracialis, mas sim de pensar de maneira histórica como isso tudo é construído.* – Nesse momento, minha mãe entrou na discussão, questionando Ciclone.

– *Então quer dizer que todas suas relações amorosas são com mulheres negras, Ciclone? Você consegue controlar seus sentimentos?* – Aquela pergunta foi um espinho no calcanhar de nosso amigo, que de pronto ficou pensativo.

– *Não, Tania, seria hipocrisia da minha parte se falasse para você agora que todas minhas relações amorosas são e foram com mulheres negras. Vejo você o Gil e penso um pouco nas minhas experiências. Tive muitas “paixonites” por mulheres brancas e pretas. Mas demorei a entender que na maioria das vezes que olhava para uma branca com atração, muito do que via como belo tinha sido uma construção da indústria cultural (ADORNO, 2020) e projetos políticos.* – Novamente, referências que pouco entendia, o papo estava complexo para mim, mas não quis me meter e atrapalhar aquele fluxo de ideias. Senti que todos na mesa estavam envolvidos de maneira significativa com a conversa. E Ciclone seguia desenvolvendo seu pensamento.

– *Quando penso na construção histórica do nosso país, ou da população preta em geral, isso se destaca ainda mais pra mim. bell hooks, que citei antes, escreveu obras sensacionais sobre esse assunto. Destac, especificamente, Vivendo de amor e Tudo sobre o amor. Neles, ela traz*

*toda a reflexão sobre como amar é uma potência revolucionária e transformadora. O sentido genuíno dessa ação vai muito além de casamentos e namoros. O amor, nessa perspectiva, é um afeto que harmoniza as pessoas.*

Naquele momento Vera voltava com nossos pedidos de jantas prontos, tinha até esquecido que aguardávamos para comer. Vinicius que tinha chegado de viagem naquele dia e já tinha alongado além da conta, sem se alimentar, foi o primeiro a levantar e pegar o prato. Em seguida, eu e Ciclone nos apressamos a buscar nossas refeições. E de maneira sugestiva, nosso amigo perguntou.

*– O que acham de ouvirmos mais uma música do Emicida? Essa tem muita relação com o que estamos falando. “Alma gêmea” versa sobre uma relação leve e gostosa. Que tal? – Meu pai que era o único que ainda não tinha escutado nenhuma música com a gente e foi o primeiro a responder.*

*– Está todo mundo falando dessas canções desde que eu cheguei, quero ouvir, e é bom que deixamos vocês comerem com alguma distração e poucas perguntas. – Eu, Vinicius e minha mãe acenamos em concordância, e foi o sinal verde para nosso amigo seguir na sua saga musical. Comida no prato e som rolando.*

Ao término da canção, meu pai logo se manifestou novamente. *– Ser feliz é bem melhor que ser rei, de fato. Mas não dá pra dissociar a felicidade nesse mundo em que vivemos das relações de consumo. Até porque o próprio amor muitas vezes é encarado assim, não acham? – Falou aquilo olhando para o Ciclone, e seguiu. – Mas apesar da alfinetada, adorei a música, achei a letra e a melodia bem agradáveis, quando vocês falaram que ele é um rapper estava imaginando outra coisa. – Após essa breve intervenção do senhor Astrogildo, todos na mesa ficaram assanhados para compartilhar suas opiniões. Mas como havia sido provocado, Ciclone se adiantou.*

*– Concordo com você Gil, mas complemento. Talvez as relações só tenham se tornado extensões da sociedade de consumo por conta dessa lógica das posses. Tenho a hipótese de que nosso modelo econômico pauta inclusive nossas relações afetivas. Somos estimulados a possuir tudo e todos. – Minha mãe não se conteve após essa fala e emendou.*

*– É exatamente isso, Ciclone! Na sociedade da obsolescência programada, relações viram produtos perecíveis (CANAL SOLTOS, 2021). E quando penso em relações quero sugerir mais do que relações bilaterais, amizades, namoros e afins. Proponho uma organização de afeto que seja coletiva. Amar e ser amado enquanto comunidade - para mim esse é único caminho possível para termos sucesso enquanto humanidade. – Aquilo foi sentido com profundidade para todos que ouviam minha mãe. E sem pedir licença, Ciclone apenas iniciou*

a próxima música. Pelo que entendi, ele achou que de alguma forma ela se relacionava com o papo que estava fluindo.

## 11 NOIZ

FIGURA 19 – Qrcode da faixa Noiz disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*(...) Eu já esquematizei tudo sozin', outra vez  
 Meu bando de neguin' pra ruir o império duceis  
 No sapatinho, devagar, devagarin'  
 Ô só, num tira, não, aí Jão, onde é que tá meu din'?  
 A diferença é que eu vim pra sacar, não saquear  
 Pra num criar criaca e no fim meu plano miar  
 Vou ratear, distribuir pros remelento  
 E botar a cara de zumbi em cada nota de duzentos  
 Se é pelo valor, senhor, nóiz têm os nossos  
 Mas do asfalto pra lá, tio, negócios são negócios  
 Minha palavra vale na rua, onde não existe contrato  
 Queijo é a isca, porque vou lidar com vários ratos (...)<sup>25</sup>*

Seguíamos jantando enquanto a música em sequência se iniciou. Meus pais ficaram com a gente fazendo companhia e curtindo o som igualmente. Desde o início daquele encontro, era a primeira vez que duas músicas tocavam em continuidade, com pouco ou nenhum intervalo. Essa experiência me fez refletir sobre a possibilidade de ouvir aquele álbum todo, do início ao fim, sem interrupções ou algum tipo de reflexão mais elaborada. Apenas sentir as canções de maneira livre e descomprometida.

Enquanto o som rolava e comíamos, seguia observando as reações de todos ao meu

<sup>25</sup> Parte da letra de Nóiz, canção de Emicida.

redor, e paralelamente prestava atenção na letra e melodia. Meu pai, muito atento, foi quem puxou assunto quando a música acabou. Parece que tínhamos fígado mais um pelas frases contundentes do rapper de Santos. De maneira natural e aparentemente impressionado com o que acabara de escutar, ele soltou. – *É, o cara é bom mesmo. Quanta referência profunda nessa letra. Vocês prestaram atenção em tudo?* – Disse isso olhando para todos na mesa – *A parte em que ele fala “Trago em mim o que fez Zumbi perecer, O que fez Zumbi merecer, o que fez Zumbi aparecer” é quase um manifesto de união do povo preto. Zumbi, junto de Dandara, são alguns de nossos heróis, e devem ser reverenciados sempre.*

Ciclone olhava para aquela cena com extrema satisfação, minha mãe e Vinicius escutavam, em uma posição de curiosidade naquela conversa, e eu apenas observava. Dessa forma, Ciclone pôs-se a interagir com meu pai, que parecia cada vez mais animado. – *É exatamente sobre isso Gil, nos tempos atuais, mesmo pós-escravidão, urgimos por uma organização coletiva dos nossos. A favela tem sido esse espaço de maneira espontânea, mas precisamos ocupar todos os locais, e de forma planejada. Universidades, Hospitais, Prefeituras, Associações de moradores... E no meu ponto de vista, passa diretamente por essa auto-organização dos pretos e pretas.*

Naquela altura da vida meu pai fazia parte da coordenação do Movimento Negro Unificado (MNU) em nossa cidade, Santo Antônio de Pádua - RJ. Apesar de não trazer questões raciais de uma forma mais incisiva para dentro de casa, observávamos na prática sua atuação no movimento. Eles tinham, entre outras iniciativas como projeto de base, um pré-vestibular social para negros, negras e periféricos em geral. O que de certa forma foi semente em minha própria jornada.

Dando continuidade ao papo com Ciclone, meu pai trouxe algumas reflexões de suas vivências. – *Se eu contar pra você o tanto de racismo que passei quando cheguei a Pádua tu não acredita, Ciclone. Ou acredite, porque quem é... sabe...* – disse essa última frase com um leve sorriso triste. – *Chegamos a uma cidade onde não tínhamos nenhum familiar ou amigo, para abrir um negócio. Sendo negro e isolado socialmente, era quase que diário os questionamentos sobre minhas intenções ou origem. Foi difícil. Acredito que se tivéssemos uma rede de apoio nessa inserção, as coisas teriam sido bem mais simples, como deve ser a vida.* – Já tínhamos acabado de comer nesse momento da conversa, e fomos surpreendidos com um carro chegando ao Camping.

De maneira inesperada, especialmente pelo horário e dia. Quem estava entrando no local eram alguns antigos amigos da nossa família, mais precisamente um casal e suas quatro filhas, estacionaram em frente à recepção e foram acertar as burocracias com Vera e Alceri.

Era uma família toda negra, pai, mãe e filhas. Havíamos inclusive ido à casa deles, no Carnaval, do ano anterior. Eram de uma cidade próxima, Vargem Alta - ES, um local na serra do Espírito Santo e não muito longe de onde estávamos. O pai era chamado pelo apelido de “Baleia”, seu primeiro nome era Eduardo, mas quase nunca era invocado assim, a mãe Cristina, as filhas, da mais velha a mais nova, se chamavam Flora, Lara, Yasmin e Terena.

De maneira casual eles chegaram perto da nossa mesa, prontamente todos nos levantamos pra cumprimenta-los. Foi minha mãe quem apresentou o Ciclone à família que acabara de chegar, disse que ele era um amigo nosso, e estava desde cedo em uma incursão filosófica-musical conosco. Um dos fatores que sempre exaltamos nessas experiências de acampar é como os elos se criam de forma sincera e rápida com os que estão ali, uma sensação de coletividade e pertencimento pleno. Talvez isso se aproxime em alguma medida com o que meu pai e Ciclone falavam a pouco, à lógica do “aquilombar-se”<sup>26</sup>, e de uma maneira mais prática e palpável. Baleia, com seu jeito alegre e agregador, logo convocou – *Eu não quero nem saber com quais planos vocês estavam, trouxemos carnes e cervejas, vamos todos fazer um churrasquinho.* – Nós prontamente concordamos, nem tanto pela comida, pois já havíamos nos alimentado, mas pelas experiências que esses momentos nos proporcionavam.

Antes de irmos em direção ao lazer, nos unimos todos para colaborar na montagem e ajustes mais imediatos das barracas e materiais deles. Aquilo era uma prática comum no espaço do camping, tanto na chegada como na saída de uma nova família, os amigos e vizinhos de acampamento prontamente se dispõem a ajudar na execução das tarefas. Pude perceber Ciclone observando aquela movimentação, pessoas novas, outras possibilidades. Ainda assim era possível notar sua expressão de animação e interesse com o que vinha acontecendo. Após essa rápida operação coletiva de subir o acampamento dos novos hóspedes, seguimos para a área de lazer.

O camping possuía duas áreas de churrasco, uma fechada e outra aberta. De maneira intuitiva nos direcionamos para a parte aberta, a noite estava bonita, estrelas no céu e risco nenhum de chuva. Enquanto íamos em direção ao espaço, eu e Ciclone ficamos um pouco atrás dos demais que se direcionavam para perto da churrasqueira. Ele logo puxou assunto. – *Que coisa bacana isso tudo, Yuri, por mais que fiquemos teorizando as músicas que ouvimos, nada se compara a vivermos esses momentos.* – Concordava plenamente com meu amigo

---

<sup>26</sup> Aquilombar-se é, portanto, uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo da gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os quilombolas entre si e que, num movimento mais amplo e recente, une as comunidades de distintas regiões. (SOUZA, 2008, p. 106)

nessa observação. Estava adorando as músicas e ideias, no entanto, a sensação era que a coisa ganhava sentido quando estávamos vivendo os momentos. Ele prosseguiu no seu devaneio – *Quando digo isso, quero expressar que a vida é a extensão da arte, e vice-versa. Só conseguimos assimilar ou produzir arte se vivemos. E essa união que tá rolando agora traduz muito a última música que escutamos.* – Eu concordei acenando, e de maneira singela nos unimos ao restante da trupe na área de churrasco, sem pressa ou emergências maiores.

## 12 HINO VIRA LATA

FIGURA 20 – Qrcode da faixa Hino Vira Lata disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*(...) Aí, de nego véio, filosofia, palavra boa é poesia  
 Acalma, acorda, é alegria, e dá-lhe palma  
 A minha alma ainda é escrava da boemia  
 Onde o sofrer vira canto, reclusa ave  
 Perdoa, amor, perdoa e joga a chave  
 Eu quase me perdi, quase  
 Enquanto você briga, minha mente tá no tempo, tá nas frases  
 Vou provar que sou capaz, música é luz que bem faz  
 É a gira pra todos os orixás  
 Pra dividir com todos, igualzinho o sol faz  
 Caridade, amor, aruanda  
 Sem vacilo, cobiça ou demanda, maldade camba  
 Pois não é toda palavra que se encaixa num bom samba (...)<sup>27</sup>*

A área de churrasco era bem próxima de um espaço onde estavam montadas algumas barracas. No espaço havia três mesas de madeira, com bancos longos ao lado de cada uma

<sup>27</sup> Parte da letra Hino vira-lata, canção de Emicida.

delas. O local ainda contava com uma pequena cobertura em telhas de barro acima das churrasqueiras. Já estávamos todos devidamente acomodados, meu pai e Baleia assumiram a gestão da churrasqueira, minha mãe, Cristina e as duas filhas, mais novas, ficaram em uma mesa ao nosso lado direito. Eu, Ciclone, Vinicius e as duas filhas mais velhas em outra. E começamos a papear. Eu e Vinicius já conhecíamos todo mundo, e fomos mediando o papo com a Flora e Lara. Apresentamos melhor Ciclone, falamos sobre as músicas que tínhamos escutado até então e um pouco dos ocorridos do dia. O que mais chamou a atenção delas foi o desgaste no parque de diversões com Sérgio, elas riram e falaram que ficariam igualmente irritadas na minha situação. Meu irmão estava escutando aquela história pela primeira vez, riu de tudo também, mas disse que se encontrasse o Sérgio iria lhe agradecer por ter me irritado.

Papo vai e papo vem até que Flora perguntou sobre um colar que Ciclone estava usando, desde cedo eu tinha percebido, mas não me ocorreu de questionar sobre. – *Isso que tu tá usando é uma guia<sup>28</sup>, Ciclone?* – O cordão do nosso amigo era de miçangas com as cores vermelha, preto e amarelo. Ciclone olhou com certa surpresa para o peito, após a pergunta de Flora, parecia ter se esquecido do acessório. E se colocou a responder – *Não Flora, é um guarda-rezo<sup>29</sup>, ganhei no grupo de estudos que faço parte. Rolou um sorteio e acabei sendo o contemplado no dia. A minha orientadora que promoveu isso, e explicou que poderia colocar alguma coisa nessa parte* – ele mostrou um compartimento na parte de baixo do cordão – *que eu considere me trazer proteção. Eu escolhi botar uma foto da minha mãe, que já faleceu, sempre que uso sinto que de alguma forma estou sendo protegido.* – Lara, que tinha em torno de quatorze anos entreviu – *Bacana, lembra muito as guias da minha irmã* – falou isso olhando pra Flora, que sorriu para gente, e completou – *Pois é, perguntei por isso mesmo, tenho ido há um tempo num terreiro de candomblé, e as guias são muitos parecidas com isso, tanto esteticamente como no propósito. Certamente sua mãe está pertinho de ti e dando proteção.* – Eu e Vinicius nesse momento da conversa apenas observávamos, assim como mais cedo, contemplávamos em êxtase essa sinergia entre pessoas que há pouquíssimo tempo nem imaginavam da existência uma da outra. Ciclone seguiu no papo – *Apesar de respeitar muito, tenho pouca experiência nas religiões de matrizes africanas. Sempre me considerei agnóstico, mas de uns tempos para cá tenho considerado a possibilidade de ir a algum terreiro. Já dei chance pra tantas religiões ao longo dessa vida. Por que não mais uma?* –

---

<sup>28</sup> Guia é o nome usado nas religiões afro-brasileiras para os colares usados pelos médiuns durante as sessões e giras e também utilizadas pelos filhos da casa representando os seus guias (Orixás), variando a cor conforme a Linha na qual o espírito atua.

<sup>29</sup> Colar feito por uma tribo indígena, com miçangas dispostas a seu alcance, tem como intuito sintetizar boas energias e melhor conduzir seu portador.

Entendia muito pouco daquele papo, mas prestava atenção. Ainda também não tinha tido nenhuma experiência impactante nas religiões, tanto minha mãe como meu pai não eram religiosos, longe disso. Meu pai era ateu convicto, minha mãe uma cristã sincrética. Ia à igreja católica, no centro kardecista, em alguns casos até em igreja evangélica. Talvez por ainda estar se encontrando nesses espaços, nunca forçou minha ida ou do Vinicius.

Ao lado da nossa mesa via Cristina, minha mãe, Yasmin e Terena papeando levemente, meu pai servia as carnes sempre que saia coisa nova na churrasqueira, e o clima estava ótimo. Flora seguiu o assunto com Ciclone – *Pois é cara, acho que não adianta forçar a barra, as pessoas têm que ir sentindo seus momentos. Na minha família sou a única que frequento o Candomblé, uma amiga de faculdade me convidou, fui num dia que era aberto para convidados e me encontrei. Quando tiver oportunidade e vontade... vá mesmo. E como vocês disseram, além da questão espiritual, é um espaço de socialização histórico, ancestral...* – Aquela conversa certamente estava envolvendo nosso amigo, que respondeu – *Real, Flora, acho que você está certíssima, inclusive há algumas músicas do Emicida que trazem essas referências espirituais. Depois quando formos ouvir algo, vou colocar uma que cite, ainda faltam algumas pra finalizarmos o álbum.* – Aquilo mexeu comigo. Será que já estávamos acabando aquela incursão musical? Confesso que no início da jornada estava ansioso pelo fim, mas agora que se aproximava da conclusão, tinha a sensação de que poderia ter aproveitado mais. Dessa forma me pus no diálogo também – *O único risco de começar a escutar essas músicas é que são viciantes. Já escutei quase o álbum todo e quero mais.* – Todos riram e meu pai gritou ao fundo – *Tá esperando o que para colocar outra pra tocar então, Ciclone? Faz as honras aí, meu querido!*

Aquilo foi que como oferecer água a um maratonista. Se havia uma coisa que deixava o Ciclone animado era botar essas músicas para rolar. Então, de maneira prática, ele foi até a recepção, onde tinha deixado seu aparelho de som e retornou novamente. Já chegou ao ponto de execução, e antes de se sentar, iniciou a próxima canção. Ele disse que a escolha se deu por conta do momento, mas deixou a gente interpretar por conta própria. – *Nessa, não vou contextualizar muito, acho que tira um pouco da graça artística essa apresentação toda, cada um sinta como quiser.* – Após essa fala ele iniciou a canção, fiquei atento em cada um que estava no ambiente. Na mesa do lado a conversa seguiu, acho que em locais com muitas pessoas é mais difícil essa concentração coletiva em um só propósito. No entanto, tanto na nossa mesa como na churrasqueira pude observar um silêncio e concentração na música.

Aquele sambinha com letra arrastada e gostosa tomou conta dos nossos ouvidos. Flora batucava na mesa enquanto tomava seu copo de cerveja, meu pai sacudia a perna, Vinicius

balançava os ombros, todos de alguma forma foram seduzidos por aquele ritmo e verso. Quando a música se encerrou, Flora foi a primeira a se manifestar – *Olha, olha. Gostei bastante, som leve, estilo de samba antigo, letra com várias referências e longe do que tinha imaginado. Apesar de ter a citação das giras e orixás, a parte que mais me chamou a atenção foi a brincadeira verbal, “não é qualquer palavra que se encaixa num bom samba”.*

Meu pai, que se gabava de compor músicas no período de carnaval para algumas escolas de samba locais, logo foi dando sua opinião – *E não mesmo, eu estou falando desde cedo, esse cara aí entende das coisas.* – Ciclone se sentia um DJ consagrado, sua cara de felicidade era evidente. Até que minha mãe externou suas impressões também, eu achei que ela não estava prestando atenção, mas estava enganado. – *O samba é um estilo de vida. Qual o nome dessa música, Ciclone?* – Ele de pronto responde – *Hino Vira-lata.* – Minha mãe seguiu em seu pensamento. – *Pois é, até o nome, a arte tem esse poder, ela nos conduz à própria construção enquanto indivíduo, e aqui só tem vira-lata, essa música é nossa.* – Foi a deixa para todos caírem em gargalhada.

### 13 SAMBA DO FIM DO MUNDO

FIGURA 21 – Qrcode da faixa Samba do fim do mundo disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*Aí!  
Somos a contraindicação do Carnaval  
Nagô do tambor digital  
Fênix da cinza de quarta, total  
MST da rede social  
Sabendo de onde vêm as crianças, alarma  
Assim como cê sabe de onde vem as armas*

*Grana de judeu, petróleo árabe, negócios  
Mas sangue e suor são sempre nossos, chefe  
Vai ter o um, cinco, sete, doze lá  
Enquanto a Unicef vier depois das HK  
Sem blefe ou teoria, sem teoria CDF do que não presta  
Olha pra esse lugar (...)<sup>30</sup>*

Desde o episódio com os meninos, no início da tarde daquele dia, não os tinha visto mais. Eis que voltando para o churrasco, enquanto saía do banheiro próximo à área de jogos, o irmão mais velho me viu e chamou – *Ei, Yuri!* – Olhei para trás com surpresa, não era comum aquela forma de abordagem. De toda forma me permiti retomar o contato, nunca fui de guardar mágoas ou rancor. – *Fala Marlon, tudo tranquilo?* – Ele se aproximou de mim, com um olhar meio perdido – *Então, queria pedir desculpas por mais cedo. Depois que sua mãe foi lá conversar com a gente, andei pensando um pouco, e acho que agimos errado com você.* – Enquanto ele ia falando, eu apenas observava, tentava assimilar aquilo e decidir como agir. – *Tanto eu quanto o Matheus gostamos de brincar contigo, realmente não sabíamos que te chamar daquela forma te incomodava.* – Isso me irritou, apesar de ser um pedido de desculpas, me pareceu uma postura sonsa querer se portar como vítima ou ignorante. Eu sentia um tom agressivo sempre que eles me chamavam de “neguinho”, não acreditei totalmente naquela justificativa, mas segui escutando. – *Vi que vocês estão lá fazendo churrasco, acho que podemos participar também?*

Só consegui pensar que esse moleque era um baita cara de pau. Depois de tudo, vem com esse papinho furado e interesseiro, eu é que não ia cair nessa. Ciclone tinha conversado muito comigo ao longo do dia, e não se tratava de ser vingativo ou raivoso, mas saber respeitar meus limites. Após elaborar a melhor forma de responder, soltei – *Então cara, sinceramente, eu prefiro que vocês não apareçam por lá. Mas fico feliz que vocês tenham refletido um pouco sobre o que rolou mais cedo. Espero que vocês se divirtam também, mas lá eu não quero vocês.* – Olhando para trás, essa postura me parece um pouco rude, mas foi sincera e genuína. Se eu não aguentei o Sérgio, que “só” tinha sido um mala, não tinha porque eu trazer para perto de mim essas pessoas que tinham me feito mal na prática. O primeiro me considerava um opositor. De alguma forma, via potência em mim. Os segundos não tinham como ver potência em mim, porque tinham uma representação étnica cristalizada.

Após esse breve diálogo, voltei para área de churrasco onde estava a galera toda. Optei por não contar a ninguém. Internamente tinha a sensação de estar agindo de uma forma errada.

---

<sup>30</sup> Parte da letra Samba do fim do mundo, canção de Emicida.

Hoje vejo que até mesmo essa culpa foi uma produção cultural imposta em mim. Quem tinha que estar se sentindo mal eram eles, os agressores. E quem poderia se sentir mal, de fato, em nossa sociedade, não se sente. Chegando perto das mesas vi Ciclone empolgado falando com minha mãe e a Cristina sobre astrologia. O cara era uma figura, ia de temas sérios a banalidades numa velocidade impressionante. Apesar de o papo estar animado caminhei pra perto do meu pai e do Baleia. Queria ver o que eles estavam conversando também. Para variar era sobre política, ambos eram de esquerda, criticavam a postura internacional no embargo econômico a Cuba, e como isso impedia e plena experiência do Socialismo no país.

Segui minhas andanças nos grupinhos e bate-papos, parei na última mesa. Vinicius estava conversando com Flora e Lara sobre os planos que fazia para o Carnaval, falava que já tinha combinado com alguns amigos de alugar uma casa ali perto, Piúma – ES, se não me engano. Ambas ouviam e respondiam que provavelmente passariam o carnaval em Vargem Alta mesmo, argumentavam que lá era animado e não tinha porque mudar a rota. Senti que meu irmão estava num leve flerte com a Flora, mais que natural, diga-se de passagem, ambos eram interessantes e pareciam se curtir.

A verdade é que todos viviam as intensidades de seu viver, experimentando a potência de um encontro. Eu seguia refletindo como uma agressão, no início da tarde, tinha desencadeado todo aquele ciclo, que parecia já muito tempo. Intensidades. Ciclone deve ter percebido minha divagação e veio até ao meu lado. – *É, meu amigo, que prazer estar aqui. Você não imagina o quanto me fez bem essa tarde e noite.* – Realmente não conseguia perceber naquele momento o quão grande tinha sido tudo. – *Fico feliz também, Ciclone, foi muito bom ter te conhecido. Acho que hoje é o melhor dia dessas férias, desde que começou.* – Ele sorriu, e num gesto de gratidão e carinho propôs pela última vez. – *O que acha de terminarmos esse álbum então? Samba do Fim do mundo, me parece um título sugestivo para fecharmos isso.* – Fiquei triste por chegar ao fim, mas muito eufórico por concluirmos aquela saga. Não me contive, levantei e falei numa altura que todos pudessem escutar. – *Oh, agora vamos botar a última do álbum pra tocar.* Ciclone entendeu o sinal e após minha fala iniciou a canção.

Após a música, de maneira misteriosa, tudo escureceu. Acordei aos sons de minha mãe me chamando, falando que os meninos da barraca da frente estavam me chamando para brincar. Não perguntei nem quem era. Minha cabeça estava um turbilhão, tentei me orientar sobre o dia que estávamos. Falei que não iria, estava tentando assimilar alguns pensamentos, pedi um papel e caneta, e me pus a escrever tudo que tinha sonhado na noite anterior. Desenhava uma cartografia da minha vida, que parecia comum a todos os meninos pretos do

mundo – ainda que nem todos cresçam com um pai e uma mãe críticos; ainda que nem todos tenham férias e campings em suas bagagens. Escrevo por mim e por eles.

## 14 UBUNTU FRISTILI

FIGURA 22 – Qrcode da faixa Ubuntu Fristili disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*Axé pra quem é de axé  
 Pra chegar bem vilão  
 Independente da sua fé  
 Música é nossa religião  
 Axé pra quem é de axé  
 Pra chegar bem vilão  
 Independente da sua fé  
 Música é nossa religião  
 okay, okay, okay, okay, jow, seja forte  
 É nossa cara fazer a vida ser certa mais que a morte  
 Eu me refaço após cada passo, igual reflexo nas poças  
 Mandinga, coisa nossa  
 Eles não vão entender o que são riscos  
 E nem que nossos livros de história foram discos (...)<sup>31</sup>*

O processo de escrita desse texto foi longo, pausado e com uma progressão gradual. Dito isto, é importante elaborar de uma maneira mais objetiva os métodos e processos que desaguaram nessa versão final. O presente capítulo, com o título da faixa Ubuntu Fristili é uma alegoria para transmitir a metodologia desta dissertação. Ainda que o texto tenha se desenvolvido no formato de ficção biográfica, parece-me fundamental essa explicação mais

<sup>31</sup> Parte da letra de Ubuntu Fristili, canção de Emicida.

detalhada sobre algumas etapas deste exercício. Ficção que também são registros das minhas primeiras leituras de mundo (FREIRE, 1985, p.11), antes ou concomitante à leitura da palavra que, diferente de Freire e sua experiência, quando se trata de infância preta, faz-nos sim “um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas” (FREIRE, 1985, p. 16), porque a vida de crianças pretas não deixa de ser um embate, em todos os sentidos e direções. Então, diria que é a ficção de um modo de ser dentro do que se ousa chamar de humanidade, “essa ideia plasmada de humanidade homogênea” (KRENAK, 2019, p. 24), que é feita mais de consumo do que de cidadania, segundo ele, e que intenciona apagar todas as cosmovisões – essas que nos constroem como potências e presenças.

É fundamental destacar um conceito chave para a construção dessa obra, que é a Escrivivência, método/prática de Conceição Evaristo. Ela, que inspirou esse texto através de suas obras de romance, como *Poncia Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); *Olhos d’água* (2014), entre outros, elabora a possibilidade de abarcar episódios do cotidiano, que remontam experiências pessoais e coletivas, como forma de tornar a literatura uma maneira de se escrever por meio da ficção, a história que foi apagada. A história coletiva de nosso povo que vem sendo produzido como ausência. (SANTOS, 2003). É uma espécie de vazio preenchido pela criação de personagens e cenas que desenham, de forma acessível, e ressignificam situações traumáticas.

Para além dessa influência basilar, há outro conceito chave que caminhou de maneira intrínseca durante toda a trajetória deste projeto, que é o conceito de Cartografia. Uma concepção teórica que entende a produção do saber como “a vivência no território, cuja escrita se desenvolve no lapidar das relações com as suas existências, ou seja, saber que se produz a partir das experiências vividas” (AMARAL; RODRIGUES, 2021, p. 172). Ou seja, o pensar/fazer cartográfico se dá a partir de uma produção que explora o real e indominável. Faces elementares da vida que são negadas em muitos processos de construções acadêmicas. Assim como também é possível pensar que “é preciso tecer redes enquanto espaço de horizontalidades e dissimetrias, fios que se harmonizam entre si, entre o múltiplo, entre as multiplicidades. É preciso afetar e afetar-se pelo outro. Um espaço de possíveis incompletudes para articular outras coisas.” (AMARAL; RODRIGUES, 2021, p. 176). Princípios esses que não dialogam apenas com o texto, mas com a própria genealogia artística do Emicida, pensador que inspira todo material aqui exposto. O que sinto que fiz foi uma cartografia das vidas pretas, em que é impossível falar de si sem falar de todos e todas.

Dito isto, cabe um aprofundamento nas palavras que compõe a faixa do álbum. O termo *Ubuntu* não tem uma tradução direta para o português, mas a força do significado tem

relação com a ideia de “eu sou porque você é”, assim como células do mesmo organismos são co dependentes. Manifesta ainda a compreensão do elo entre o individual e o coletivo. Você não pode ser humano sozinho. Logo, esse princípio é uma contraposição ao individualismo. No entanto, é importante ressaltar que essa ideia não deve ser romantizada e esvaziada por uma abordagem rasa e/ou comercial. A lógica *Ubuntu* tem um aspecto antológico, ético e político, uma narrativa da humanidade através do conflitos, esses que são insuperáveis e estarão sempre presentes nas relações humanas.

Nenhum ser humano tem o repertório para superar todas as demandas. Logo, encontrar alternativas coletivas que possam nos encaminhar para uma convivência mais saudável é um dos princípios desta palavra, *Ubuntu* é também um axioma ético e um princípio ontológico que clama pela poliracionalidade. O que foi um eixo central na construção desse documento, que se propôs ser um diálogo múltiplo, polissêmico, polifônico e filosófico (CANAL APRONTOS MULTIMÍDIA, 2018). Dessa forma, a construção deste documento foi atravessada integralmente por esses princípios, que tornam indissociáveis a vida e a obra de qualquer autor/artista.

*Fristili* é uma brincadeira com a expressão Freestyle, subgênero do rap que se caracteriza pelas letras improvisadas. Sendo assim, ao juntar ambas palavras na sua última música do disco, Emicida transmite mais do que uma estética, mas também um ideal de como pode ser a criação da arte, e, conseqüentemente, sugere um forma outra de ensinos e aprendizagens, na contramão da produção hegemônica. Em determinada parte da letra, há um trecho que simboliza bem a filosofia por trás da dissertação. Aos 50 segundos da canção, Emicida escancara uma premissa essencial nessas rumações. “Eles não vão entender o que são riscos, e nem que nossos livros de história foram discos”. Para quem vê o espaço institucional de ensinos e aprendizagens como uma coisa pouco prazerosa ou mesmo possível, os discos são substitutos eficientes nesse processo. E mais que isso, são tão ou mais abrangentes que livro didáticos que, por vezes, não chegam às camadas menos abastadas da sociedade. Sendo assim, organizar-se a partir deste formato é também estabelecer esse elo essencial com o popular e abrangente na produção do saber.

Dado o caráter exploratório desse documento-manifesto, escrito em uma estética polifônica<sup>32</sup>, o caminho se deu por meio do gênero literário, mais especificamente uma ficção-biográfica, ou uma cartografia preta. Todavia, o diálogo permanente com as produções musicais torna esse trabalho um veículo com várias entradas e saídas. Pelo conteúdo se tratar

---

<sup>32</sup> Trata-se de uma experimentação autoral para entender a realidade partir de uma criação fictícia em que as narrativas se confundem entre biografia real e possibilidades ficcionais de existência.

de uma reivindicação da pluralidade epistemológica, pareceu coerente e necessário uma estética e instrumentos que sejam alternativos às opções já estabelecidas.

Através dessa construção, foi compartilhada em um percurso dialógico outra possibilidade de produção de ensinamentos e aprendizagens, que passa, entre outras coisas, por novos interlocutores, plataformas e maneira de se relacionar com o saber acadêmico. Em um confronto contra a lógica hegemônica, por meio do disco de rap como saber orgânico e principal suporte conceitual do texto, pela construção literária como forma de humanizar o processo de acadêmico, e por uma elaboração a muitas mãos, em oposição ao modelo individualista e competitivo, não só dos espaços universitários, mas da sociedade moderna como um todo nos dias de hoje.

Todo o curso da elaboração textual foi precedido por meses de leituras e discussões sobre variadas obras com diversas origens epistêmicas, principalmente no grupo de estudos FLORA (Filosofias, Lógicas de Reescritas Acadêmico-Afetivas), ao qual tenho muito carinho e gratidão em participar. Seja pela sábia mediação da orientadora Maristela, ou pelas participações sempre pertinentes e afetuosas dos colegas que compõem o grupo, as trocas foram combustíveis fundamentais para essa composição. No FLORA, somos todos, orientadores e orientandos. E, sem dúvidas, um lugar seguro e fértil para dividir as inquietações que habitaram nesse processo, que por vezes tende a ser solitário.

Outro ponto que precisa ser dito e refletido é a relação com os personagens da história. As escolhas dos atores que compõem esse enredo se deram pelo fato de serem perspectivas únicas, ainda que relatadas em terceira pessoa. Apesar de muitas passagens na história flertarem com a ficção, as principais características pessoais foram preservadas. Sendo a função de um trabalho científico trazer algo inaugural para apreciação dos demais, foi prazeroso estar na posição de pesquisador, narrador, personagem, leitor e roteirista desta história. Por conta dos laços sentimentais com todos os incluídos na trama, foi de extremo envolvimento emocional o processo de desenvolvimento do texto. Uma ficção biográfica polifônica que dialoga com memórias, sentimentos, nostalgias e espaços de dor e amores, tal qual como toda cartografia.

Cartografia que não é realista, mas construtivista, em que os conceitos não existem como ferramentas prévias para que se reconheça o mundo dado, real e estático, mas para que se produza um mundo. Possibilita uma cognição inventiva em que nunca se coleta dados, mas se inventa e produz conhecimentos (MELLO, 2016, p. 5).

A utilização do referencial teórico se apresentou como um desafio real. Na estrutura textual literária fica pouco atraente a lógica de citações formais conforme está convencionado e estabelecido na academia. Desta maneira, a inclusão dos pensamentos nutridos por vários pensadores emergiu na maior parte das vezes de maneira corrida no próprio texto, com eventuais notas de rodapé para apoio e maior profundidade científica.

## 15 SOL DE GIZ DE CERA

FIGURA 23 – Qrcode da faixa Sol de giz de cera disponível pela plataforma Youtube Music



Fonte: Próprio autor.

*Ela quer me contar um negócio sobre  
Cada pé de feijão que brotou no algodão  
Não, após dar cada detalhe do passeio dos caracóis  
Voa sorrindo, brinca no vento  
Eu vi que o mundo pode ser velho e novo ao mesmo tempo  
Viro rei, pirata e samurai, em resumo, no rumo, papai  
Sou eu quem mata o leão, quem vence o dragão  
Ufa, enfrenta a vida dura  
Dom Quixote doidão, de espada na mão  
E ainda volto pra casa com a mistura, cantando (...)*<sup>33</sup>

Não me parece razoável nomear esse espaço do texto como considerações finais, Sol de giz de cera é um achado precioso para denominar essa etapa das reflexões aqui transmitidas. O nome da faixa é poesia pura, a letra não fica atrás. Em um manifesto de superação propositiva, a letra da canção transmite uma família plena, com referências de

<sup>33</sup> Parte da letra de Sol de giz de cera, canção de Emicida.

negritude, civilidade e literatura. Um aprendizado lúdico, a vida como potência e a beleza das pequenas relações. É uma consagração dos afetos. Emericida traz inclusive sua filha mais velha para participar da faixa, o que dá um tom doce e agradável à canção. Na perspectiva da história, Ciclone desenvolveu com Tania, Yuri, Vinicius, Gil e outros personagens que apareceram ao longo da história uma convivência que se aproxima ou tenta disso, Sol de Giz de cera foi um farol na costura dessas relações. Somos todos Emericidas.

As reflexões e experimentações propostas nessa dissertação não acabam por aqui. Viver, refletir, assimilar e transformar as realidades que nos cercam são tarefas que estarão presentes em toda jornada posterior à finalização dessa dissertação. Tanto na academia como na vida, e sempre buscando uma maneira que não precise separar estes dois mundos. Cabe nesse trecho algumas ponderações que consistem neste “até logo” filosófico, então sigamos com algumas últimas rumações pessoais e coletivas.

O Brasil é um país estruturalmente racista, tanto nas práticas do cotidiano como institucionalmente. Há legalmente algumas iniciativas que se propuseram, ao menos na teoria, reverter esse cenário. No que tange aos espaços de ensinosa e aprendizagens formais, o principal exemplo prático foi a lei 10.639, criada em 2003, que obriga a inclusão da cultura Afro nas escolas. Posteriormente, houve o acréscimo da lei 11.645, em 2008, que adiciona a obrigatoriedade do ensino de cultura indígena. Não foram conquistas que caíram do céu. Têm sido séculos de luta e movimentação organizada. Dos Quilombos ao Movimento Negro Unificado, cada passo desse processo é uma construção coletiva.

Dado a realidade do racismo estrutural, e a convicção que sua superação passa por uma educação emancipadora, o filósofo Renato Noguera, propõe a Afroperspectividade como uma possibilidade de experimentação e existência efetiva. Esse conceito é basicamente uma ótica que coloca no centro de suas reflexões a cultura africana, inclusive para a resolução de problemas essencialmente recorridos a pensadores brancos. Além do caráter simbólico, tal prática dialoga diretamente com a ideia básica de uma pedagogia interdisciplinar.

Partindo destes princípios, pensar e promover a Afroperspectividade dentro do espaço acadêmico é uma maneira de lançar uma semente também nas outras instâncias de ensino. Por mais que hoje existam as leis citadas acima, que garantem parcialmente a transmissão dos saberes afro e indígenas nas escolas do Brasil, a forma e intensidade em que isso acontece ainda não é uma pauta na agenda dos gestores da educação pública. Atravessar essa barreira foi um objetivo do presente texto-experimentação. Então, não é prepotência dizer que um dos anseios dessa produção foi convocar, pela iniciativa e ensaio, outros autores, educandos e

pesquisadores, para que se permitam viver a educação institucional de uma forma autêntica e experimental. Somos todos Emicidas.

Logo, as expectativas a curto e médio prazo são uma mudança no microcosmo da UFF e colégios de Santo Antônio de Pádua, e do macrocosmo das outras Universidades e colégios do Brasil em longo prazo. Com a assimilação pela experimentação e ensaio de outros mestrandos e graduandos, quiçá distintas formas de produzir ciência sejam possíveis e necessárias, com a ambição de que esse pensamento chegue de maneira relevante à educação básica, com professores se apropriando de maneira mais frequente de obras de artes para aproximar os estudantes de saberes ético-estéticos. E mais que isso, estimular simultaneamente a produção de peças artísticas para manifestação de suas dores, felicidades, angústias e demais sentimentos e ideias que se façam necessário.

É importante frisar que essa proposta não deseja anular ou invalidar o ensino como é posto nos dias de hoje, mas alargar os modos outros (e conferir-lhes legitimidade) de vivenciar os espaços e plataformas de ensinamentos e aprendizagens, sejam dentro ou fora dos locais legítimos e institucionais. De maneira transversal e interdisciplinar, pensar uma escola emancipada e potente, é abrir leques com alternativas ao que está colocado como única possibilidade. Sim, dentro de cada menino preto, mora um Emicida. Que cada um encontre o seu Ciclone, e suas linhas de força, para que possamos inventar outros mundos. Já tarda este tempo!

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus Editora, 2000.

AMARAL, Arildo dos Santos; RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. Cartografias, conexões e linhas de fuga: por uma educação desmedicalizante. Dossiê Deleuze & Guattari e a educação, n. 25, 2021.

AS ESTRATÉGIAS de sobrevivência através da oralidade. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (13min08s). Publicado pelo canal Silvio Almeida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U2VJUNjLBuc>> Acesso em: 04 fev. 2021.

BÁRBARA CARINE fala sobre apropriação cultural. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (5min32s). Publicado pelo canal BAHICAST CORTES. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aO-id4p9NPo>> Acesso em: 28 jan. 2022.

BÁRBARA CARINE no Bahiacast. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (2h13min48s). Publicado pelo canal BAHICAST. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=lmkIqBX5h\\_0](https://www.youtube.com/watch?v=lmkIqBX5h_0)> Acesso em: 28 jan. 2022.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. Cartilha sobre o Novo Ensino Médio é lançada no Senado; publicação explica mudanças. 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/novo-ensino-medio>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Perfil sociodemográfico dos magistrados brasileiros – 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3p3C5PP>> Acesso em: 09 fev. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. 4ª Reimp. São Paulo: Editora34, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: Editora34, 2011.

DOROTHY Stang. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Dorothy\\_Stang](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dorothy_Stang)> Acesso em: 04 fev. 2021.

DUARTE, Constância Lima. *Escrivências. Identidade, Gênero e Violência na Obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EMICIDA comenta polêmica sobre canção 'Trepadeira', com Wilson da Neves. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (4min28s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0kusaQOLNX8>> Acesso em: 28 jan. 2022.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ESCOHOTADO, Antonio. *Historia elementar das drogas*. Lisboa: Antígona, 2004.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. Em três artigos que se completam. 9 ed. São Paulo: Cortez Editora / Editora Autores Associados, 1985, pp. 9-14. Disponível em: <[http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia\\_ato\\_ler.pdf](http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf)>. Acesso em: 03 fev. 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. *Apartheid*. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/apartheid.htm>> Acesso em: 09 fev. 2021.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOES, Emanuelle Freitas; RAMOS, Dandara de Oliveira; FERREIRA, Andrea Jacqueline Fortes. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A Editora, 2006.

HALLAL, Pedro *et al.* Evolução da prevalência de infecção por COVID-19 no Rio Grande do Sul, Brasil: inquéritos sorológicos seriados. *Ciência e saúde coletiva*, v. 25, suppl. 1, 2020.

HOOKS, Bell. *Vivendo de amor: o livro da saúde das mulheres e negras*. 2000. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

IBGE. *Perfil sociodemográfico dos Magistrados Brasileiros 2018*. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2018/09/49b47a6cf9185359256c22766d5076eb.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2019.

IPEA. *Professores da educação básica no Brasil: Condições de vida, inserção, no mercado de trabalho e remuneração* – IPEA, 2017.

IURI Gagarin. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://bit.ly/39T5417>> Acesso em: 4 fev. 2021.

KARL Marx. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl\\_Marx](https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx)> Acesso em: 4 fev. 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MELLO, Maristela Barenco Corrêa; PEREIRA JÚNIOR, Tovar Nelson. A questão da linguagem no processo de democratização/popularização e interiorização do ensino superior. (No prelo).

MELLO, Maristela Barenco Corrêa. O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 25, p. 192-209, nov/2015 - abril/2016.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Junho/2014*. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/dl/infopen-dez14.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*: palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 05/11/2003.

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; RIBEIRO, Marcelo dos Santos. Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v.28, n.45, p.434-451, jul.-dez 2019.

NOGUERA, Renato. *O ensino de Filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

NOGUERA, Renato. *Por que amamos*: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. Rio de Janeiro: Travessa, 2019.

RIO DE JANEIRO. *Lei n. 1. de 1837*. Sobre a instrução primária no Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Decreto nº15 de 1839*. Sobre a Instrução Primária no Rio de Janeiro.

ROSA, Katemari; ALVES-BRITO, Alan; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 37, n. 3, p. 1440-1468, dez. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Em: Santos, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado*. Porto: Afrontamento, 2003, pp. 777-821.

SANTOS, Neusa. *Torna-se negro*. Editora Graal, 1983.

SILVA, Afrânio *et al.* *Sociologia em Movimento*. Editora Moderna, 2013.

SOUZA, Bárbara Oliveira. *Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do movimento Quilombola no Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

TÁ CANSADO de ser tratado como descartável? consumismo afetivo com Renato Noguera. *[S. l.: s. n.]*, 2021. 1 vídeo (23min28s). Publicado pelo canal Soltos, por Carol Tilkian. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wmGBHWljE6w>> Acesso em: 28 jan. 2022.

UBUNTU. *[S. l.: s. n.]*, 2018. 1 vídeo (5min55s). Publicado pelo canal Aprontos Multimídia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9N0j4UIB57M>> Acesso em: 28 jan. 2022.

## ANEXO A – CARTA DE PRINCÍPIOS DO GRUPO FLORA



### CARTA DE PRINCÍPIOS

O Grupo Flora – Filosofias, Lógicas e Reescritas Acadêmico-Afetivas nasce em meio a um percurso e a uma jornada acadêmica, em um processo de profunda reflexão. Não nasce de forma prévia, idealizada e nem individualmente. Ele é catalisado a partir de uma necessidade fundamental de um trabalho de orientação, mas nasce-em-grupo e nasce-como-grupo. Emerge de uma experiência coletiva, de muitos estudantes, professores e pesquisadores cansados de uma lógica acadêmica, que persiste sendo colonial; de uma pesquisa e escrita acadêmicas, que persistem em uma forma monológica, legitimando o “conformismo linguístico”, que está na base de todos os outros, como diz Larrosa. Nasce, igualmente, como “invenção de dispositivo de interrupção” (Pál Pélbart) em relação ao tempo linear, produtivista e saturante, importado de uma lógica do capital na Academia. Nasce da convicção de que escrita é arte e de que orientação precisa ser sempre processo coletivo. E que fazer perguntas continua sendo uma forma potente de conhecimento.

Sendo assim, aspira ser um grupo que tem como compromisso “confluir” (Nego Bispo) no prazer de estudar coletiva-interdisciplinar-intergeracionalmente, na fruição do pensar, na educação do gosto, na alegria de se reunir, na experiência coletiva de apoio e fortalecimento mútuo. Tem na Logomarca um compromisso com a Vida. Além do mais,

⊗ É um grupo interdisciplinar (aberto à diversidade de estudos, de temas e pesquisas), desejando tornar-se transdisciplinar, ou seja, capaz de promover diálogos para além dos territórios disciplinares, sendo capaz de forjar outros conhecimentos;

☼ é um grupo que se reúne de forma dialogal, já que se baseia em uma concepção complexa do conhecimento, que não se configura linearmente e nem hierarquicamente, em que todos os participantes têm voz, são oriundos de vários espaços e tempos e representam a própria complexidade e diversidade da vida – dentro e fora da Universidade.

☼ é um grupo formado também por pessoas que prezam o estudo e a reflexão e se encontram outras condições epistêmicas da vida, para além da Academia, fortalecendo um “diálogo de saberes”;

☼ é um grupo comprometido por uma ética da solidariedade, da cooperação e da filosofia “slow” (Domenico De Mais), que caminha forjando um tempo próprio e cíclico, humano e finito, e não o determinado exteriormente pela lógica do capital, que impõe prazos, currículo lattes, ambições de produtividade e competição, processos extrativistas, monológicos e excludentes de escritas. Pretende caminhar forjando um tempo próprio e cíclico.

☼ É um grupo comprometido com o estudo, aprofundamento e diálogos com os textos lidos e não com quantidade de textos. Não acreditamos no conteudismo, nem nas formas de leituras, nem nas formas de escritas, nem na forma de participação de eventos;

Apesar de toda a diversidade interdisciplinar, o eixo dos estudos são Filosofias, Artes (Estética), Lógicas e Reescritas outras (também acadêmicas), mas afetivas, no sentido espinosiano<sup>1</sup>. E o compromisso primeiro é repensar os modos de pensar e as lógicas de pensamento e racionalidade e inventar contra-epistemologias (Entendemos a perspectiva decolonial e a contra-colonial como invenção de outros modos e não apenas a realização da

---

<sup>1</sup> Afetivas aqui remetem à Ética de Espinosa e ao encontro dos corpos. Uma das ideias mais importantes de Espinosa, para o debate filosófico, é saber não o que somos, mas “do que nossos corpos são capazes”. É através de afecções consideradas bons encontros que aumentamos a nossa potência de agir, como é através dos maus encontros que somos diminuídos em nossa potência. Espinosa denomina “ideias-noções”, o estágio em que temos consciência das causas das afecções e não apenas de seus efeitos. Aqui podemos nos libertar das paixões de alegria e tristeza, do automatismo espiritual que nos fabrica e termos domínio das “auto-afecções” ou “afetos ativos”, que nos conferem autonomia para controlar nossa potência de agir, cessando a variação contínua da potência, que nos subjuga ao acaso dos encontros. Aqui sabemos o que nos é conveniente e o que nos é inconveniente na relação entre dois corpos. As ‘ideias-noções’ são, portanto, uma espécie de saída, de emancipação do sujeito. Significam que noções se compõem quando os corpos e as almas se encontram, produzindo alguma coisa que é comum aos corpos e à coletividade, aumentando a potência de agir.

crítica às epistemologias dominantes), assim como promover sempre o diálogo de saberes com todos os sistemas de conhecimento.

## **Metodologia dos Encontros:**

- 1) Leituras e diálogos sobre textos propostos escolhidos coletivamente.
- 2) Oficinas de Escritas / Diário de Bordo?
- 3) Realização de Projetos de Escrita e Publicação de Materiais.
- 4) Elaboração de projetos diversos.
- 5) Orientações coletivas de trabalhos (TCC's, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e Outros).

### **Crítérios para participar do Grupo:**

- ☼ identificar-se e comprometer-se com os princípios do grupo;
- ☼ ter disponibilidade para realizar leituras e escritas;
- ☼ ter disponibilidade para participar dos encontros, às sextas-feiras, de 08:00 às 10:30 horas.

## **ANEXO B – RELATÓRIO ELABORADO PELA COMISSÃO PARA INSERÇÃO DO PROGRAMA DE COTAS NO EDITAL DE SELEÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO (PPGE<sub>n</sub>) – MESTRADO EM ENSINO – DO INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR (INFES)**

### **1. EQUIPE TÉCNICA**

#### **Docentes:**

Francisca Marli Rodrigues de Andrade (SIAPE 1718049)

Jacqueline de Souza Gomes (SIAPE 1730885)

Marcelo Nocelle de Almeida (SIAPE 1680273)

#### **Discente:**

Yuri Marx Silva Milagres (Matrícula M098.219.022) 

### **2. APRESENTAÇÃO**

A Comissão para inserção do Programa de Cotas no edital de seleção do Programa de Pós-graduação em Ensino – Mestrado em Ensino – da Universidade Federal Fluminense (PPGE<sub>n</sub>/UFF), cuja nomeação foi publicada na DTS nº 5-2020, de 10 de julho de 2020, no âmbito do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE<sub>n</sub>) sediado no Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior (INFES), de caráter temporário, é formada por 03 (três) docentes e 01 (um) discente. Tem por objetivo realizar estudos voltados à inserção do Programa de Cotas no edital de seleção do Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado em Ensino – do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior.

### **3. METODOLOGIA**

Em virtude da pandemia de COVID-19 e do contexto de inviabilidade das atividades presenciais, utilizamos o aplicativo Whatsapp para trocas de mensagens entre os membros do coletivo e a plataforma Google Meet para realizar as reuniões. Por meio desses canais, dialogamos sobre os principais aspectos relacionados às políticas de ações afirmativas; bem como outros marcadores sociais que recebem um olhar empático na construção e consolidação dos programas de pós-graduação em âmbito nacional. Para isso, realizamos um

estudo sobre as principais legislações nacionais e documentos internacionais que abordam as políticas de ações afirmativas e de direitos humanos relacionados à educação, principalmente:

- Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- Constituição Federal de 1988.
- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).
- Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial.
- Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.
- Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012, que regulamenta a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio.
- Lei do Estado do Rio de Janeiro nº 6.914, de 6 de novembro de 2014, que dispõe sobre sistema de ingresso nos cursos de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização e aperfeiçoamento nas universidades públicas estaduais e dá outras providências.
- Portaria Normativa nº 13, de 11 de maio de 2016, que dispõe sobre a indução de Ações Afirmativas na Pós-Graduação, e dá outras providências.
- Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016, que altera Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino.
- Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Ademais dos documentos normativos nacionais e internacionais, realizamos um estudo de editais de programas de pós-graduação e outros documentos de diferentes instituições públicas nacionais, entre os quais destacamos: Universidade de Brasília (UnB), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal Fluminense (UFF). Vale mencionar, ainda, que uma das representantes da Comissão participou, em 23/09/2020, de reunião com representantes da PROPPI/UFF e da AFIDE/UFF (Comissão Permanente de

Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade). A descrição dos pontos importantes desta reunião segue em anexo já que tratou, mais especificamente, de discussão sobre os desafios à instalação de Comissões de Aferição pelos Programas de Pós-graduação da UFF no curso de seus processos seletivos.

Com as informações provenientes das leituras dos marcos normativos e dos documentos citados, a Comissão reuniu-se na data de 26/03/2021 – com início às 14:00h e finalização às 16:15h – conversou e deliberou sobre alguns dos principais aspectos sobre a inserção do Programa de Ações Afirmativas para os próximos editais de seleção do PPGEn/UFF. Posteriormente, utilizamos um arquivo na plataforma do Google – Google Docs – para elaborar um documento coletivo com os apontamentos que a Comissão considerou serem imprescindíveis à abordagem das políticas de ações afirmativas do PPGEn/UFF, com a finalidade de incluir alguns grupos e coletivos sociais. A Comissão reuniu-se, ainda, no dia 12/05/2021 a fim de deliberar sobre a versão final deste documento a ser apresentada na próxima reunião de colegiado do Programa.

#### **4. RECOMENDAÇÕES PARA DISTRIBUIÇÃO QUANTITATIVA DE COTAS NOS EDITAIS DE SELEÇÃO PARA INGRESSO NO PPGEn/UFF**

A Comissão recomenda uma política de ação afirmativa, pensada para incluir as/os candidatas/os que formam parte de alguns grupos e minorias políticas; bem como, de outros que historicamente tiveram/têm dificuldades de acessar aos programas de pós-graduação no país. Para isso, toma referência marcos jurisdicionais estaduais, nacionais e internacionais; bem como, considera diferentes conjunturas políticas, sociais e econômicas, as quais imprimem lógicas racistas, sexistas, classistas e homofóbicas para excluírem diferentes grupos e minorias políticas do direito à educação escolarizada. Essa exclusão fica ainda mais evidente no acesso aos programas de pós-graduação<sup>2</sup>. Nesse sentido, considerando uma conjuntura de **30 vagas** por edital anual, a Comissão recomenda os seguintes grupos sociais e seus respectivos quantitativos de vagas:

---

<sup>2</sup> Informações podem ser consultadas em: ARTES, Amélia. Dimensionando as desigualdades por sexo e cor/raça na pós-graduação brasileira. EDUR • Educação em Revista. 2018; 34:e192454. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/tkrr6kbbwzbs946mc96xGWp/?format=pdf&lang=pt>>.

- a) **Negros (pretos e pardos)** – Considerando a histórica desigualdade social imposta à população negra no cenário brasileiro, no que diz respeito o acesso à educação e, principalmente, aos cursos de pós-graduação, esta Comissão recomenda **6 vagas** destinadas às e aos candidatas/os optantes por esse grupo social. Ademais, a Comissão recomenda que os(as) candidatos(as) autodeclarados(as) negros(as) sejam entrevistados(as), durante o processo seletivo do PPGEn/UFF, por uma comissão de heteroidentificação da Universidade Federal Fluminense (UFF) para que não haja desvio da finalidade da política de ações afirmativas.
- b) **Indígenas** – Não somente no Brasil, os povos originários, historicamente, têm sido vítimas do etnocídio, do genocídio, do ecocídio e do racismo estrutural e, portanto, ultrajados dos seus direitos fundamentais. Principalmente o racismo estrutural – reafirmado constantemente na negligência e omissão do Estado – tem vulnerabilizado o direito à educação dos povos indígenas nos espaços escolarizados. Para confrontar essa realidade, esta Comissão recomenda **2 vagas** destinadas às pessoas optantes por esse grupo social. Para efeitos de comprovação, com vista a garantir a finalidade da política de ações afirmativas, esta Comissão recomenda que as/os candidatas/os que optarem por esse grupo apresentem uma Declaração de Pertencimento à Comunidade Indígena, assinada por liderança ou organização indígena atestando o seu vínculo ao grupo.
- c) **Quilombolas** – Os quilombolas representam espaços/comunidades de resistência, diante de uma conjuntura sócio-político-cultural que tenta negar os impactos da escravização de pessoas – e todos os tipos de violências que isso comporta – na formação social brasileira. Nessa formação, o racismo estrutural tem vulnerabilizado essas comunidades, impondo-lhes uma condição de desigualdade, sobretudo no acesso à educação. Por essa e outras razões, esta Comissão recomenda **2 vagas** destinadas às pessoas optantes por esse grupo social. Para efeitos de comprovação, com vista a garantir a finalidade da política de ações afirmativas, esta Comissão recomenda que as/os candidatas/os que optarem por esse grupo apresentem uma Declaração de Pertencimento à Comunidade Quilombola, assinada por liderança ou organização quilombola atestando o seu vínculo ao grupo.

- d) **LGBTQIA+** – o grupo de pessoas LGBTQIA+ tem ainda pouca representatividade no ensino superior e, por consequência, esta comissão recomenda **2 (duas) vagas** para minimizar tal injustiça social, marcador latente de nossa sociedade fortemente homofóbica. As políticas afirmativas para pessoas LGBTQIA+ no ensino superior favorecem o reconhecimento da identidade de gênero e contribuem para que, especialmente numa formação em ensino, se estimule a reflexão crítica sobre o preconceito e a exclusão destas pessoas nos ambientes escolares, que tendem a ser extremamente violentos e violadores de direitos das pessoas LGBTQIA+. A reserva de vagas para este grupo reforçará o compromisso do PPGEn/UFF com uma formação docente que encampa esta luta por reconhecimento e que não reproduz o ciclo de violência e homofobia contra este grupo. Sugerimos, inclusive, a consulta a coletivos LGBTQIA+ quando da elaboração do edital.
- e) **Pessoas com deficiência** – a reserva de vagas para pessoas com deficiência assegura direitos previstos em documentos nacionais e internacionais e permite que sejam atenuadas discrepâncias históricas no acesso deste grupo ao ensino superior. Neste sentido, a comissão recomenda **2 (duas) vagas** às pessoas com deficiência. Desde o processo seletivo deverá ser observada a Lei Brasileira de Inclusão (Lei n. 13.146/2015), especialmente o disposto no artigo 27, e outros dispositivos legais a fim de que sejam oportunizadas as condições adequadas para a realização do mesmo. Cabe destacar, ainda, que não bastará a criação de um quantitativo de vagas no edital para ingresso no Programa, mas será de fundamental importância a previsão e disponibilidade de condições de acessibilidade destes/as estudantes, quer para acesso aos ambientes do Instituto e estímulo à práticas anticapacitistas, quer para que as condições curriculares não se tornem barreiras para a integralização do curso pelos/as candidatos/as aprovados/as.
- f) **Mulheres mães (com filhas/os até 12 anos)** – Considerando os processos de iniquidades sociais, políticas e econômicas entre os gêneros, enquanto uma das características mais marcantes das sociedades fundamentadas no machismo estrutural, esta comissão destaca a necessidade do PPGEn/UFF repensar formas de seleção que possam reduzir essas iniquidades. Pois, entende que, historicamente, o machismo estrutural tem atribuído a função e a responsabilidade do cuidado familiar às mulheres, principalmente, a função de alimentação, proteção e educação de crianças. Ampliando,

assim, obstáculos para a formação e para a profissionalização das mulheres enquanto estratégia de manutenção desse modelo de sociedade. Com esses elementos, esta comissão recomenda **2 vagas** destinadas às mulheres mães de crianças de até 12 anos. Para efeitos de comprovação, com vista a garantir a finalidade dessa ação afirmativa, esta Comissão recomenda que as candidatas que optarem por esse grupo apresentem a certidão de nascimento e/ou outros documentos que comprovem a guarda provisória da criança no ato da inscrição no processo seletivo do Programa. Para efeitos de validação desse critério a criança deverá ter 12 anos de idade até o último dia de inscrição, de acordo com o cronograma do edital.

- g) **Docentes da Educação Básica pública (com mais de cinco anos de experiência)** – Considerando a formação docente como um processo contínuo, uma vez que somente a formação inicial é insuficiente para proporcionar todos os elementos necessários a uma prática consistente. Esta Comissão compreende que o desenvolvimento profissional, diante dos futuros desafios metodológicos, conceituais e de gestão escolar, precisa ser ampliado. Pois, muitas educadoras/es desempenham suas atividades utilizando basicamente os conhecimentos assimilados em sua formação acadêmica inicial, diminuindo sua habilidade de produzir mudanças por falta de oportunidade e/ou estímulo. As barreiras para um exercício pleno do magistério incluem, ainda, a fragilidade do material didático, a baixa remuneração, o limitado acesso às fontes atualizadas de informação e a fraca interação com a comunidade científica. Isso acaba por gerar um abismo entre o conhecimento assimilado na universidade e a realidade da sala de aula, o que poderá aumentar, com o tempo, e a falta de atualização. Assim, esta Comissão recomenda **2 vagas** destinadas aos docentes da educação básica da rede pública de ensino, com a finalidade ampliar as possibilidades de formação contínua de docentes e, por conseguinte, fortalecer a educação básica da região. Para efeitos de comprovação, com vista a garantir a finalidade da política de ações afirmativas, esta Comissão recomenda que as/os candidatas/os que optarem por esse grupo apresentem documentação comprobatória de efetivo exercício docente na rede pública, preferencialmente no Noroeste Fluminense, por um período igual ou superior a 5 (cinco) anos de docência. Para efeitos de validação desse critério, a integralização do tempo de exercício na docência terá como data limite o último dia de inscrição, de acordo com o cronograma do edital.

- h) **Estudantes estrangeiros** - a Comissão reconhece a importância da educação para ampliar leituras de mundo de docentes e discentes do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen/UFF) e, com isso, fortalecer os princípios fundamentais de respeito aos direitos humanos, às diferenças culturais e modos de vida; assim como, a compreensão e a tolerância entre as nações. Com a finalidade de promover a internacionalização enquanto aspecto fundamental de integração científica, tecnológica, cultural e social de pessoas estrangeiras no Brasil, esta comissão recomenda ao Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen) a disponibilização de **2 vagas** para candidatas/os estrangeiras/os que se encontrem em situação regular no Brasil. Para efeitos de comprovação, com vista a garantir a finalidade da internacionalização e do direito universal à educação, esta Comissão recomenda que as/os candidatas/os que optarem por esse grupo apresentem o passaporte e/ou outros documentos que comprovem a sua nacionalidade e situação regular no país no ato da inscrição no processo de seleção.
- i) **Cota social (renda familiar per capita abaixo de 1,5 salário mínimo)** - Considerando o recorte de classes uma ruptura real em nossa sociedade em relação ao acesso à educação, essa categoria tem como objetivo reservar **2 vagas** para as/os candidatas/os que apresentem uma renda comprovada inferior à R\$1.500,00 por membro familiar, e que a/o candidata/o tenham cursado integralmente o Ensino Médio em escolas públicas. A Comissão reconhece que a desigualdade econômica é um marcador social que interfere diretamente à progressão acadêmica, garantir estas vagas é uma maneira de reparar estas distorções no tempo e espaço onde elas acontecem e se acentuam. A ramificação dessas vagas se justifica sob a perspectiva de combater as desigualdades sociais, um princípio elementar de um estado que se entende como democrático de direito.

## 5. OUTRAS RECOMENDAÇÕES

Para além das cotas no edital de seleção ao PPGEn/UFF, a Comissão recomenda: *a)* Discussões e estudos sobre cotas para mulheres mães no credenciamento/recredenciamento de docentes do PPGEn/UFF; *b)* Estudos e deliberações sobre aumento de prazo para estudantes mulheres que tiverem filhos/as durante o curso de mestrado; *c)* Estimule a oferta de curso preparatório (ou de atividades extensionistas afins) para ingresso na pós-graduação de

estudantes que se sintam em desvantagem socioeconômica; *d)* Revisão dos critérios para concessão de bolsas no Programa em função do ingresso via cotas; *e)* Elaboração de um documento com recomendações ao colegiado de Unidade para maior acessibilidade de estudantes com deficiência no Instituto; *f)* Aplicação de um questionário sociodemográfico com a finalidade conhecer o perfil das/os inscritas/os no processo seletivo e, conseqüentemente, das/os aprovadas/os; *g)* Formação de uma comissão para revisão deste documento a cada cinco anos; *h)* Caso o colegiado considere necessário, a Comissão recomenda que as questões controversas sejam encaminhadas à PROPPI.

Santo Antônio de Pádua, 01 de julho de 2021.

**Comissão para inserção do programa de cotas no edital de seleção do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen/UFF)**

## ANEXO C – ÁLBUM O GLORIOSO RETORNO DE QUEM NUNCA ESTEVE AQUI

